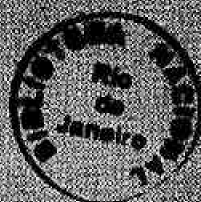
REVISTA DA SEMANA

★ 7-7-51



CR$ 3,00 EM TODO O

SOC. HERMES LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

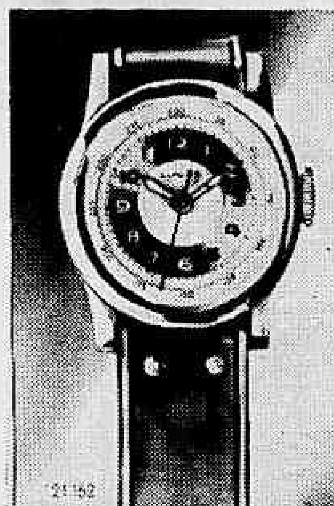
RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL





21.162 - Relógio esportivo, cromado, com máquina sistema Roskopf, mostradores variados, ponteiro de segundos no centro. Preço especial. **Cr$ 95,00**

15.862 - Caixa inteiramente cromada, bôa máquina sistema Roskopf, mostradores variados; pulseira plástica. Oferta especial. **Cr$ 83,00**

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central. Oferta de propaganda. **Cr$ 158,00**

48.362 - Calendário! Indica hora e dia! Caixa esportiva, cromada, c/ fundo fôsco; máquina suiça, sistema Roskopf, mostrador claro; pulseira elástica, de aço inoxidável. Oferta vantajosissima. **Cr$ 248,00**

82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia. **Cr$ 378,00**

83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Âncora com 15 Rubis, amplamente garantida. Vidro lente. Belo adôrno por preço todo especial. Certificado de Garantia. **Cr$ 595,00**

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra fina, fundo de aço inoxidavel, superior máquina de Âncora, de precisão, com 17 Rubis; ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês. Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia. Um belissimo adôrno de grande utilidade! **Cr$ 985,00**

36.462 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, números e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda. **Cr$ 118,00**

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos. Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável. Oferta especial. **Cr$ 195,00**

36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos; com bonita pulseira cromada. Preço todo especial. **Cr$ 138,00**

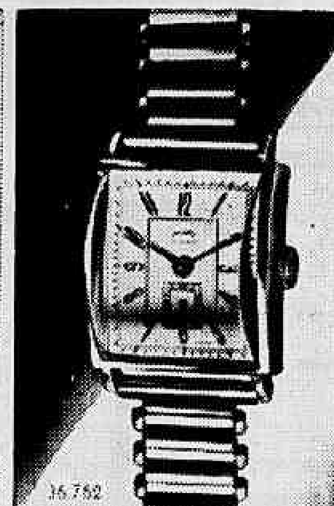
55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosissimo. **Cr$ 398,00**

83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente. Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação. Certificado de Garantia. Oferta de propaganda. **Cr$ 498,00**

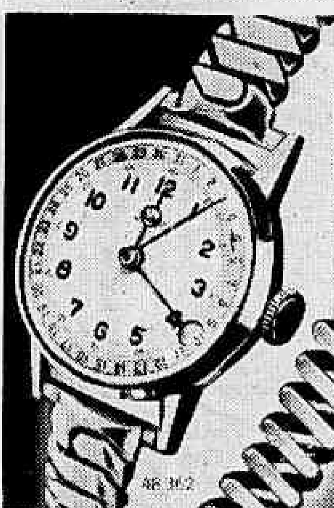
65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, mostradores variados. Cordonet de seda. **Cr$ 238,00**

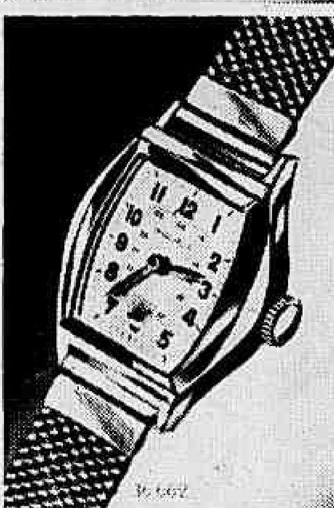
46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça c/ 15 Rubis, IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro. Certificado de Garantia. Oferta vantajosissima. **Cr$ 438,00**



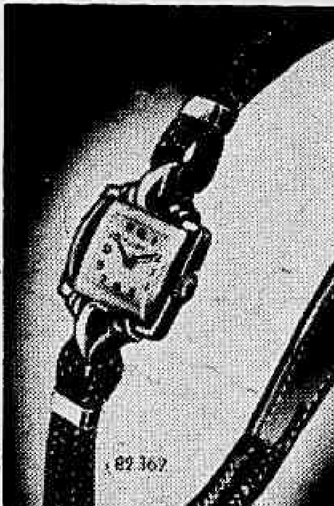


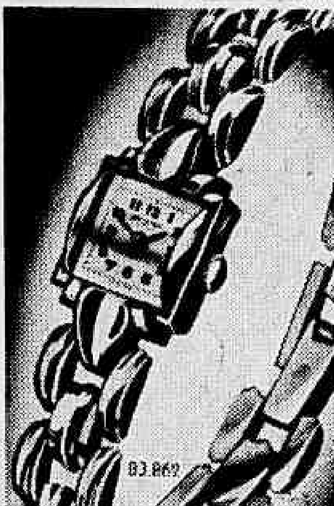






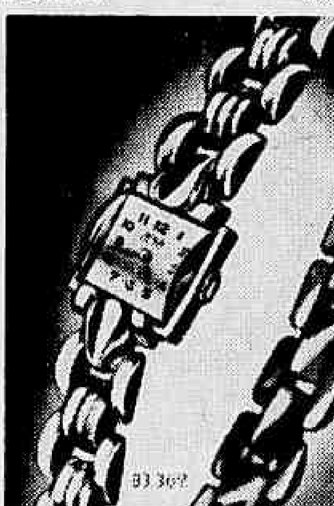


















51.662 - Apresentação belissima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia. Uma bela jóia por preço especial. **Cr$ 438,00**

57.761 - Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, máquina finissima de Âncora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMÁTICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central. Moderna pulseira estensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior. Certificado de Garantia. **Cr$ 890,00**

47.162 - Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada, reforçada, com máquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA. Preço de propaganda. **Cr$ 218,00**

50.562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, com 15 Rubis, elegante, mostrador claro, numeração dourada. Oferta especial. **Cr$ 255,00**

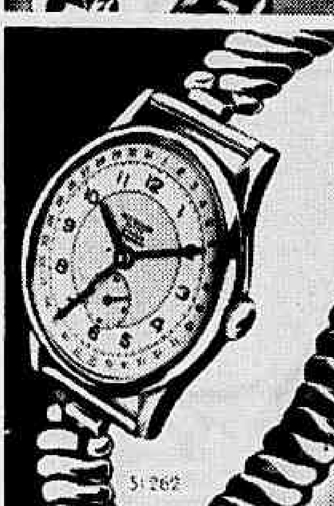
50.262 - Mesmo modêlo, com caixa folheada a ouro, fundo de aço inox. **Cr$ 298,00**

51.262 - Calendário! Indica hora e dia. Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox., superior máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados; c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal fundo de aço inoxidável. Certificado de Garantia. **Cr$ 628,00**

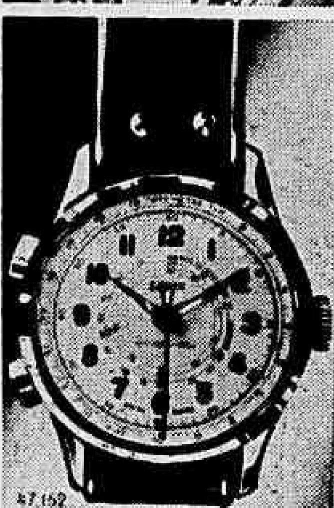
51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos; bonita pulseira folheada. Fornecido com Certificado de Garantia. **Cr$ 375,00**

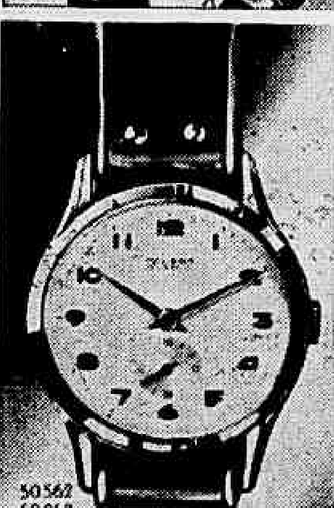
12.962 - Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior máquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras. Certificado de Garantia. **Cr$ 475,00**

11.562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradavel. Dispositivo para colocar na mesa. De grande utilidade. Preço vantajoso. **Cr$ 250,00**













ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. HERMES LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

CUPUM

NOME ______________________ RS

RUA ______________________

CIDADE ______________ ESTADO ______________

ENVIE NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERA GRATIS ESTA AGENDA DE 1951

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS BIJOUTERIAS JOIAS-ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES

TENORIO NA PENITENCIARIA



"A FERA DE CAXIAS" CAUSA PÂNICO NA ADMINISTRAÇÃO DO CAP. VICTÓRIO CANEPPA ★ SURPRÊSA, CURIOSIDADE E BORBORINHO ENTRE OS DETENTOS ★ TODOS QUEREM VER E OUVIR O HOMEM MAIS DISCUTIDO NO MOMENTO.

Texto e fotos de ABDIAS RODRIGUES

CRIMINALISTAS e psiquiatras afirmam que as razões reais para o assassínio nunca são manifestas. Não podem ser determinadas de aparências externas. O assassino parece ser uma pessoa completamente sem mêdo, tão forte que não vacila em enfrentar a terrível punição que talvez o espere. Mas se se raspar essa rude mão de tinta, invariàvelmente, aparece á um ser avassalado com sentimentos de inferioridade. Mata porque sòmente praticando o mais imprudente e ousado de todos os atos pode se libertar um pouco do seu sentimento de fraqueza. Naturalmente, nem todos os que crescem sentindo-se inseguros e inferiores, matam. Alguns tornam-se alcoólatras; alguns suicidam-se; alguns transformam-se em pervertidos sexuais; outros dão saída aos seus sentimentos por caminhos socialmente aceitáveis. Milhares, porém, terminam como assassinos.

Quando e como irão êles matar não pode ser predito. Com alguns o fator precipiante pode ser a súbita perda do emprêgo, ou desapontamento no amor, mas muitos têm sido provocados por meras bagatelas. Recentemente, um homem matou um amigo por causa de um cruzeiro; uma mulher assassinou um vizinho que deixou de lhe devolver a revista que pedira emprestada.

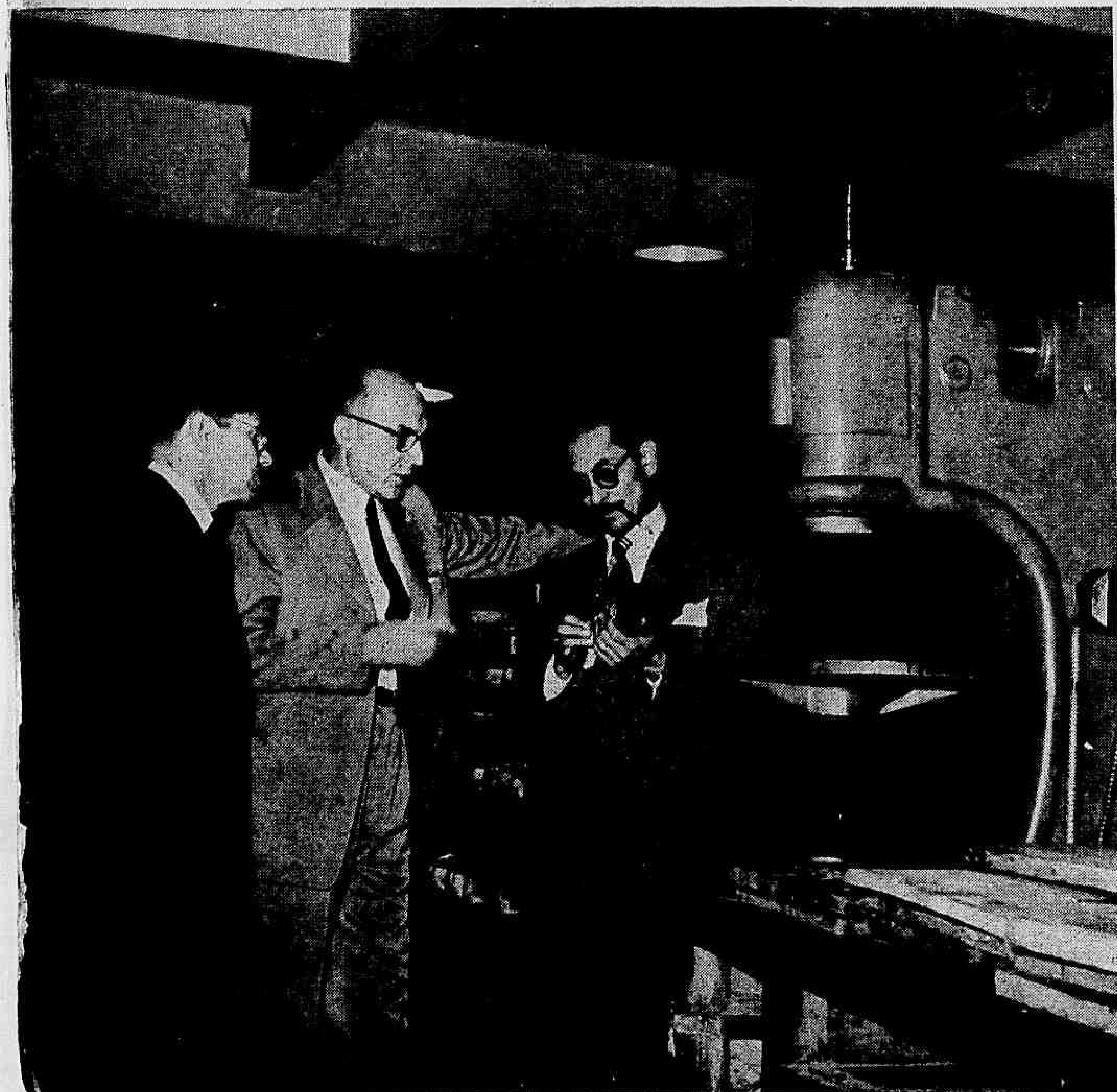
Já tivemos ocasião de relatar que a maioria dos crimes são praticados por motivos de somenos importância. Nos chamados grandes crimes predominam os fatôres *Dinheiro, Mulher e Vingança*. Se-



O DEPUTADO Tenório Cavalcanti quando penetrava na Penitenciária Central do Distrito Federal. Ao alto o secretário do diretor e um guarda.



O DEPUTADO Tenório Cavalcanti, acompanhado do diretor e seu secretário, quando, na cozinha da Penitenciária, examinava a comida que é servida aos detentos. Em baixo examinando um sapato fabricado pe os presos.



gundo dados do Serviço de Estatística Demográfica, Moral e Política do Ministério da Justiça, que é um ó gão integrante do sistema estatístico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, são os seguintes os dados computados durante 5 anos, no Distrito Federal:

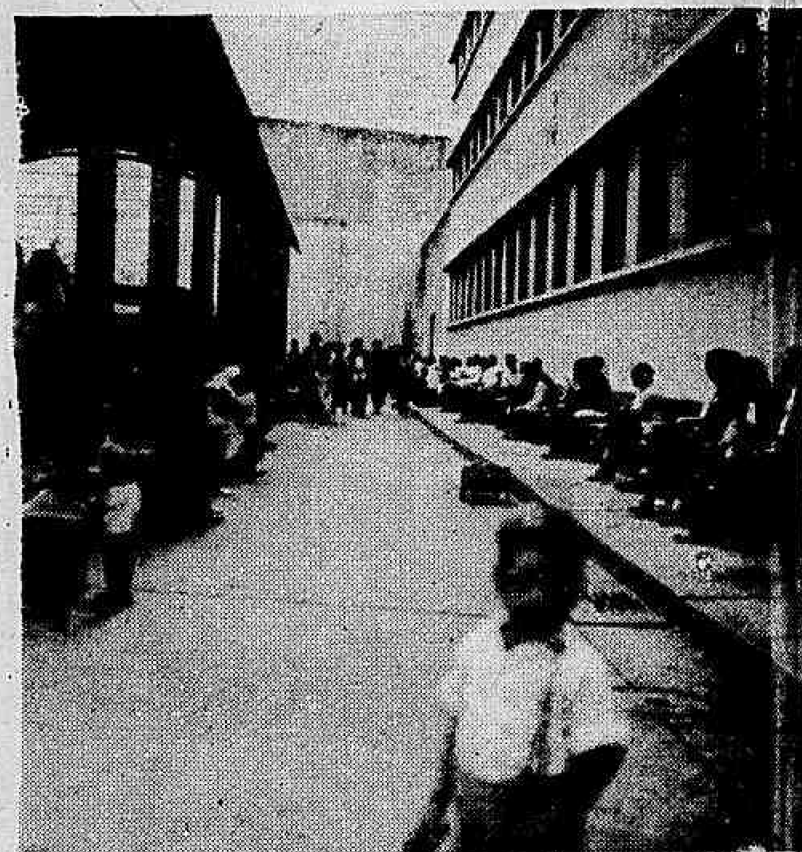
No ano de 1942 ocorreram 4.939 crimes; em 1943 — 6.610: 1944 — 7.328; 1945 — 6.537; 1946 — 7.129; 1947 — 8.436.

★

De acôrdo com os registros do F.B.I. ocorre um assassínio cada 15 minutos, nos Estados Unidos. Sabe-se que 36 crimes de morte se dão cada dia e a maioria é cometida por gente que nunca planejara ou esperava matar. Além disso, cada dia, centenas de pessoas tentam assassinar, sem sucesso. E uma média de 250 pessoas são prêsas diàriamente, por terem cometido assalto com intenções de matar. Estas estatísticas, no entanto, não contam tôda a história. Há um número de assassínios e tentativas que nunca chega ao F.B.I. "Com razoável certeza pode-se dizer que vários milhares de assassínios passam despercebidos cada ano— estatuiu um recente editorial no *Journal of The American Medical Association*. — Em alguns casos, — explica o editorial, — é devido ao assassino não deixar absolutamente prova do seu ato e, em muitos, por haver insuficiente investigação da causa da morte. Note-se, também, que o assassínio é um costume peculiarmente americano. Na América a média dos crimes de morte é a mais alto do mundo".

★

Em verdade, à proporção que o homem civiliza-se torna-se mais feroz. E, embora sabendo que *o crime não compensa*, continua matando o próximo. Todavia, depois do crime vem sempre o arrependimento. Constatamos isso quando, em companhia do deputado Tenório Cavalcanti, visitamos os 900



UMA VISÃO do pátio de visitas. Em primeiro plano aparece o filho de um detento.



NO PATIO da Penitenciária os detentos recebem a visita dos seus parentes e amigos.

presos que se acham na Penitenciária Central do Distrito Federal.

Muitos, aproveitando-se da nossa presença, fizeram reclamações contra a administração do Cap. Victório Caneppa, dizendo: "O Cap. é rigoroso, a comida é ruim... não se pode ler jornais nem revistas, etc., etc." Convenhamos que tudo seja verdade. Mas a verdade insofismável é que numa prisão a vida não pode ser bela. "Não são a comida nem o rigor do Cap. Caneppa que fazem com que a tristeza reine no presídio, não; e sim a falta de liberdade" — disse o deputado Tenório.

Visitamos todos os pavilhões da Penitenciária. Examinamos tudo; desde a cozinha até ao hospital. Ao detento não fal.a nada, exceto a liberdade. O hospital possui o melhor aparelho de Raio X existente no país. No gabinete dentário também há Raio X. Cada quarteirão abriga 240 presos; 40 em cada galeria, em cubículos individuais. Há muita higiene, tendo sido instituido, ùltimamente, um prêmio ao detento que melhor cuidar de sua célula. Os doentes têm alimentação especial. A comida não é uma maravilha, mas é superior a que muitos operários comem cá fora. Os presos podem receber visitas. Os que são casados ou têm *amigas* podem, uma vez por semana, ter relações sexuais, nos gabinetes preparados especialmente para êsse fim. Enfim, os detentos desfrutam de certas regalias, menos de liberdade.

Depois de percorrermos todos os pavilhões, e, uma vez já no gabinete do diretor, o deputado Tenório disse ao Cap. Caneppa:

— "Estou satisfeito comigo mesmo. Ora, tenho recebido muitas cartas onde são feitas severas cri-

(*Cont. na pág.* 50)



UM CLOSE-UP DA FERA DE CAXIAS. Êste homem que hoje é deputado federal, foi outrora porteiro de hotel e servente. Passou tôda sorte de privações, mas acabou vencendo de ponta a ponta. A foto foi feita dentro de sua Cadilac-51.



OS DOENTES recebem tratamento especial. O deputado Tenório novamente na cozinha.



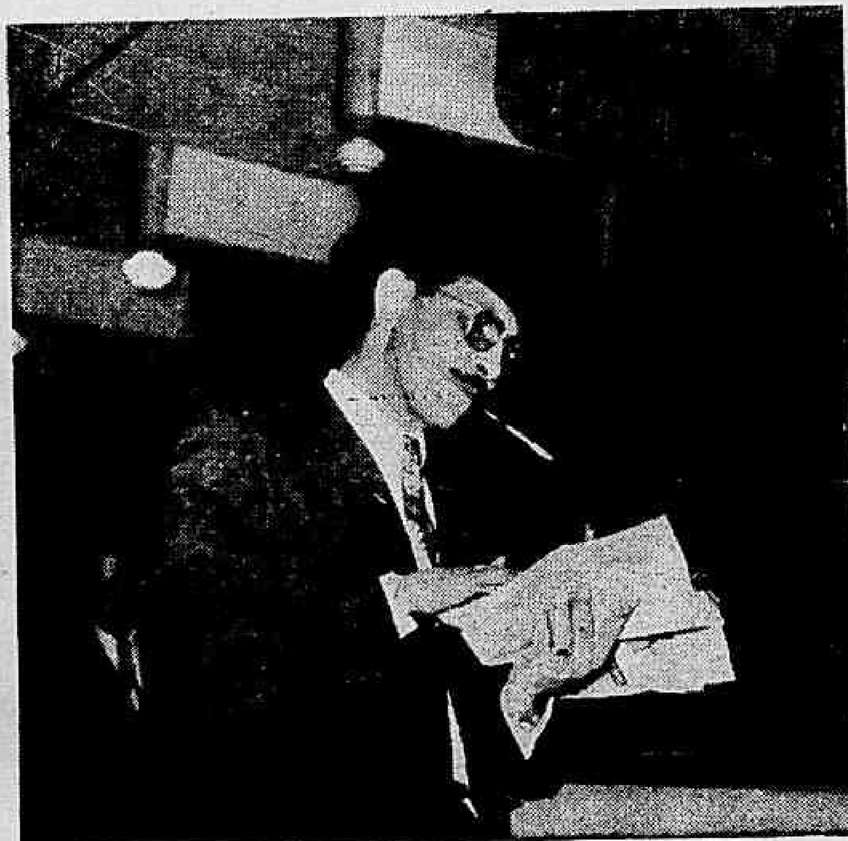
CADA PRÊSO recebe ao entrar para a Penitenciária os seus uniformes. Na foto um detalhe.



DEPOIS de percorrer tôdas as dependências da Penitenciária, o dep. Tenório palestra com o diretor.



NA SALA de operações o dr. Tenório se detem examinando minunciosamente os aparelhos...

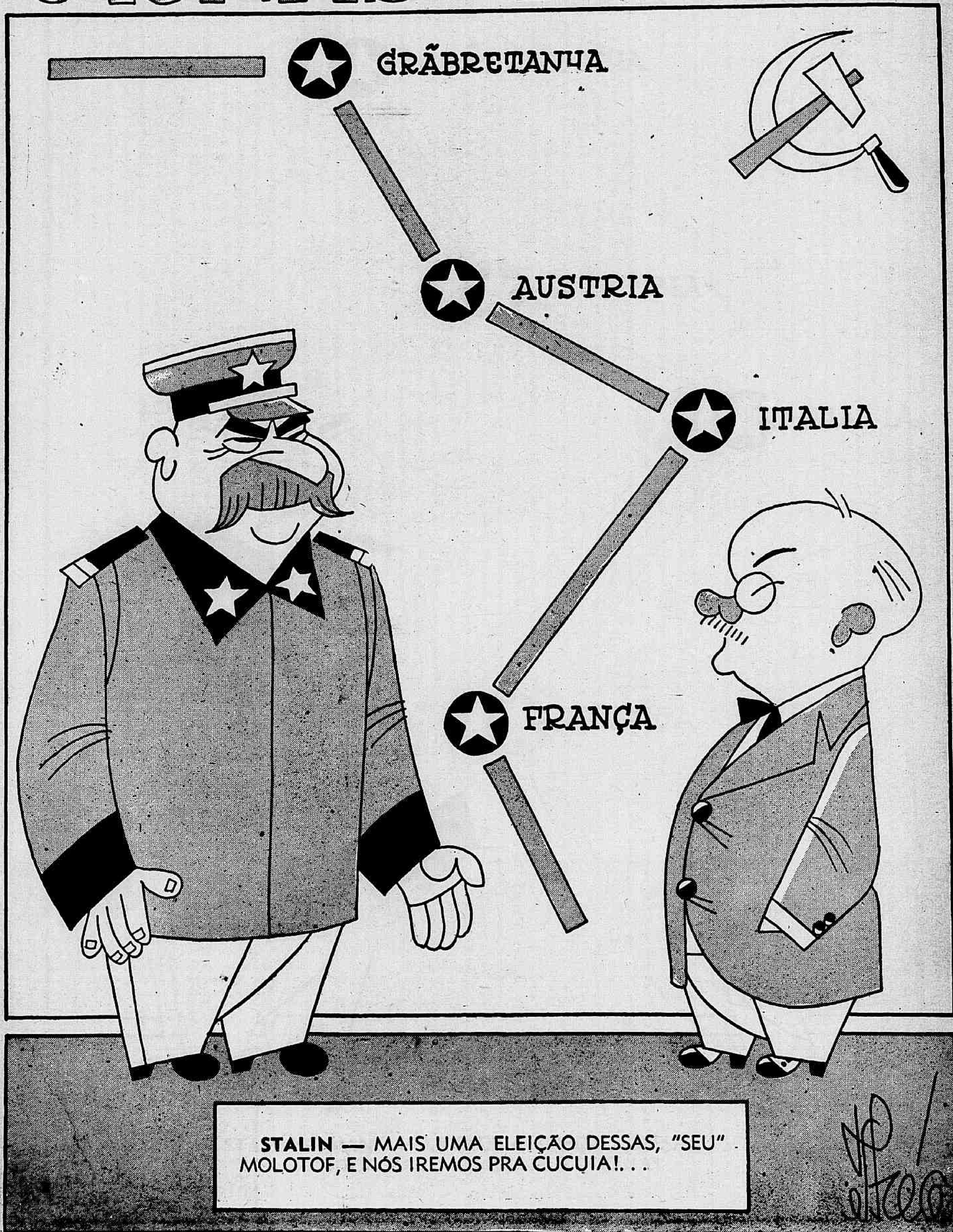


O DEP. Tenório compulsando documentos importantíssimo que lhe foram apresentados pelo diretor



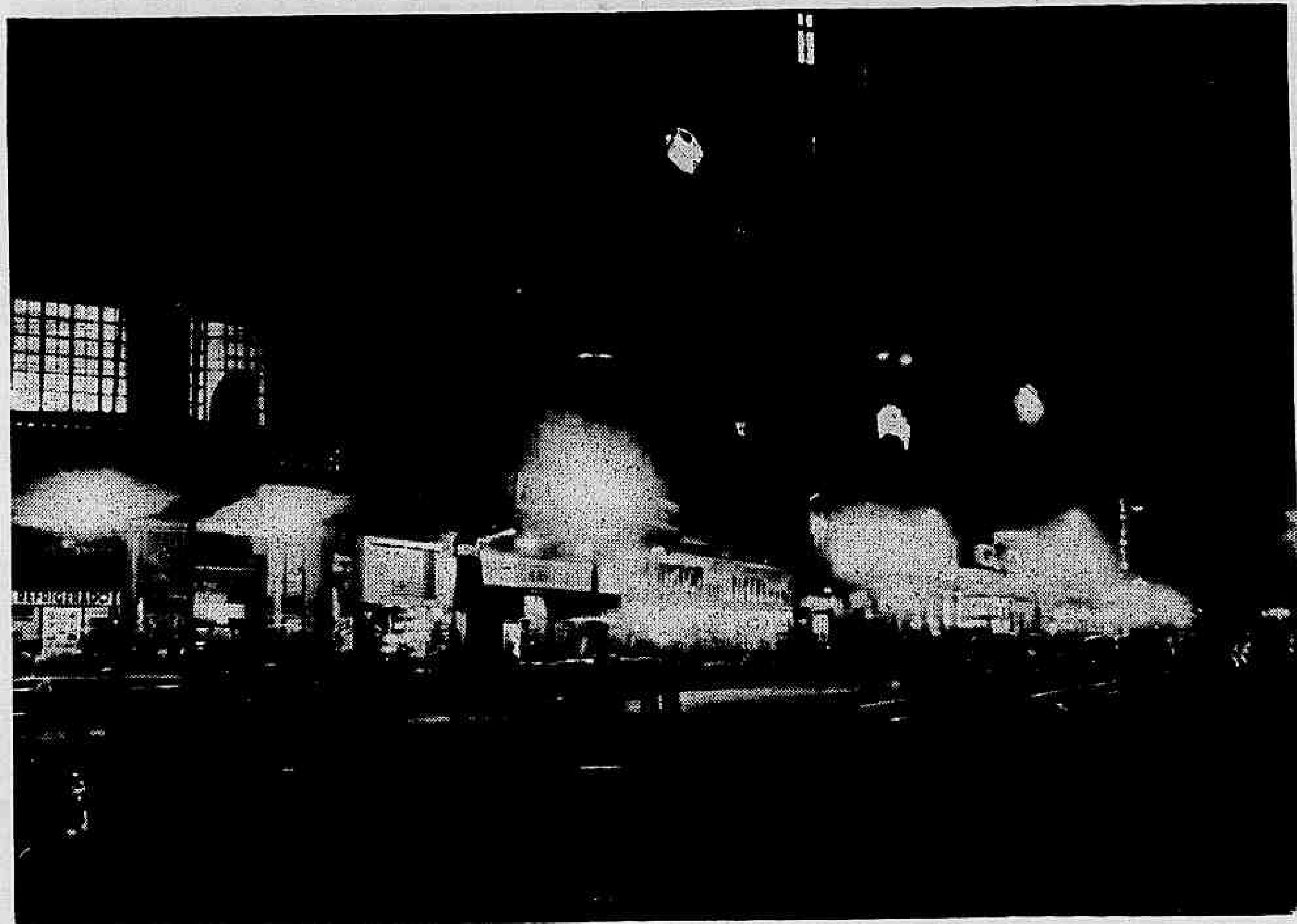
FINALMENTE, despedindo-se do secretário que, cortezmente o acompanhou até ao carro.

URNAS LIVRES



STALIN — MAIS UMA ELEIÇÃO DESSAS, "SEU" MOLOTOF, E NÓS IREMOS PRA CUCUIA!. . .

ANO LI * N.° 27 REVISTA DA SEMANA 7 - 7 - 1951



O HOMEM E A OBRA

UM velho conhecido nosso voltou ao Rio depois de vinte anos passados nos maiores centros da Europa e da América. Voltou e surpreendeu-se com o movimento da Cinelândia. Para êle, familiarizado com a esquina mais populosa do mundo, o Times Square; com os "boulevards" parisienses e as largas avenidas britânicas, para êle que durante vinte anos se desinteressou um pouco da terra em que nasceu — sim, é brasileiro — e se esqueceu que o tempo também passou por nós e nos fêz maiores em algumas coisas — o borborinho, a confusão de gentes, em tôdas as horas da tarde e até tarde da noite, nesse pedaço da cidade, foi razão de espanto. Saíra do Rio quando a Cinelândia era ainda um pano-de-amostra daquilo em que deveria tornar-se; assistira, ali, ao nascer dos primeiros cinemas, dos primeiros "arranha-céus" (que vergonha chamar-lhes assim nos dias de hoje!), das primeiras sorveterias, quando a Americana, nos baixos do Odeon, era podre de "chic". E volta agora. Tem, por vêzes, a impressão de estar dando um giro pelos Champs Elysées ou pela Gran Via, embora reconhecendo que a desvantagem da Cinelândia está em cessar todo o movimento por volta de uma da madrugada. Mas em outras horas, a semelhança transparece. E começa a sentir que já se pode viver no Rio, quando o cidadão carioca justamente começa a pensar o contrário. Vem refinado de civilização, dessa civilização esdrúxula de após-guerra; não o escandalizam os chamados aspectos existencialistas de além-túnel e acha tudo muito divertido, sumamente elegante, índice de progresso. Mas o que mais o deslumbra é a agitação da Cinelândia. Recorda, com emoção, aquela ponta da Avenida ao tempo do Convento da Ajuda, quase em trevas — e depois, quando se abriam os primeiros cinemas, para os quais não havia jeito de se encaminhar o público, ainda acostumado a não estender as pernas além da Galeria Cruzeiro ou do Municipal.

★

As evocações do velho conhecido que veio rever o Rio depois de vinte anos, servem para também despertar em outros que aqui ficaram, algumas lembranças. Lembranças que o tempo, cada dia mais egoísta e veloz, procura apagar, de tão alucinantemente que temos de vivê-lo. Lembranças de um homem hoje esquecido e a quem se deve, com golpe de vista diametralmente oposto ao dos homens de govêrno da época, a fundação da Cinelândia, dêsse pedaço de Avenida hoje conhecido mundialmente. A construção dos primeiros edifícios mais altos da cidade — o Capitólio, o Glória, o Império, pouco depois o Odeon — tão altos que não podiam furtar-se ao espírito de crítica do povo e dos humoristas. "P'ra quê casas tão altas numa terra onde há tanto espaço a ocupar? Isso nunca será ocupado..." Chamavam-lhes os Elefantes Brancos, e àquele que primeiro antevira o movimento de hoje — um louco, rematado louco: Francisco Serrador. Mas dos loucos dessa espécie é que se fazem os construtores das grandes cidades, os arquitetos do mundo. Êle não fêz muito, vê-se agora, porque não o deixaram fazer. A mentalidade então predominante não consentia. Mas o que fêz ficou e não desaparecerá.

Nós o vimos a convencer homens de dinheiro para que o ajudassem a construir mais um prédio de dez ou doze andares, trabalhando mais para os outros que para êle próprio. Para os outros e para a cidade. Nós o acompanhamos, subindo e descendo escadas em obras, de castiçal na mão, quando ainda não havia instalações elétricas nos prédios em arcabouço, mostrando aos amigos incrédulos, o que ia ser feito. Ou então, associando-se aos negócios mais estranhos que por ali se abriam, arriscando-se aos prejuízos só para mostrar a terceiros que prejuízos não poderia haver. Foi sócio de confeitarias, de cafés e bares, de "cachorro quente", até de portinhas de engraxate. Depois, quando os negócios começavam a dar, êle abria mão da sua parte, desejando apenas construir. Construir grandes cinemas, bons teatros, dar à cidade o que a cidade não tinha — e pouco mais tem depois que êle morreu.

Houve um momento em que a sua popularidade se impôs até seu nome ser dado àquelas quadras de prédios altos; e por algum tempo aquilo não foi Cinelândia, foi o Quarteirão Serrador. Mas tudo passou e se esqueceu, quando êsse homem morreu e outra geração surgiu, com a celeridade e a amnésia características da época. Só a obra do homem ficou e cresceu. Horizontal e verticalmente. E' a Cinelândia dos seus sonhos que aí está, populosa, acotovelante, cheia de luzes, intensamente ativa, que os olhos do seu animador, coitados, não chegaram a ver. E o tempo continuará passando, cada dia relegando para maior olvido o construtor, enquanto o seu trabalho cada dia crescerá mais. Êsse o destino inglório do homem em tôdas as terras e em todos os tempos.

Mas quando o velho amigo, ausente de vinte anos, voltou e se espantou com o crescer da Cinelândia, nossas recordações se voltaram para o operário laborioso que foi o construtor de tudo isso. E' em pensamento lhe tributamos duas palavras de gratidão, a gratidão do carioca orgulhoso da sua cidade, apesar de todos os defeitos e mazelas que ela tem, iguais aos de tôdas as grandes cidades do mundo:

— Obrigado, amigo.

CELESTINO SILVEIRA

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Tenório na penitenciária (Abdias Rodrigues) 3/5
Missão cumprida, meu comandante (De Lucca Júnior) 10/13
Na terra da fôlha de bôrdo 16/18
Êles esperam a morte sorrindo (Vinícius Lima) 20/25
Filho de peixe, peixinho é (Jack L. Smith) 27/31
Estacionamento (Moacir de Lacerda) . 33/36

LITERATURA

O homem e a obra (Celestino Silveira) 7
Meus amigos os bichos (Fernando de Mendonça) 51
Semana Literária (Edmundo Lys) ... 14/15
A chave (Raymunda V. Butterby) 19
A vertigem (Vicente C. de Carvalho) . 32
Nestas manhãs de junho (Lyse) 37

CINEMA

O grande Caruso (cine-novela) 46/47

ATUALIDADES

Os tristes dias de Mme. Petain 56/57

FEMININAS

Modelos práticos 37
Modelos variados 38/39
Sugestivos "tailleurs" 40/41

HUMORISMO

Urnas livres (Théo) 6
Nem cara... (Nicodêmus) .... 18 e 26
Êste mundo e o outro (Darcy) 26

SEÇÕES PERMANENTES

A semana em revista 8/9
A personagem 9
Week-end na cozinha 42/43
Palavras-Cruzadas (R. Cartaxo) 41
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) . 50
Puxe pelo cérebro 51
Tudo isto aconteceu 54/55

FOLHETIM

Lúcia, a amorosa (final) 53

ILUSTRADORES

Gil — Orval.

FOTOGRAFIAS

Abdias Rodrigues — Dario Terini — Vinícius Lima — Keystone — Hélio Joice.



NA CAPA

Leslie Caron

(M. G. M.)

A SEMANA

A CARTILHA DO BEBÊ



Durante alguns dias houve quem, na imprensa, criticasse de maneira veemente a distribuição de um livrinho para crianças, denominado "Cartilha do Bebé". "Bebé", era como se dizia antigamente. Hoje preferem pronunciar Bebê, ou ainda anglicàticamente "baby" (bêibi), o que é de amargar. Mas, seja como fôr, a "Cartilha do Bebé" foi atacado de todos os lados, muitas vêzes com excesso. Seu autor é o Sr. Narbal Fontes, em colaboração com a senhora Ofélia Fontes. Mas quem aprovou tudo e adquiriu edições vultosas, foi o Sr. Ministro da Educação. Em verdade não vemos nenhum mal nisso. Se a "Cartilha do Bebé" conseguiu chegar a um milhão de exemplares, e êstes, gratuitamente espalhados aí por todo êste imenso Brasil, nada mais digno de aplausos. Que venham dois, cinco, dez milhões de exemplares de "Cartilhas de Bebés", de maneira que não haja uma só criança sem êle, criando amor aos livros, desejos de ler, de aprender, de ilustrar-se. Não se combate analfabetismo com decretos e festas em "boites". E' assim, com livros, tanto para bebés como para marmanjos. Contudo, a guerra que o livrinho infantil sofreu não foi apenas pelas vultosas edições, e sim pelo conteúdo. Os críticos julgaram que era anti-pedagógico, reprovável para ser lido pelas crianças. E apontaram as falhas mais gritantes: "Quem não chora não mama", diz numa "charge" a "Cartilha". E noutras páginas: "O burro lê como gente", "O burro é inteligente", "Joga a casca (de banana) na careca do papai" (quem fala é um macaco engraçado), e assim por diante. Acharam que tais coisas pervertem as crianças; mas isso não deixa de ser infantil. As crianças às quais é dedicado o livrinho, não podem ter tais poderes de abstração e malícia. A alma infantil (mercê de Deus!) só começa a ser velhaca, quando, em permanente companhia dos grandes, adquire, pela idade, os mesmos sentimentos de má fé e astúcias. A "Cartilha do Bebé" só pode ser julgada pelas crianças e pelos pedagogos, pelos psicólogos e educadores. E olhe lá, hein?...

IMPOSTO PARA FUTEBOL



Quem quiser entrar em cinema ou teatro, paga imposto de dez por cento, aqui no Rio. Mas, em verdade, o imposto total se eleva a vinte por cento. Uma entrada de cinema custa, líquido, seis cruzeiros, nos cinemas de primeira linha. Mas, acrescido de dez por cento disto, mais tanto daquilo e outro tantinho daquilo outro, os seis mil réis passam a sete mil e setecentos. Vinte por cento, pois paga o fã, se quiser ver filmes. Isso, quando Sansão e Dalila não aparecem na tela. Aí então a coisa sobe, pois, entrada para tal filme é preço muito elástico e vai *dali...lá*, como já se anda a dizer em variadas e pitorescas versões. Muita gente não sabe que as entradas em campos de futebol são puras, isto é, sem imposto. Quando dizemos "muita gente", falamos nos que entram de graça, os que a convite e os que nunca foram a nenhum jôgo de futebol. Já se procurou corrigir a falha, incluindo entrada de futebol como se faz com cinema e teatro: dez por cento e mais os adicionais. Entretanto, nada se pôde fazer. Houve grita, intervenção dos dirigentes dos clubes, pedidos e empenhos junto a autoridades de tôda espécie e patente. E as entradas nos campos de futebol continuaram isentas de imposto. Agora, porém, surge na Câmara de Vereadores a sugestão já esquecida. Um projeto já foi apresentado e o assunto torna a vir à tona. Indiscutivelmente o caso merece o apoio do povo no sentido de ser aprovado o projeto e cobrado o imposto. Futebol não é esporte, não educa nem serve de cultura. E' diversão e diversão cara. Se pagamos imposto para ver cinema e teatro, por que motivo não devemos pagar para ir a jogos de futebol? O benefício do imposto não é para os clubes, nem para os jogadores. E' destinado ao erário e volta para a coletividade em forma de benefícios públicos. Todos sabem que as finanças da Prefeitura não andam boas. E' preciso encontrar fontes para a administração do Distrito. O futebol pode muito bem suportar o que se deseja, coisa que, até a previdência, — o seguro em geral — sofre tributos.

DIREITINHO COMO NO CINEMA



Tôda a imprensa carioca deu destaque às notícias que vieram de São Paulo sôbre o sensacional rapto de um filho do industrial Matarazzo, às vinte horas do **dia 19 de junho último.** *Segundo as primeiras informações telegráficas e telefônicas, o jovem Eduardo Matarazzo, de dezenove anos, mas já casado, dirigia-se em seu carro para um estabelecimento de ensino onde deveria prestar exames, quando se viu agarrado por mãos possantes. Como sucede nos filmes e historietas de bandidos do Oeste norte-americano, o Matarazzo foi arrastado até seu próprio carro, sem nada poder fazer. Estava um dêles com o cano do revólver encostado às suas costelas, enquanto o outro o amordaçava e amarrava pés e mãos. O filho do milionário foi conduzido lá para as bandas do aeroporto paulistano e metido numa casa. Mas, antes de entrar vedaram-lhe os olhos, sòmente depois retirando o tapa-ôlho. Assim estêve êle de 21 horas até às duas da madrugada do dia seguinte, quando, notando que estava só, conseguiu desvencilhar-se das ataduras e transpor uma janela, ganhando a rua, onde tomou um táxi. Durante sua prisão, os raptores exigiam do velho Matarazzo, nada menos de dez milhões de cruzeiros, sob pena de o filho ser liquidado. Esta a primeira versão da sensacional aventura. A versão seguinte, já é um tanto diferente: o rapaz foi sequestrado por um grupo de bandidos, havendo entre êles alguns estrangeiros. Levado para a tal casa dos arredores de Congonhas, deram-lhe uma injeção. Matarazzo adormeceu, enquanto os raptores procuravam receber a bolada do resgate. Tudo isso deu em nada, tendo apenas movimentado tôda a polícia e detectives de São Paulo, dominando a opinião pública e motivando comentários. E' provável que, ao sair êste tópico, já esteja o caso devidamente esclarecido, levando-se à cadeia os autores do crime. Dizem de São Paulo, porém, que o pai do jovem Eduardo, não mostrou a menor emoção com a história, tendo mesmo declarado: "Isso deve ser mais uma das astúcias daquele rapaz. Êle quer mais dinheiro..." E a própria polícia estava a pensar em simulação. E tudo se parecia muito mesmo com coisas do cinema de "mocinho".*

EM REVISTA

LEILÃO DE CHAPAS BRANCAS



De quando em quando surge uma campanha de moralização a respeito do uso e abuso dos carros oficiais. Como todos sabem, os carros oficiais devem servir aos que dêles podem dispor, em função dos seus cargos. Isso é justo e perfeitamente lógico. Ninguém vai admitir que o Prefeito, o Presidente da República, o do Senado, etc., se dirijam a sessões funcionais, aos seus gabinetes de trabalho, a visitas protocolares, a reuniões oficiais, em táxis, ônibus ou bondes. Isso não se admitiria absolutamente. Mas, infelizmente, os carros "chapa branca" são utilizados para pique-niques", vão às feiras, ficam ao meio-fio diante de cinemas, de peixarias, de casas comerciais, a qualquer hora, como se fôsse possível uma largueza de tas. O Sr. José Américo, o Sr. Osvaldo Aranha e outros, quando em posições ministeriais nos inícios desta República que já não é dos sonhos de muitos, procuraram corrigir tais defeitos de mandonismo e lutaram para acabar com o abuso dos "chapas brancas", que, àquele tempo eram mais conhecidos como o dos "do. mil". E a chapa era verde-amarelo. Mas nada conseguiram. Tudo voltou com muito maior fúria ao estado de "manda quem pode" e está pronto. Agora, em Minas houve um movimento simpático em favor da moralização dos carros oficiais. E foram mais radicais, os mineiros. O novo presidente da Caixa Econômica Federal naquele Estado, Sr. José Alexandre Moura Costa, resolveu determinar a venda em hasta pública do carro oficial que lhe servia de transporte. Seu gesto foi seguido pelos diretores Mário Casassanta e coronel Oton Augusto Ribeiro. O fato despertou simpatia nos meios populares de Belo Horizonte, e, segundo informam de lá, estão um tanto encabulados os cidadãos que dispoem de "chapas brancas" do Estado, do Município e de repartições federais. Que farão diante do exemplo? E dizem ao ouvido uns dos outros: "há mouros na costa"...

O MUSEU DA CIDADE



Nada mais útil à educação e ilustração do povo do que um bem organizado serviço de Museu numa cidade. Essa instituição recorda tôda a vida de um povo, mostra-nos os estados da civilização através do tempo e do espaço, os hábitos e costumes dos povos mais diversos. Um Museu histórico, por exemplo, é imenso livro aberto às pesquisas dos estudiosos e uma universidade de cultura variada e agradável. Há no Rio dois belíssimos Museus: um, o Nacional, lá na Quinta da Boa Vista; o outro, o Histórico, no Calabouço, em edifício impróprio, herdado da exposição do Centenário de nossa Independência. Afora êsses, há outros de natureza artística, como sucede com o de Belas Artes, muito rico e digno de melhor sorte. O Nacional, infelizmente, só vive fechado, em virtude de obras que nao têm fim. Agora, anuncia-se a abertura de mais um Museu importante para o carioca: o Museu da Cidade. Noticiando o fato, lemos num dos nossos matutinos: "Com a presença do Prefeito, Dr. João Carlos Vital, do secretário de Educação e dos diretores de Educação de Adultos, Educação Complementar e Educação Primária, foi ontem realizado o ato festivo de reabertura do Museu da Cidade. Às dez horas, o diretor do Departamento de História e Documentação, deu início ao programa, agradecendo em breves palavras, a presença das altas autoridades e das demais pessoas gradas. A seguir foi cumprido o seguinte programa: a) — visita das altas autoridades ao Museu e aulas aos escolares; sob a direção da chefia do Serviço de Museus. Sra. Pasqualina de Almeida Stilben; b) — distribuição de frutas e balas às crianças; c) — recreio até onze horas, no parque. O Museu da Cidade ficará aberto ao público todos os dias, salvo às segundas-feiras, das doze às 17 horas." Muito bem. O Rio precisa de um Museu de sua vida. Muita coisa ainda está um tanto confusa, a partir da data de sua fundação, motivo de controversias entre os doutos. E nossa população precisa de mais Museus para sua cultura e ilustração. Nem só de futebol vive o carioca; entretanto, uma pergunta: onde fica êsse Museu?

A TERRA ESTÁ CRESCENDO



Os sábios são incansáveis. Em suas pesquisas, chegam a conclusoes extraordinárias. Vejam só o que acaba de revelar o Dr. Roger Revelle, alto membro do Instituto Oceanográfico Scripps, dos Estados Unidos. Para êle a Terra, esta nossa querida Terra, está crescendo como qualquer criança de peito. Como chegou êle a tal descoberta? Nada mais fácil: o calor, segundo todo mundo sabe, dilata os corpos. Ora, o centro do planêta vive em permanente fusão. O calor central é muito mais forte do que o dos Infernos. A "casquinha" em que vivemos sem levar em conta a tragédia de fogo e lava derretida em permanente ebulição no centro do mundo, essa casquinha tem umas duas mil milhas de espessura. Com o tremendo calor central, as rochas sobem à superfície e, assim, vão aumentando a área externa da Terra. Daí concluir o Dr. Revelle que o mundo, êste nosso mundo louco, mas muito simpático, está crescendo. Não deixa de ser animador para os que se dedicam a negócios imobiliários, a descoberta do cientista do "I.O.S.", isto é, "Instituto Oceanográfico Scripps". Ora, aumentando a Terra a sua superfície, é claro que haverá sempre campo para a venda de terrenos. O perigo que se supunha, era o mar. O mar sempre criou rugas nas faces dos vendedores de terrenos. Mas, segundo o mesmo Dr. Revelle, esta ameaça está afastada: o mar, ou melhor, os oceanos, embora também aumentem, o fazem em muito menor proporção do que a Terra. Esta, por incrível que pareça, está aumentando na razão de duas polegadas por ano. Sabe lá o que é isso? Também o assunto vem desmentir o próximo fim do mundo. Se Deus, em verdade, determinou acabar com esta deliciosa bolinha de gude no terreiro amplo do Infinito, para que está a acrescentar-lhe, anualmente, duas polegadas? O mais lógico seria tirar-lhe alguns metros por hora e deixar que os homens se encarregassem de fazer o resto com suas experiências atômicas. Mas, felizmente, ao que parece, o próprio Criador está fornecendo vitaminas à Terra, para que ela cresça cada vez mais. Só falta agora criar juízo...

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestavel que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito: Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vitima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos. tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais paises onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante.

A PERSONAGEM DA SEMANA



Prefeito João Carlos Vital

QUANDO foi nomeado para Prefeito do Distrito Federal o Sr. João Carlos Vital, nome que goza de prestígio não só por se tratar de pessoa culta, proba e de amor ao trabalho, como porque já tem provado sua capacidade de realização na vida pública, todos os cariocas receberam com justificada esperança a nova gestão, confiantes de que o Distrito Federal não sofreria solução de continuidade em sua marcha de progreso. Mas, infelizmente, o novo Prefeito está sendo tolhido em seus planos de realizações, porque, segundo informações oficiais, cêrca de 90% de tôda a renda da Prefeitura são absorvidos pelo funcionalismo, não deixando margem para aplicação de melhoramentos urbanos, início de novas obras e terminação rápida das já em curso. O Distrito Federal, que poderia ser um modêlo para todos os demais municípios brasileiros, servindo mesmo de paradigma aos Estados, se vê a braços com uma situação de sufocamento financeiro que atinge as raias do alarma. Faz-se necessário um movimento de colaboração de todos os que têm uma parcela de responsabilidade na administração pública do Distrito Federal, pondo-se de lado as linhas partidárias, os interêsses pessoais, as conveniências políticas, de maneira que o Prefeito possa mobilizar recursos para dar aos cariocas o de que tanto precisam: uma cidade limpa, confortável, progressista e modelar. Apesar de os impostos estarem em níveis elevadíssimos, o erário está cada vez mais asfixiado, a ponto de ser preciso um empréstimo para que a Prefeitura pague ao seu funcionalismo. A situação é dramática, exigindo a mais sólida união de todos a fim de que o Prefeito disponha de meios para colocar o Distrito Federal numa posição financeira capaz de realizações sem agravamento dos tributos.



SOLDADO ELIAS, o homem que deu o toque da vitória na Itália, apesar de tudo foi reformado como simples praça. Tem 53 anos dos quais serviu 32 no Exército, participou de uma revolução e mantém um sorriso franco para a vida, mostrando [illegible] O fato de ter participado da última guerra e ainda estar vivo, para êle, vale pelo melhor prêmio.

"Missão cumprida, meu comandante"



SIM, A CORNETA é o seu maior amigo, companheiro inseparável e fiel de tôdas as horas, quando a serviço da Pátria.

CORNETEIRO ELIAS, O HOMEM QUE DEU O TOQUE DA VITÓRIA NA ITÁLIA ★ TEM 53 ANOS DE IDADE, DOS QUAIS 32 PASSOU NO EXÉRCITO ★ A CORNETA, SEU MAIOR AMIGO ★ A FRASE SALVOU UM BATALHÃO ★ REFORMADO COMO PRAÇA, NÃO RECEBEU, SEQUER, A "MEDALHA DE CAMPANHA"

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JR. ★ Fotos de DARIO TERINI

— Verdade é que a guerra faz os heróis e não os heróis a guerra — o soldado riu e continuou: — Eu, por exemplo, não fui transformado em herói nem fiz a guerra. Todavia, servi no Exército durante 32 anos, participei da última conflagração mundial, fui corneteiro de ordens do 6º R.I., o glorioso Regimento Ipiranga, dei o toque da vitória na Itália, sob as vistas emocionadas dos pracinhas e do Alto Comando Brasileiro e nem por isso fui reformado, pelo menos, como cabo. Minha reforma atingiu-me como praça e percebo o magro sôldo de Cr$ 400,00 mensais. E olhe "seu" repórter, não fôsse a bondade do general Thelmo Borba, atual comandante do Regimento, eu estaria passando mal. Êle arranjou-me um empregozinho civil, na Manutenção, onde defende mais Cr$ 500,00, que me auxiliam a manter minha família.

Com essas palavras, o ex-soldado Elias M. Cerqueira, negro velho de corpo bamboleante, que nos faz lembrar os terríveis "capoeiras" do norte, iniciou sua palestra com os repórteres.

Elias virou-se na cadeira, sorriu, mostrando-nos sua alva e perfeita dentadura postiça, prosseguindo:

— Vi a "coisa" de perto e quando segui para a frente de luta já era um homem de idade, pois tinha então 46 anos. Nem por isso deixo de gostar da minha "ve. de oliva" e de lembrar os bons e os maus momentos que passei na caserna, que são caras e gratas páginas do meu passado de militar.



FOI ASSIM, de lágrimas nos olhos, que êle deu o toque da Vitória nos campos da Itália. A FEB cumprira sua missão.



MESMO REFORMADO, conserva o seu amor pela farda; a qui o vemos dando instruções e conselhos de velho soldado ao filho Aguinaldo.



DORMEM EM PAZ os heróis que tombaram na Europa, escrevendo com sangue e fogo seus nomes na lage do monumento do Regimento Ipiranga.

A GUERRA

Terminada a guerra, os soldados brasileiros retornaram a casa e, a despeito dos anos que passaram, ainda estão gravados em nossas retinas os espetáculos emocionantes que assistimos quando o povo, numa demonstração de incontida gratidão, levado pelo ardor de sua alma latina, abraçou, como um gigante de carne, os heróis da Fôrça Expedicionária Brasileira, carregando-os pelas ruas das cidades onde aportaram.

Entre êles estava o soldado Elias M. Cerqueira. Trazia, sob o braço, uma corneta amassada, pela qual ninguém daria um vintém furado e a cabeça repleta de idéias novas. Iria recomeçar a vida na pacata e aprazivel cidade de Caçapava, no interior paulista, onde passara parte de sua vida. Ali encontrou sua espôsa, D. Maria Mercedes, e, em segundas núpcias, tomou para si a responsabilidade de seus três filhos: Giovanna, Aguinaldo e Reginaldo.

O TOQUE DA VITÓRIA

Ao partir, Elias pensava que nunca voltaria. No entanto, foi e regressou e, agora; conta-nos sua história. Naquela tarde triste-alegre — pois muitos pracinhas repousavam em Pistóia — Elias chorou. Chorou calma e mansamente, como criança prêsa em quarto escuro que tem mêdo de ouvir os seus próprios soluços. As lágrimas desceram lentas e as notas sairam melancólicas, da corneta, impregnadas de pedaços d'alma do soldado negro que, nesse momento solene e inesquecivel, executava o *Toque da Vitória!*

Era 10 de maio de 1944 e ali estavam as Altas Patentes do Exército Nacional, comunicando oficialmente, à soldadesca jubilosa, a paz que fôra firmada dois dias antes.

Elias conta-nos em voz baixa e emocionada: "Os rapazes estavam calmos e melancólicos, tristes e alegres... — olhou-nos sorrindo e aduziu — não sei se o senhor me compreende... Atrás daquele toque de corneta que eu dava ficaria parte das nossas vidas. Uma parte árdua e horrivel. Assustadora como um pesadelo. Era como se eu estivesse fechando a última página de um livro de contos fantasmagóricos, deixando para o esquecimento seu conteúdo. Os rapazes me compreendiam e eu sentia-me orgulhoso em estar ali, ereto, o vento fustigando-me as faces e levando para os céus a mensagem de que a guerra terminara.

Estávamos muito felizes mesmo. Felizes por sentirmos o ar penetrar em nossos pulmões, por sentirmos os tapas alegres que recebiamos nas costas e, sobretudo, por sabermo-nos vivos.

Dali para o Brasil foi tudo um sonho bom, uma visão que jamais esquecerei. De regresso, permaneci, ainda, no 6º R.I., sendo reformado, depois, como simples soldado.

32 ANOS DE EXÉRCITO

Elias M. Cerqueira é natural da Mata de São João, Estado da Bahia, onde nasceu aos 9 de abril de 1899. Com apenas 21 anos de idade, rumou para Salvador, onde sentou praça no 19 B.C., transferindo-se, um ano depois, para a Capital da República. Em 1923 "descobriu" uma corneta e passou a tocá-la, tendo seu sôldo elevado de Cr$ 15,00 para Cr$ 145,00, mensais.

E COMO o pagaio não poderia falar, recebe uma liçãozinha de «ordem unida», sem blasfemar ou desandar em impropérios, porque é mudo. Soldado Elias distrai-se em casa, com os mistéres domésticos. A guerra acabou. Acabou ou fêz uma pausa?





RETRATO PARA o álbum da família: Dona Maria Mercedes, Elias, Giovanna e Aguinaldo. Quando êle partiu, os filhos eram pequenos e a mulher teve receios de não voltar a abraçá-lo, mas o dever cumpriu-se, o clarim soou — e Elias regressou a casa.

Em 1932, quando eclodiu a revolução, juntamente com seus companheiros de caserna, foi para Caçapava onde, a despeito das reviravoltas que teve na vida, permanece até hoje.

Naquela cidadezinha do Vale do Paraíba Elias constituiu família e criou os 3 filhos da espôsa, que já são moços atualmente. Giovanna tem 15 anos, Aguinaldo 19 — serve no 6º R.I. — e Reginaldo 21 — serve na Fôrça Pública de S. Paulo.

Em 1942, foi destacado para Taubaté, seguindo de lá para o Rio e, posteriormente, para os campos de luta da Europa.

No Rio, participou dos treinos da F.E.B. e passou a corneteiro de ordens do Regimento Ipiranga.

Numa das formações em que tocou, foi ouvido pelo general Zenóbio da Costa que, incontinente, tratou de localizar "tão bom corneteiro", a fim de requisitá-lo para o seu comando. Contudo, ao dizer de Elias, o general mudou de idéia ao ver que se tratava de um homem-de-côr.

"MISSÃO CUMPRIDA, MEU COMANDANTE"

Após os árduos treinamentos realizados no Rio, Elias embarcou com o primeiro Escalão da F.E.B., rumo aos campos de luta da Itália.

Lá, serviu no Abastecimento das Tropas e como mensageiro. Foi na última de suas funções que passou um mau bocado. Era tempo de inverno, daquele implacável inverno europeu, que cobre os campos de neve e gela os pés dos soldados. Chamado ao Comando, foi-lhe dada uma mensagem que deveria ser entregue a um dos batalhões brasileiros, ordenando-lhe que fizesse um recuo estratégico, a fim de evitar ser envolvido por um bolsão nazista.

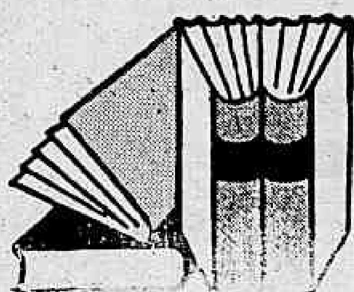
— A vida daqueles homens está em suas mãos — dissera-lhes o comandante.

Elias bateu continência, fêz meia-volta, e afundou na noite fria, confundindo-se com a escuridão brumosa. Horas depois, fatigado e faminto, mas

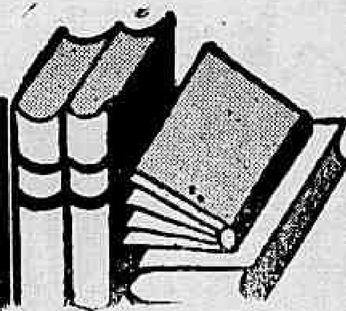
(Cont. na pág. 48)



«POR AQUI fomos e por aqui voltamos. O mesmo mar, as mesmas montanhas. Muitos ficaram sepultados em sólo europeu...»

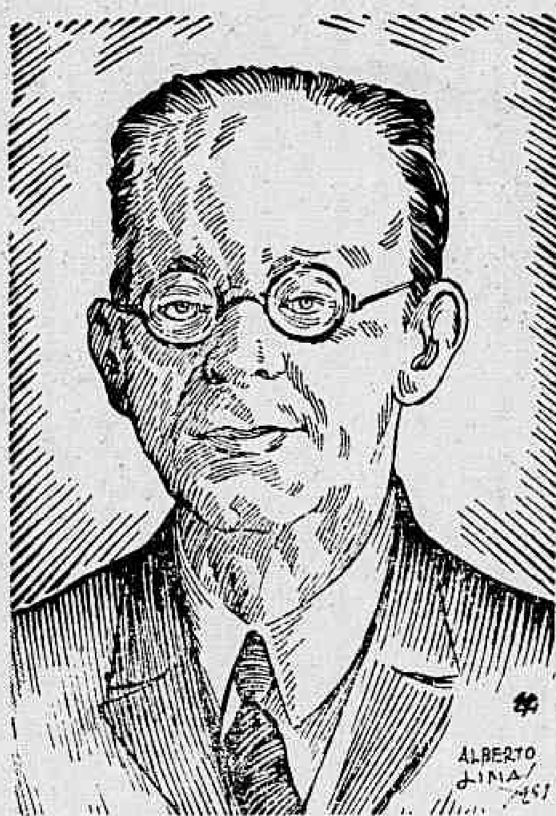


SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



HEITOR GUIMARAES

HEITOR GUIMARÃES, por uma feliz iniciativa, vai ter um busto que perpetui a sua lembrança, na cidade mineira de Juiz de Fora, a que êle tanto amou e a que tanto soube servir, com o seu talento, com o seu saber e com o seu desinterêsse. Jornalista e escritor de fulgurante mérito, Heitor Guimarães, depois de fazer suas primeiras armas no Rio, transferiu-se para o centro industrial do Paraibuna, onde viveu a maior parte de sua vida. Ali, como jornalista e professor, foi sempre um luzeiro a guiar a juventude, a animar os novos, a abrir espaço nos seus jornais e nas suas revistas a quantos revelassem pendores literários. Tendo publicado alguns livros, entre êles o de contos e fantasias "Volateis" (1905), em pouco era inteiramente absorvido pelas lides da inglória imprensa provinciana e pelo ensino, de que foi um cultor apaixonado e esclarecido. Dono de um estilo pessoal e encantador de cronista, espírito formado ao contato da cultura francesa, com o gôsto do humor e da ironia, Heitor era também um "chargeur" de grande verve, ilustrador e desenhista de saborosos traços. A revista "Marília", que marcou época, em Minas, foi obra sua, como sua a organização da "Gazeta Comercial", um dos diários de maior importância naquele Estado, durante o tempo em que êle foi seu redator-chefe. Para revermos a atividade incansável de Heitor, teremos que folhear as coleções dos jornais e revistas do seu tempo — que é de ontem — onde seu espírito se espalhava em cataduras luminosas, revendo Scholl, Anatole, Eça, Ramalho, todos os seus grandes ancestrais, aquêles que pertenciam à sua família espiritual e que êle sabia continuar, com raro brilho.

Bem haja, portanto, o povo de Juiz de Fora que não se esqueceu do lidador infatigável, o animador de tantas campanhas, aquêle que, já vergado ao pêso dos anos, não abandonou o pôsto senão para morrer e que, ainda nos seus últimos dias, tinha para todos aquêle seu inesquecivel sorriso, aquela elegância, aquela "finesse" de parisiense, perdido entre montanhas. Seu busto, no Parque Halfeld, entre os que a cidade-formiga, de fábricas, de chaminés e de dínamos, ergueu às suas cigarras, aos poetas Belmiro Braga e Oscar da Gama, ficará como um marco de reconhecimento, lembrando a nobre figura dêsse jornalista que foi um artista da palavra escrita e um tipo de civilizado. (Desenho de Alberto Lima).

de Jamil Almansur Haddad; "Moinho Velho"", trecho de uma peça teatral de Abílio Pereira de Almeida; "Indias", de Herbert Baldus; "Confissão geral", de Tarsila do Amaral; "Canções da Terra e do Homem", poemas de Carlos Oliveira Gomes (Primeiro Prêmio do Concurso Dr. Ademar de Barros — 1950); "Breve Notícia sôbre o Aleijadinho", de Ciro Mendes; "Ceia de Natal", conto de Helena Silveira; e "Burnt Norton", poema de T. S. Eliot, numa tradução do poeta paulista José Escobar Faria.

Maria de Lourdes Teixeira, autora de um livro de ensáios sôbre Goethe, e de um romance profundamente humano e lírico, chamado "O Banco de Três Lugares", está presentemente preparando o seu primeiro livro de versos. Aliás, esta notável escritora, como poetisa, não é nossa desconhecida. Há pouco tempo, tivemos a grata satisfação de publicar um poema seu nesta página literária, poema de grande beleza, onde Maria de Lourdes Teixeira mostra mais uma facêta do seu talento multiforme.

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

De JOTAGÊ

Prefaciando, objetivamente, o magnífico "Vocabulário Técnico", de Francisco J. Bucken, lembrou o engenheiro Paulo Sá: "O instrumento medidor, com que se verifica a tensão em circuitos elétricos, chama-se para uns *voltâmetro*, para outros *voltimetro*, para alguns *voltômetro*, para os demais *voltmetro*: quatro têrmos diferentes para a mesma coisa". Dizemos nós: é porque, em nossa língua, todos se julgam mestres, e raros atendem à lição dos que realmente sabem!

★

E' em seus deliciosos "Contos populares brasileiros" que Lindolfo Gomes estuda (e como esclarece lindamente o caso!) as origens da confusão do sapato "de vidro" da Gata Borralheira. E' tão grande, afinal, a diferença entre "vair" e "verre", que nos admiramos de estar o êrro difundido em proporções gigantescas!

Chega-nos de Portugal, mercê do carinho com que trabalha pelo intercâmbio cultural luso-brasileiro o livreiro H. Antunes, o trabalho de Augusto C. Pires de Lima, "Jogos e canções infantis". E' folclore e pedagogia. Em apresentação muito lúcida, lembra o autor que "os jogos não têm apenas interêsse para as crianças; atraem também a atenção dos historiadores".

★

Na Conferência que proferiu, no Ministério da Educação, em 23 de março de 1947, em tôrno de "Castro Alves, um estudante, apenas", felicíssima foi Ana Amélia de Q. C. de Mendonça ao assinalar que, do poeta-gênio do Brasil, o "livro mais amado seria a própria humanidade".

★

Quantos, entre nós,conhecem os versos de Aristeu de Andrade? Entanto, que poeta magnífico!

Despedida

OLIVEIRA E SILVA

Até um dia! — ó doce aldeia portuguêsa,
Ó comovente aldeia portuguêsa,
Que me transfiguraste de pureza!
Até um dia! que, com certeza,
Hei de voltar!

— Moinhos de vento, no alto dos montes,
Girando, vibrando as asas,
Não sabereis, jamais, que imagens e horizontes
Levo de vós!

— mulheres do povo, cântaro à cabeça,
Ou, molemente, sentadas
Em burriquitos, pelas estradas,
Olhando-vos, mergulho, por milagre,
No primitivo tempo feliz!

— Córregos tímidos e dormentes,
Que pareceis, com o vosso sussurro,
Não querer acordar a paisagem,
Falais, baixinho, como as criaturas
Que refletis!

— Atalhos abertos no vale verde
Caminhos de penumbra e paz,
Retos ou tortos, que seguis entre pinheiros,
Aonde me levarieis se pudesse
Perder-me em vossa tentadora solidão!

— Família numerosa das figueiras,
Aprendi convosco, singelamente,
A namorar a tarde transparente,
A doçura da noite estrelada,
Sua acariciadora quietação.

— Moleirinhas, pastores, cavadores
Da terra fraternal, até um dia
Que o meu país de sol me chama e espera!

Abril deixou-me a primavera
Na memória, nos sentidos,
Com suas águas e vergeis floridos,
As brancuras do amanhecer.

Até um dia! que desejo vos rever!

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

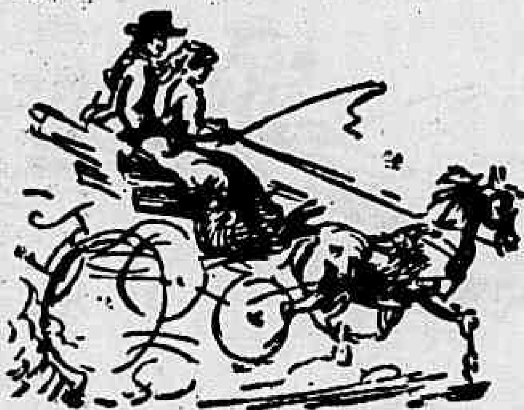
Em outubro, sairá o primeiro livro de versos da conhecida e talentosa cronista d'"A Gazeta", Maria Antônia. A obra intitula-se: "Flor no Caminho" e terá uma capa feita pela pintora e desenhista Noêmia.

★

Já está no prelo o segundo livro do autor de "Lamentação Floral", Péricles Eugênio da Silva Ramos. Esta obra, tão aguardada, foi batizada com o título: "A obscura efígie".

★

Saiu mais um número da revista Trópico, publicação de cultura e turismo, do Departamento de Cultura de São Paulo. Tendo como diretor Paulo Fradique Sant'Ana e, como secretário, Paulo Zingg, "Trópico" trás em seu oitavo número a seguinte colaboração: "Politização e Século Dezenove",



UM POEMA DE ANDRÉ GIDE

Êste poema de André Gide, em forma de salmo, publicado em 1911, é obra menos conhecida que grande romancista há pouco desaparecido. Aqui o oferecemos aos leitores.

★

Printemps plein d'indolence,
J'implore ta clémence.

A toi plein de langueur
J'abandonne mon coeur.

Ma pensée indécise
Flotte au gré de la brise.

Un engourdissement tendre
Me pénètre de miel.

Ah! ne voir, ah! n'entendre
Qu'à travers sommeil.

A travers ma paupière
J'accueille ta lumière.

Soleil qui me caresses
Pardonne à ma paresse...

Bois mon coeur sans défense,
Soleil plein d'indulgence.

OUTROS LIVROS

"Le Danemark", referente ao nosso ano de 1950, é o excelente livro de informação sôbre a Dinamarca, publicado pelo Ministério do Exterior daquele país e que nos chegou às mãos, graças à gentileza de sua Legação entre nós. Um resumo histórico e geografico, além das informações sôbre a terra e o povo dinamarquês, contemporâneamente, fazem desta obra um notável instrumento de conhecimento da grande pátria nórdica.

★

"Faça o seu filho feliz" é o título bastante expressivo da obra do Dr. Fernando A. Magalhães Gomes, agora editada pela livraria José Olympio. O livro tem a colaboração da eminente educadora professôra Helena Antipoff, o que vem juntar mais um título para sua recomendação aos pais, em particular às mães, interessadas em tornar feliz a vida de seus filhos, o que vale dizer, tôdas as mães.

★

"A Hora Eterna", poemas de José Miranda de Castro, é uma coletanea de versos que nos vem de Curitiba, laureada pelo Centro de Letras do Paraná. O pessimismo do poeta se reveste de forma bem trabalhada, o que torna, o seu, um livro de tons sombrios, porém revelador de um verdadeiro temperamento poético.

★

"Penumbra Murmurante" é como se intitula a coletânea de poemas de Domingos Paolielo, um novo de São Paulo, inquieto e, pôr vêzes, de inquietante inspiração, sabendo trabalhar o verso, com um comunicativo ritmo moderno, de profunda simpatia. Ao que pudemos sentir nêste livro de estréia (?), o poeta é um lírico tentando evadir-se, por um preconceito de modernidade, para outras regiões, de maior prestígio aparente.

Fora do Prelo

TRANSFIGURAÇÃO — Paulo Bomfim — Livraria Martins — São Paulo. Não conhecia ainda o poeta laureado de «Antônio Triste», Paulo Bomfim, que venho encontrar neste livro de vinte e cinco sonêtos: «Transfiguração». E nele, parece-me ter encontrado uma das mais nobres vozes de nossa poesia, como que um éco, dentro da atualidade, do humanismo de Raul de Leoni, a que se junta, para mais acentuar o parentesco com o imortal cantor de «Luz Mediterrânea», o gôsto das belas idéias e o lavor da forma, vestindo seu pensamento, sempre, roupagens de esplêndida harmonia, de uma pureza de linhas, de um movimento hierático, de uma beleza luminosa que marcam o artista e o inspirado, a um tempo, infundindo-nos respeito e comunicando-nos todo o seu prestígio singular.

Êstes XXV sonêtos assinalam a presença de um legítimo poeta. E renovam em nós o amor de forma clássica do sonêto, em que a conclusão não se espraia pelos dois tercetos, mas se condensa no último distico, de rimas paralelas. O poeta dominou com perfeição essa técnica que os modernos alteraram, por uma questão de facilidade. Assim, seus sonêtos atingem maior altura, procuram a forma específica para os temas que êle versa e que, como o próprio título do livro indica, representam um estado de espírito, mais do que a simples inspiração, o trato de altos pensamentos, de idéias altas, de plena compatibilidade com o verso trabalhado. Mas a sua poética não possui suas qualidades principais apenas no número e na rima. Sente-se a qualidade de seu vocabulário e de sua sintaxe. Com isso, aquela harmonia subterrânea que acompanhada a música de grande categoria de seus decassilabos. E tudo isso resulta na primorosa soma que encontrámos, à leitura dêste grande livro de poesia.

★

OS CEM MELHORES SONÊTOS BRASILEIROS - (Segunda Série) — Edgard Rezende — Livraria Freitas Bastos — Rio. A Livraria Freitas Bastos entregou ao escritor Edgard Rezende os cuidados desta segunda série da antologia dos melhores sonêtos brasileiros. Tanto foi boa a idéia de ampliar, com alguns nomes novos, os florilégios anteriores de sonêtos, que estão publicados, como a de entregar sua organização a um especialista a que não falta a necessária sensibilidade, para o acêrto da escolha.

Aqui estão reunidos quarenta e dois poetas contemporâneos bem selecionados entre os que cultivaram o sonêto. No geral, os nomes que figuram no livro são de poetas que se especializaram na plástica dos quatorze versos e já falecidos. E' o critério antes adotado pelo antalogista Alberto de Oliveira, iniciador da série dos mesmos editores. Entretanto, Edgard Rezende, que reparou o fato de Alberto haver excluido sonetistas como Anibal Teófilo (de que nos dá o modelar «A Cegonha», de certa forma corrigindo a injustiça) incorre em falta idêntica, omitindo aqui a esplêndida contribuição de Raul de Leoni, como sonetista. Em compensação, merece o autor desta antologia, pelas suas descobertas, buscando nomes de poetas que se não estavam completamente esquecidos, iam por êsse rumo, embora o grande merecimento da obra que nos legaram. Aqui está, por exemplo, Quintino Cunha, o grande poeta cearense, tão mal conhecido do público brasileiro, com exceção de seus conterrâneos, aquêle Quintino que ficou, principalmente, por seu cáustico e irreverente anedotário, entretanto uma das mais puras vozes de nossa poesia. Aqui está, da mesma forma, Heitor Lima, cuja atividade polimorfa e dispersiva, nele prejudicou o poeta de bela e forte inspiração. E, como muitos outros nomes, os de Carlos Dias Fernandes, Ciro Costa, Zeferino Brasil e Antônio Sales.

As notas biográficas que acompanham os sonêtos, muito vêm acrescentar aos valores da obra, tanto é verdade que se as obras de nossos poetas são mal conhecidas, menos conhecidas são as suas biografias. Por tal forma, se enriquecem, êste ano, com esta antologia de modernos sonetistas do Brasil, nossas letras poéticas, tão belas como significativas, uma herança cujo cultivo merece os melhores louvores.

O LIVRO ILUSTRADO



Ilustração de Edward Ardizzone para o livro «The Otterbury Incident», de Cecil Day Lewis, poeta e crítico inglês, baseado no filme francês, «Nous les Gosses».

★

PAÍS DAS ÁGUAS — Manoel Ferreira — Pongetti — Rio. Aqui está um contista original que com uma dúzia de contos, «Neste «País das Águas», vem se colocar em boa situação, entre os novos cultores do gênero. Ao que tudo indica, trata-se de um livro de estréia e é grato, sempre, assistir a uma estréia em que o jovem autor já aparece armado cavaleiro, de manto e esporas, depois da espaldeirada consagratória. Sente-se, realmente, que Manoel Ferreira não está lançando um livro ao acaso, para sondagens, indeciso na encruzilhada, inseguro de técnica, de temas, à espera dos esclarecimentos da crítica, para tomar direção. Nada disso. Manoel Ferreira revela aqui, com suas qualidades e com sua vocação para a história curta, munido da auto-crítica, que espremeu a obra em cento e poucas páginas, e seguro de sua técnica, de sua linguagem original e ótima, de seu estilo simples e pessoal, inventando muito com mão segura e ágil inteligência, além do irrefreavel dom poético, êsse seu mundo, surrealista às vêzes, mas sempre comunicante com o leitor, sobretudo quando surrealista, quando êle se escalda de ardente imaginação, atingindo uma zona poética vizinha do humor da poesia de Drummond, mas livre dela.

Um bom livro de contos, êste «País das Águas».

★

GUIRLANDA DE MAGNÓLIAS — Mercês Maria Moreira — Imprensa Oficial — Belo Horizonte. Belo Horizonte é uma cidade que convida à poesia. Os poetas já deram à capital de Minas vários nomes poéticos. São as suas flores. São os seus crepúsculos. E' o seu ar fino e lírico, aquelas manhãs que parecem feitas em luz pulverizada. Tudo isso e a metrificação de seu urbanismo, a harmonia de sua paisagem. E' o que estamos sentindo aqui, neste livro de estréia de uma apaixonada poetisa de Belo Horizonte, Mercês Maria Moreira, cujo nome já é um verso de sete silabas, como os versos das trovas, e que nos fala de luares e flores, de velhas fazendas, de jardins odorosos, de beijos, de carícias, tudo repassado de comunicativa ternura, de tocante afetuoso calor.

Embora uma estreiante, Mercês Maria Moreira domina perfeitamente a técnica do verso, revela espontaneidade de inspiração, trabalha em versos bem feitos, naturais e simples como água de fonte. Sua cálida voz tem acentos amorosos e próximos, êsse encantamento e essa anciedade própria das almas jovens. Seu mundo florido é todo de perfumes doces e maciês de petalas, como a flor que ela escolheu para a sua guirlanda. No seu jardim, mesmo as rosas que florescem são um milagre de botânica, criado por suas mãos suaves — não têm espinhos... E, mesmo os seus instantes de tristeza, sob a alfombra odorante de sua poesia, são lindos e decorativos, como a sua gata da Pérsia.



A NOVA MOEDA de cinco centavos, com o emblema da fôlha de bôrdo, comemorando 100 anos da indústria do níquel.



Uma trópa da Real Polícia Montada Canadense passa a trote sob os bôrdos do Parque Rockcliffe de Ottawa. No outôno, as fôlhas do bôrdo completam o matiz escarlate das túnicas dos «Mounties», e nos ombros dos soldados da «Canada's Korea Brigade», enviados ao oriente para auxiliar as fôrças das Nações Unidas, foram as insígnias em que aparece o mesmo símbolo.



Soldado de infantaria da Divisão da Comunidade Britânica, ostentando a fôlha do bôrdo na sua insígnia de Fôrça Especial, bordada ao ombro. Oito mil dêles combatem agora na Coréia.

NA TERRA DA FÔLHA DE BÔRDO

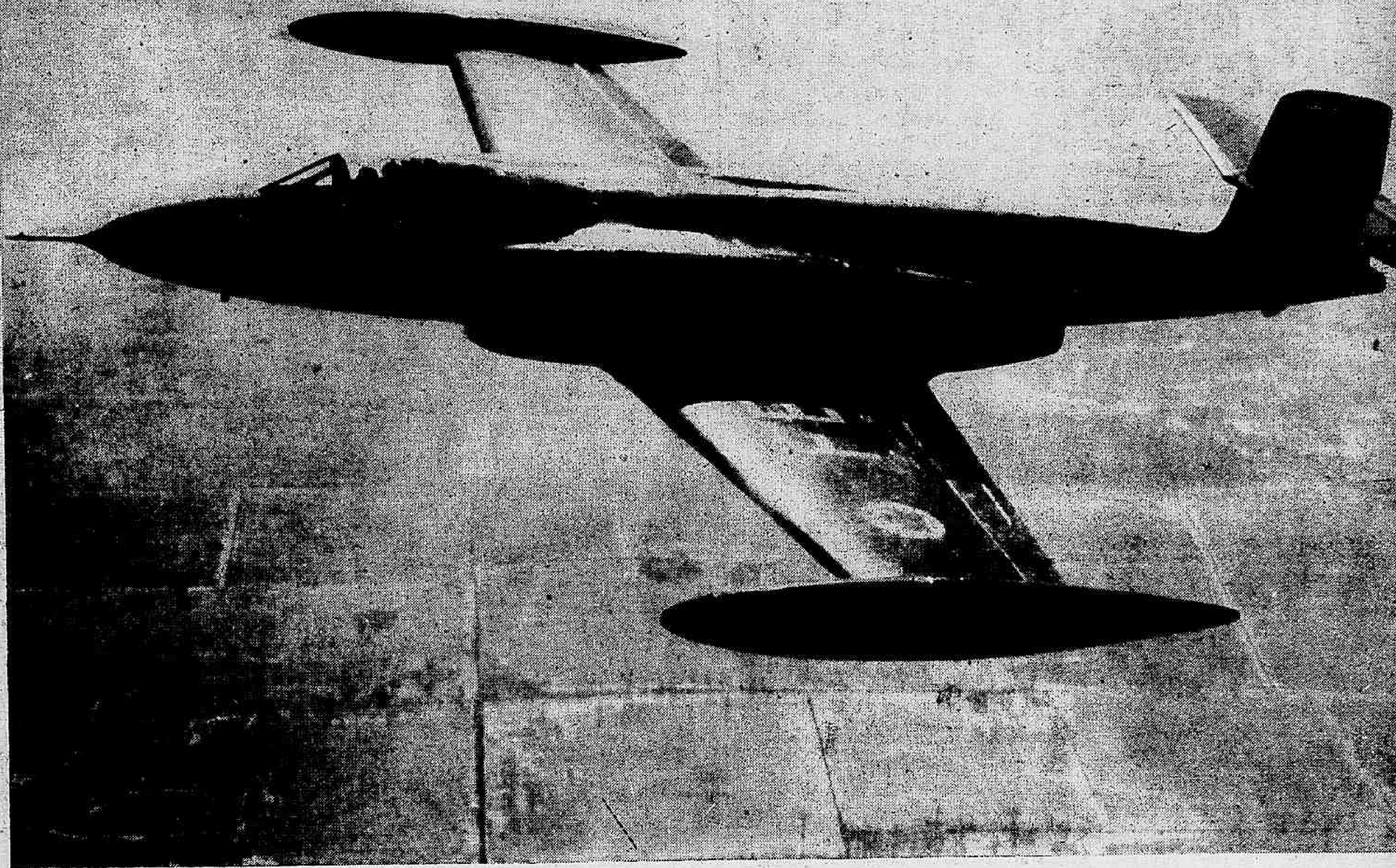
AO LONGO DE 6.500 QUILÔMETROS, DE OCEANO A OCEANO, ÊSSE E' O SIMBÓLICO "AMBIENTE" DAS TERRAS DO CANADÁ, SOMBREANDO ESTRADAS E COLORINDO AS FLORESTAS

Texto de MARCUS SILVA

A fôlha do bôrdo (*"maple leaf"* em inglês e *"feuille d'érable"* em francês) é o emblema do Canadá. Seja verde, plena de seiva primaveril, ou apresente os matizes escarlate, laranja e amarelo do outono, a fôlha de bôrdo sempre inspirou no Canadá poetas e patriotas nos três séculos em que o país evoluiu da categoria de colônia e em fases sucessivas atingiu sua plenitude como nação soberana e independente. Um brazão de fôlhas de bôrdo já guarnecia a bandeira dos canadenses que lutaram em 1837 pela instituição de um Govêrno responsável. Em nossos dias, esculpidas em granito, à entrada dos edifícios do Parlamento em Ottawa, as fôlhas de bôrdo simbolizam a unidade e o espírito nacional de uma terra rica em recursos naturais e pujança industrial, com uma população enérgica e vigorosa, expandindo-se ràpidamente.

Por tôda a parte, ao longo de 6.500 quilometros, de Oceano a Oceano, encontra-se o bôrdo em seu ambiente nativo, sombreando suavemente ruas das cidades do leste, juntando singular colorido às florestas setentrionais, emprestando graça e beleza às encostas das montanhas do Pacífico. Em Ontário, Quebec e Províncias do Atlântico, a seiva do bôrdo proporciona, quando chega a Primavera, abundante colheita de açúcar e charope — indústria assás pitoresca que já data dos remotos tempos dos pioneiros. Os vigorosos troncos de bôrdo do açúcar também fornecem, todos os anos, milhões de metros cúbicos de preciosa madeira. Outro tipo, conhecido por bôrdo da rocha, forte como o carvalho, fornece madeira para soalhos lustrosos e ricas mobílias aos lares canadenses.

Grande senhor, alteando-se sobranceiro no tôpo das colinas, espalha o bôrdo as suas sementes aladas à distância — símbolo que se ajusta perfeitamente a um povo inclinado



E o famoso CF-100, levando suas insígnias de bôrdo pintadas ao bôjo, corta os tetos das imensas extensões agrícolas do território éste do Canadá. O caça a jato, com dois lugares, da fotografia, foi desenhado e construido pela AVRO-Canadá, conservando-se ainda em segrêdo muitos de seus pormenores, mas os aparelhos são fàcilmente reconhecidos por êsse símbolo.



Também os jogadores do Club Maple Leafs (Fôlhas do Bôrdo) de Toronto, levam a mesma insígnia. Êles jogam uma violenta partida de lacrosse, esporte cuja origem vem dos índios yankees.



Um operário da Fôrça Aérea retoca a fôlha de bôrdo pintada no bôjo de um Vampiro a jato, tipo de avião, fabricação canadense, que vem de ser adotado pela Real Fôrça Aérea.

Nem Cara...

A ALMA — A NORMA DOS HOMENS DE ENTERRAR OU QUEIMAR OS CADAVERES VEIO DO MÊDO DE QUE O MORTO VOLTASSE À TERRA E OS VIESSE PERSEGUIR.
TAL PRATICA FEZ O HOMEM CONVENCER A SI PROPRIO DE QUE TINHA UMA ALMA, UMA VIDA SECRETA DENTRO DE SI, A QUAL SE SEPARAVA DO CORPO NA DOENÇA, NO SONO OU NA MORTE.
NÃO DESPERTEIS NINGUEM ABRUPTAMENTE, DIZ UM DOS UPANISHADS DA ANTIGA INDIA...



PRETO NO BRANCO



CONTA-GOTAS

NA TERRA DA FÔLHA DE BÔRDO

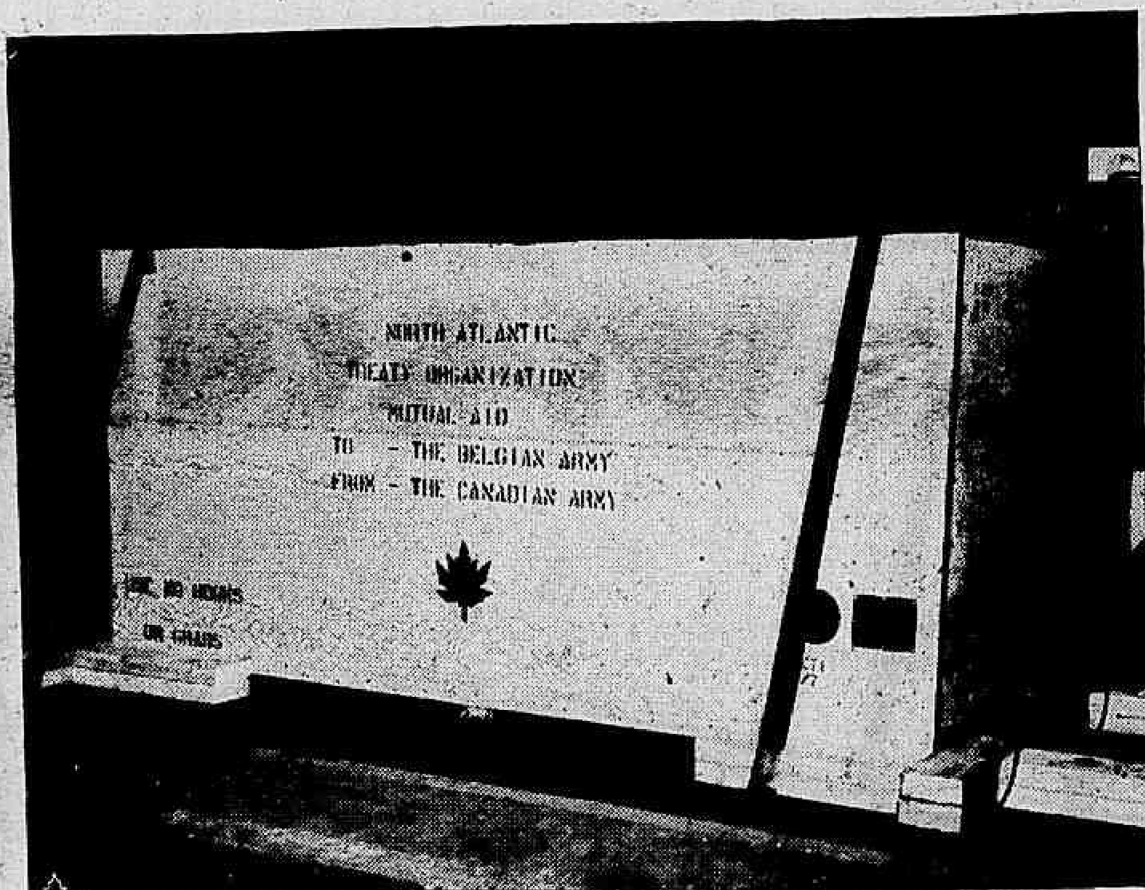


As fôlhas de bôrdo são vistas aqui esculpidas à base das Armas Canadenses, entrelaçadas na complicada escultura que serve de bordadura à entrada do edifício do Parlamento em Ottawa.

aos problemas da aeronáutica, cuja juventude, no curso da Segunda Guerra Mundial, forneceu um têrço das tripulações à "Royal Air Force", não falando de 40 esquadrões inteiramente canadenses. Nos mesmos campos de treinamento de onde sairam, em cinco anos, 131.000 aviadores para a "Commonwealth", futuros aeronautas das nações do Norte-Atlântico estão presentemente ganhando as suas "azas" fôlha de bôrdo, como pilótos e navegadores de quem se espera a árdua tarefa de montar guarda aos céus do ocidente. A fôlha de bôrdo também figura, como insígnia, nos gigantescos aviões comerciais canadenses que trafegam pelas rotas aéreas da orbe, e nos velozes caças a jacto, de características revolucionárias, que estão saindo dos estaleiros do Canadá.

Êste emblema singular tornou-se símbolo de tôdas as manifestações da vida canadense. Não existe modalidade esportiva no Canadá, seja hockey em patins ou "base-

(Cont. na pág. 49)



E, finalmente, a fôlha estampada num carregamento de armas, como presente do Canadá, dos muitos feitos para a Bélgica, Holanda e Itália, de acôrdo com o Tratado do Atlântico-Norte.

A CHAVE

COMO fazia tôdas as manhãs, ela apanhou a camisa que êle deixara por sôbre a cadeira e sorriu. Riso doloroso, conformado. Olhou aquelas manchas de *baton*, agora tão familiares, e seu pensamento voou para a vez primeira em que as vira. Como sofrera então! Afinal, a repetição daquilo, a princípio a longos intervalos, e, depois, com maior freqüência, até se integrarem definitivamente nas coisas corriqueiras do cotidiano, trouxeram-lhe aquela conformação, aquela indiferença. Stela já não sentia absolutamente nada ante a prova concreta da infidelidade daquele homem, despido, afinal, de qualquer consideração para com ela, aquêle homem que ela amara acima de tudo e que agora lhe era tão indiferente, como indiferentes eram aquelas manchas vermelhas que lembravam sangue. Sorriu novamente. Sangue... Fôra êsse o grito impiedoso que irrompeu do seu coração ferido pelo ciúme. Ciúme... Coisa bôba, murmurou com amargura. Mas ela o sentira tão intensamente, que sua natureza de ordinário pacata, exigiu logo o máximo.

No entanto, os dias foram passando sem que qualquer dos planos arquitetados se afigurassem dignos de trazer-lhe a satisfação duma vingança total. Satisfação capaz de afogar a dor indefinida que a consumia. Liquidá-lo, eis o que imaginava fazer. Mas aí uma dúvida encheu-a de horror. Eliminá-lo não seria, talvez, dar-lhe a paz verdadeira atrás da qual corremos tôda a vida? Ao passo que para ela restariam as alternativas da prisão ou do suicídio. Se ao menos pudesse dar-lhe morte lenta com a qual tivesse certeza de fazê-lo sofrer, então, sim, ela o mataria mil vêzes se preciso fôra, importando-se pouco com o que viesse depois. Mas... só a lembrança da quietude que se apodera dos mortos dava-lhe náuseas.

Passou a ler àvidamente os crimes dos jornais, estudando-os minuciosamente; no final, porém, de cada um, mais se compenetrava de que não era bem a morte o que êle merecia. O importante era que êle sofresse tão intensamente quanto ela sofria. E se possível moralmente. Encontraria assim um meio de fazê-lo, porque o queria, e assim havia de ser.

Era essa certeza que lhe dava fôrças para suportar o cinismo daquele homem, os beijos que êle não dispensava quando alguém os visitava; a afronta de tôdas as noites: a *toilette* demorada, unhas polidas, perfume, e o pior — aquêle assobio enervante que lhe esfrangalhava os sentidos. Depois, o silêncio da casa vazia, o tic-tac do relógio varando noite a dentro, e ela — olhos perdidos na escuridão do quarto — ouvindo atônita sucederem-se as horas no carrilhão da Praça, enquanto seu cérebro incansável trabalhava, trabalhava. Noites iguais: tôdas, tôdas. Desde quando? Nem o sabia mais. A brutal revelação tornou-a apática aos pequeninos nadas que fazem o encanto da vida. Passou a viver exclusivamente para a sua vingança. Acariciava-a com o pensamento, retocava-a...

Há dias encontrara afinal o que tanto ansiava. Curioso! Êle próprio indicara o caminho, ao entregar-lhe a pasta de couro prêto que levava todo fim de mês para casa.

— E' uma maçada! Êsse dinheirão em casa não me dá tranqüilidade. Tranque-o na escrivaninha, Stela, e não esqueça de pôr a chave debaixo do meu travesseiro. Já pedi ao chefe que desse o encargo dêsses pagamentos a outro, mas êle diz que sou o homem de confiança; dispensaria de bom-grado essa confiança. Não me agrada nada essa responsabilidade nos dias que atravessamos. Você não tem lido sôbre a onda de assaltos?

— Bobagem, Márcus! Há anos você faz isso e nunca aconteceu nada, por que aconteceria agora?

Nunca ela soube como tivera fôrças para dizer aquilo. Apanhou a pasta cuidadosamente, acariciou-a como se ali estivesse encerrado o ar que lhe nutria a vida.

Conto de
Raymunda Victore Butterby

— Para o mês, — pensou — para o mês estarei vingada!

Era uma felicidade sabê-lo tão honesto. E a certeza era absoluta. Parecia até que excluíra do seu "eu" tôdas as outras qualidades para ser plenamente honesto, principalmente em se tratando de dinheiro. Duma feita ouvira-o afirmar que preferia ficar sem as mãos, se chegassem a ser instrumento duma ação tão degradante...

Por que teria ela perdido tanto tempo quando a coisa era tão fácil?

— Márcus, Márcus, — murmurava em êxtase — verás que os olhos de Stela não serão os únicos a verter lágrimas.

Cada novo dia ela aperfeiçoava melhor o terrível plano. No próximo mês, quando êle saísse, após o jantar... Sim, êle sairia não restava dúvida. Embora voltando mais cedo, preocupado com o dinheiro, não deixaria de sair. Era como se um imã o atraísse. Mesmo doente ou em noites tempestuosas, lá ia êle para aquela mulher. Nada o retinha. Então, quando se fôsse, ela daria sumiço ao dinheiro. Antes, porém, telefonaria em nome dêle para a mais luxuosa joalheria da cidade. Depois solicitaria certa jóia de valioso custo exposta na vitrina, a qual deveria ser enviada em determinado dia (teria que ser um dia após o furto). E daria, é claro, o endereço daquela mulher. Só então avaliava o quanto lucrara, seguindo-o noites a fio.

Era forçoso que o pagamento fôsse efetuado antes da entrega, o que seria feito no escritório. Indispensável tornava-se ainda que na firma ficassem a par da aquisição daquela jóia e, quando ela fôsse interrogada, hàbilmente faria insinuações que o complicassem cada vez mais...

Levariam meses investigando. Caso não fôsse provada a culpabilidade, mesmo que o pusessem em liberdade, na pior das hipóteses ficaria a dúvida: dúvida que embora silenciada existiria. Nasceria então o complexo que o liquidaria. No ingênuo olhar do seu melhor amigo, ou do desconhecido que por acaso o fitasse, êle sentiria a dúvida. Aquilo seria o fim. Ela bem o sabia. E quando o visse alquebrado, definhando por causa dela, tanto quanto ela definhava por culpa dêle, todo seu ser entoaria um hino de ação de graças por ter realizado a vingança.

Nada mais restava fazer senão esperar o dia do pagamento.

Parecia que os dias arrastavam-se com lentidão. Não perdia de vista sua prêsa, com mêdo de que lha roubassem. Ficava ali quietinha, enquanto êle

(*Cont. na pág.* 48)

Ilustração de
GIL



EU JURO QUE DEUS NÃO EXISTE

PRIMEIRO PLANO obtido do interior da casa humanitária em que se encontram vinte sêres humanos que nada mais esperam da vida. Quando o crepúsculo tinge de côres vivas e horizontes, é como se as próprias almas dos enfêrmos nêle se refletissem e muita solidariedade, muito espírito de confirmação os faz esperar com resignação. Ao alto, a igreja de N.S. da Penha.

ÊLES ESPERAM A MORTE SORRINDO

VINTE IRMÃOS DE LAUREANO, EM SOFRIMENTO, CONVERSAM SÔBRE A ALMA HUMANA QUANDO SE ESPERA O FIM INAPELÀVELMENTE ★ CRIANÇAS QUE JAMAIS SERÃO ADULTOS ★ TEMPO CONTADO PARA VIVER ★ O DESESPERADO NÃO ACREDITA EM DEUS

Reportagem de VINÍCIUS LIMA



ÊSTE FOI operário da Fundação Brasil Central — homem cujas faces dizem bem de sua alma. Os médicos garantem que será curado.

RUA Magé, 326, Circular da Penha, Rio de Janeiro. O repórter parou, sentou-se num tronco de árvore, acendeu um cigarro, cruzou as pernas e depois de uma *tragada* gostosa voltou a observar o objetivo: — Rua Magé, 326. À sua frente estava um portão muito grande, cujas portas enguiçadas e corroídas completavam a desolação do ambiente. No interior, no terreno, algumas árvores e muito capim. O capim verde e bonito; as árvores lembravam o outono. O capim escondia um poço que ficava à esquerda do portão, as árvores desfolhadas, davam a idéia de almas dos irmãos do médico Laureano. No poço, duas crianças brincavam despreocupadamente, e, por trás da cêrca de arame-farpado, uma menina inocentemente molhava a relva com a água que ingerira na véspera. E um passarinho cantou: Bem-te-vi!... Tudo isso na rua Magé, 326, Circular da Penha, Rio de Janeiro, Brasil. Guarde bem o endereço, leitor.

Descruzei as pernas, joguei fora o cigarro e pretendi prosseguir. Até então parecia uma reportagem comum. Olhei para os três pavilhões ainda em construção que apareciam a uma distância de 100 metros e pensei: que haveria por trás daquelas paredes? Um dos pavilhões, suspenso por colunas, deu-me a idéia de um ataúde gigantesco, onde 20 sêres humanos já estavam sepultados pela ignorância da ciência. Sepultados por médicos. Médicos coveiros. Parecia impossível! Onde estava a ciência. Onde a ciência que já desintegrou o átomo; onde estava a ciência que já nos proporcionou tanta comodidade, mas que ainda não aprendeu a tratar as feridas humanas produzidas pela triste enfermidade?



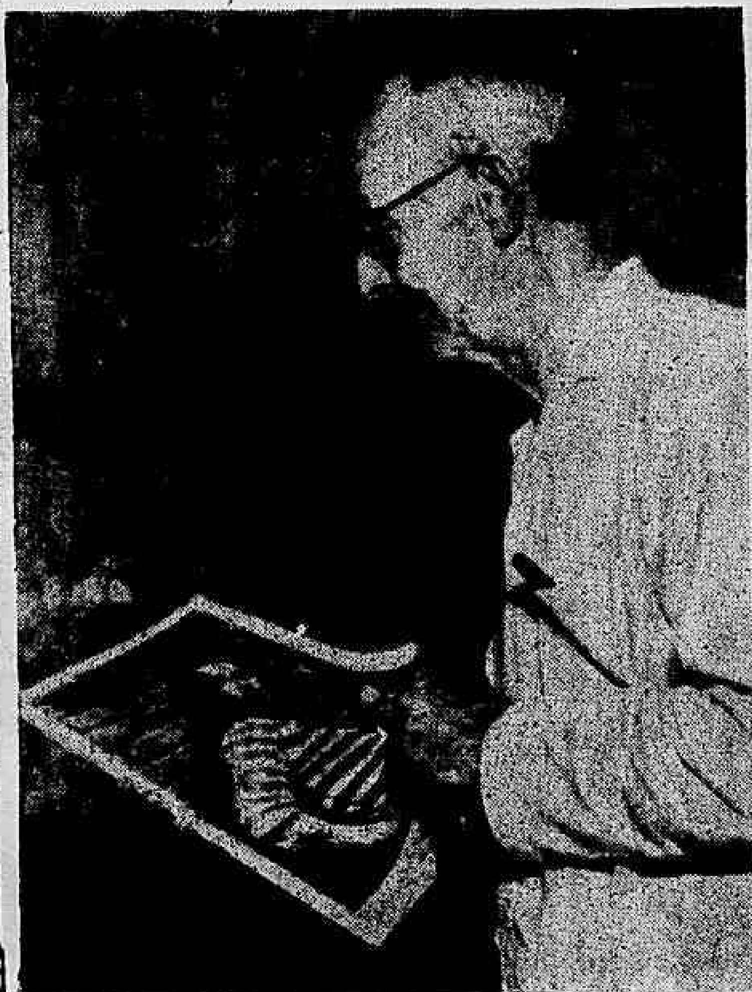
TRÊS LEITORES assíduos da **REVISTA**. O do centro disse ao fotógrafo quando a chapa era batida: — «Tire um retrato para espantar a tristeza e os insetos dos lares». Não compreendemos bem.



UNS DISTRAEM-SE palestrando, outros lêem para passar o tempo. Incrível que pareça, ninguém lamenta uma vida tão triste.



HÁ SEMPRE, um sorriso, um gesto de desprendimento e resignação, embora não possa haver felicidade. Todos são corajosos.

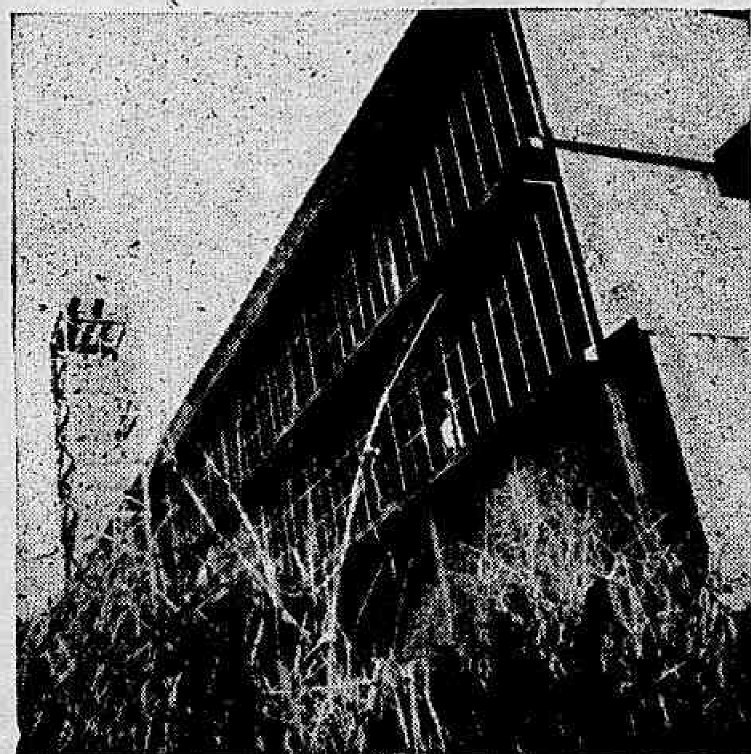


ANTONIO LEONE, um homem admirável. Observe, leitor, a expressão dêsse enfêrmo. Êle tem um senso de contrôle perfeito.



CRIANÇAS QUE ignoram que jamais serão adultos. O pião é para êles um remédio do espírito, mas todos aprendem a ler. Joãozinho e Pedrinho precisam de ajuda financeira, leitores. Podem mandá-la para a instituição em que se acham recolhidos.

ÊLES ESPERAM A MORTE . . .



É PRECISO auxílio financeiro para concluir as obras, pois o capinzal está tomando conta de tudo. Ninguém quer ajudar?

Aquêles desgraçados não tinham mais esperanças de viver. Aguardavam a morte. Aguardavam a morte porque a ciência dissera que nada mais havia a fazer. Por quê?

— Coitados dos médicos — pensei. — Coitados! Como não lhes doeu o coração!

Acendi outro cigarro e passei a pensar na reportagem. Jamais tinha entrevistado pessoas condenadas à morte. Evitara o caso Laureano porque não concordava com a forma por que era encarado, embora os enormes benefícios que proporcionou. Além disso havia d. Marcina, a sua progenitora e mais a pequena filha do casal, gente empenhada em tratá-lo com o máximo carinho e confôrto. Mas aquelas 20 criaturas no interior daqueles pavilhões, essas, sim, mereciam as atenções de todos. Não tinham feito campanhas heróicas, mas também não tinham espôsas, mães e krebiozen.

Meu cigarro me queimara os dedos. Por um instante divisei alguns operários que se dirigiam ao poço para apanhar água. Voltei à introspecção: — Como serei recebido? Que interêsse tem um homem que espera a morte em receber um repórter, de com êle conversar e lhe dizer também seus sentimentos?

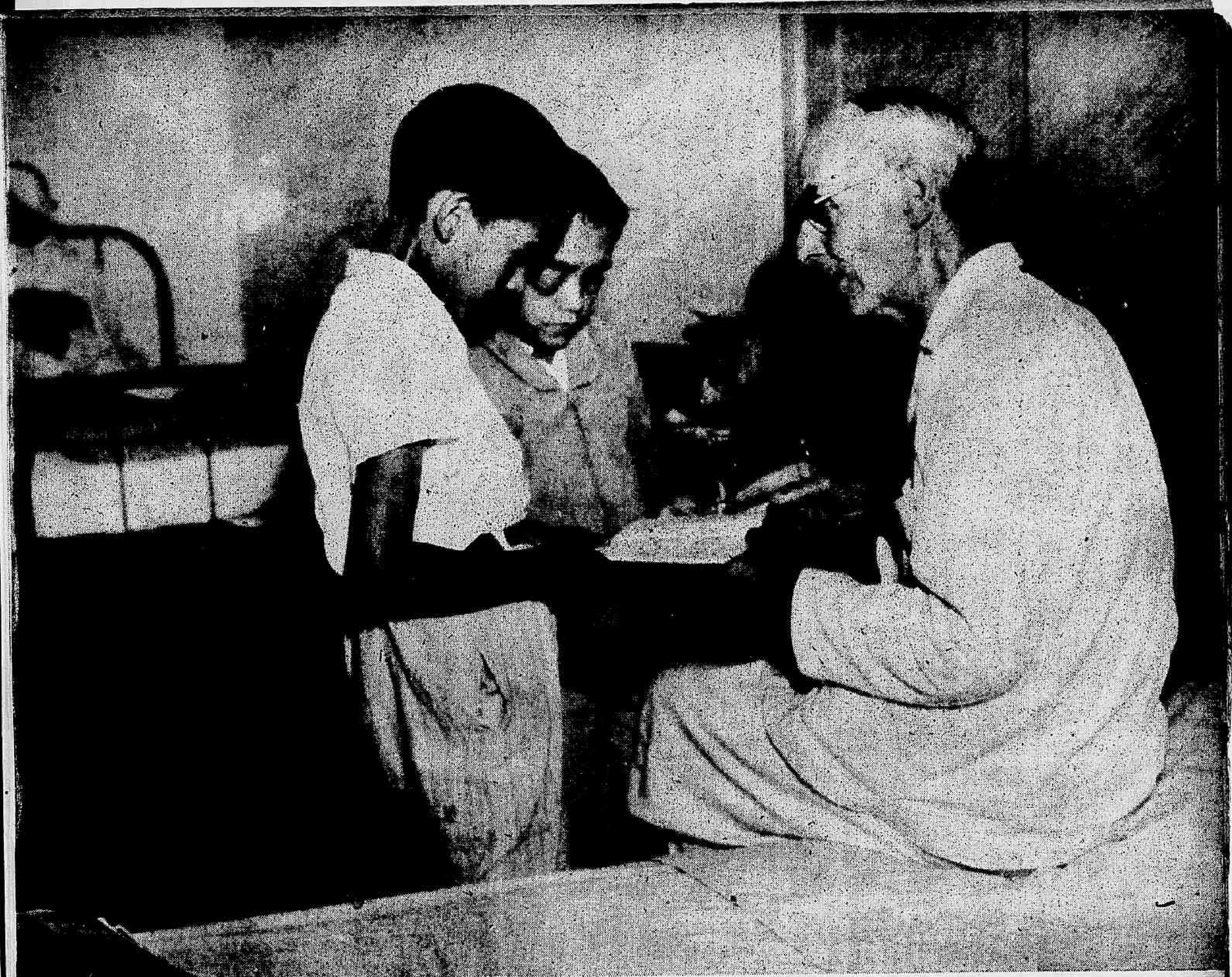
Ocorreu-me o trabalho de Victor Hugo: — "O último dia de um condenado", trabalho de ficção que sentia estar presente na vida daquelas pessoas, com a diferença de que o condenado pela jus-



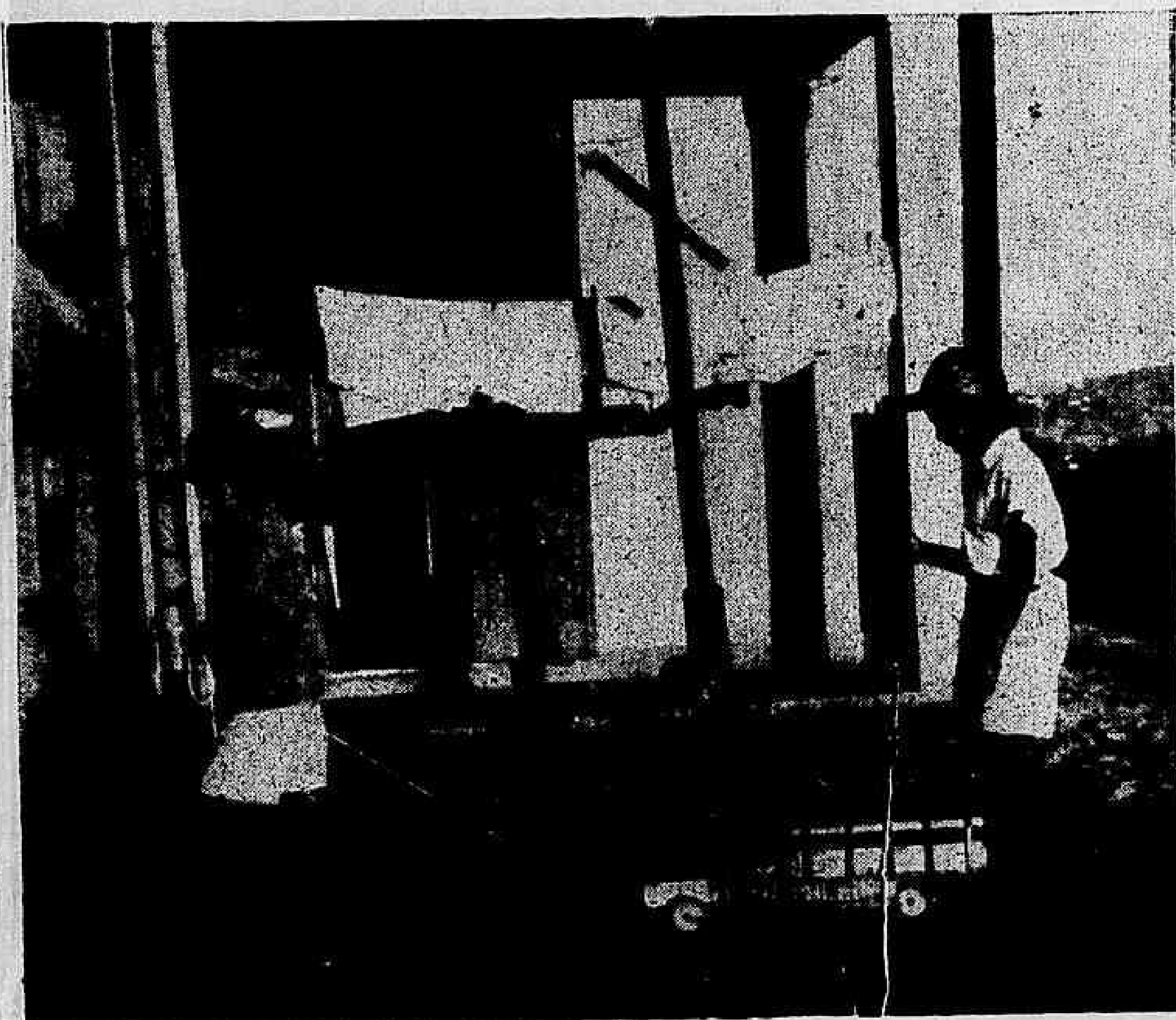
E O AUXÍLIO é merecido. Essas crianças dependem da ciência e a ciência exige condições de higiene, ambiente, laboratórios. Os doentes da Penha carecem dos generosos. E' preciso dar a ilusão de confôrto e todo auxílio a essa gente.



ESSA ALEGRIA estampada no rosto dos enfermos precisa ser compensada. Êles carecem de coragem para esquecer a realidade, embora muitos dêles da realidade não tenham exato conhecimento. Vive-se mais de espírito nesses lugares...



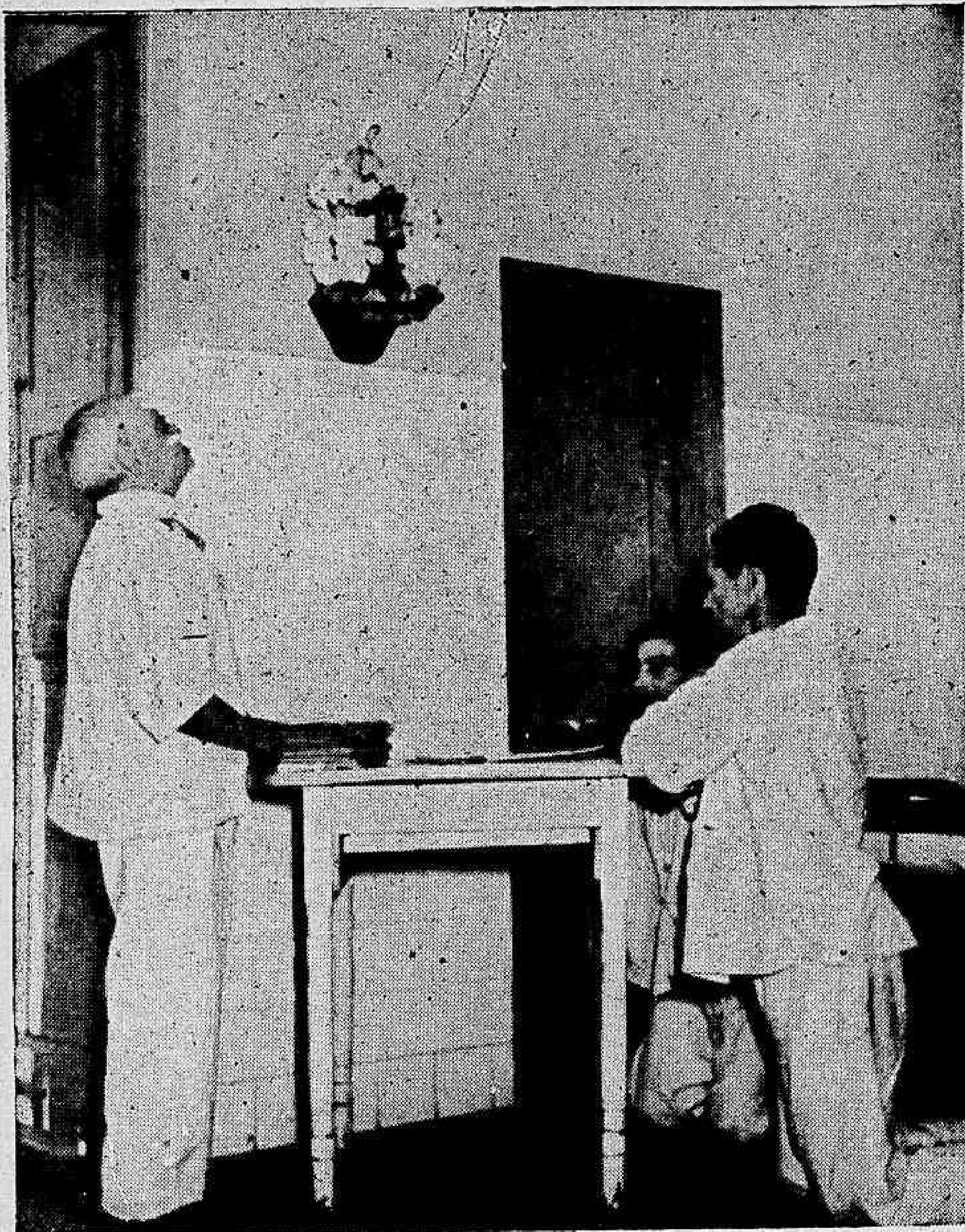
CONFÔRTO MATERIAL, porque existe um homem verdadeira muralha moral. Ensina a lêr aos meninos e diz aos outros que a vida é assim e que o desespero significa covardia. Por isso é difícil surgir um momento de desespero entre os enfêrmos que aguardam a morte. Não obstante, um dêles disse ao repórter: — «Morrer não me apavora, será um céu para mim».



COMO vêem, tudo ali é pobre menos o espírito dos internados: Joãozinho e Pedrinho são órfãos do destino que os sentenciou tão abruptamente, em plena infância. E assim é a vida.



OS FUNCIONARIOS do Internato constituem o único bem que êles possuem, pela sua dedicação. Mas dedicação não é bastante para quem precisa de remédios, confôrto e muita distração.



ENQUANTO UNS se distraem lendo, outros rezam e pedem a Deus uma definição pela ciência, do câncer. Que Deus ilumine os cientistas e surja o milagre, para todos serem curados.



TRABALHAM «no duro», para passar os dias. Leone é sempre o guia solícito, já tendo feito o mesmo com outro rebanho humano, do qual restam apenas êle e mais dois. Êste é um Homem!

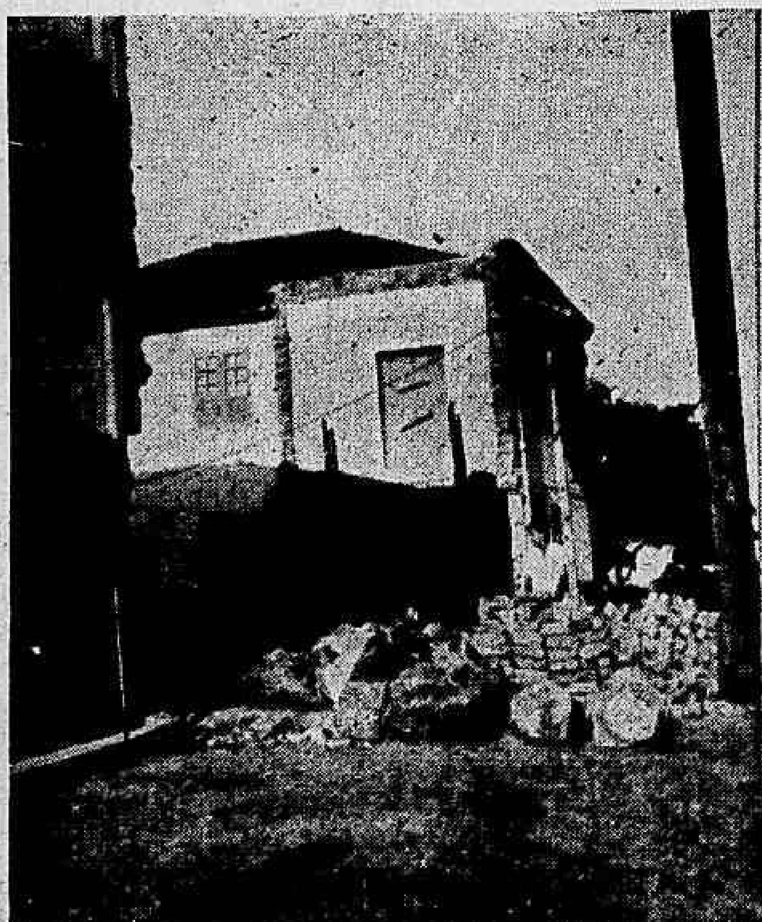
tiça tem culpa geralmente, não tendo a consciência sã.

Marchei para os pavilhões que cresciam à medida que me aproximava. Parei. Tudo quieto. Sòmente os baques secos dos martelos dos trabalhadores produziam ecos também secos; secos como as fôlhas das ávores do terreno. Anônimo, bati al gumas chapas exteriores e me dirigi, depois, par. um local que parecia ser o escritório. Ninguém Muita poeira nos móveis, outros desarrumados, uma vassoura, espanadores e um balde com água. Con'ui que havia alguém fazendo a limpeza, alguém ue se afastara por alguns momentos. Realmente, não tardou muito essa pessoa. Era uma senhora gorda e simpática. Estava vestida de branco e trazia um avental também branco e muito limpo, amarrado à cintura. Disse: Eu sou Genoveva Cristofaro, em que o posso servir?..."

Em poucos segundos o seu sorriso sincero cativou o repórter.

Informei-a de minhas intenções e imediatamente fui conduzido pelos degraus de um escada de cimento armado e paramos ante uma porta. Titubeamos: Não sei se o senhor quer *entrar*, disse a enfermeira. Entrar. Era esta no momento uma palavra elástica que dizia uma infinidade de coisas; uma forma discreta de perguntar ao jornalista se queria ou não ver o quadro desolador, se tinha receios de contágio, etc. Tudo isso os olhos de d. Genoveva expressavam. E pareciam alegres por sentir que, de fato, o repórter queria ver e conversar com os doentes.

(Cont. na pág. 48)



UM DETALHE dos pavilhões. Parece um ataúde gigantesco, não? Os tijolos desarrumados dão a idéia de sepulturas já abertas.



MAS NINGUÉM fica triste com isso, a não ser essa senhora que empresta seus serviços generosamente, só pelo coração.



ALMAS BOAS que a todo o momento afluem à instituição para oferecer donativos aos doentes. Dona Genoveva as acompanha.



DONA GENOVEVA é a enfermeira e pastôra do rebanho humano. Está em tôda parte prestando seu apoio. Tornou-se amiga de Leone a quem considera um precioso auxiliar, pois aparece em todos os lugares praticando o Bem.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CREAÇÃO DE DARCY

CIDADE MARAVILHOSA
4 - QUANDO CAI UM CHUVISCO



ELES NÃO QUEREM OUTRA VIDA



ESTAS CRIANÇAS, de cinco e três anos de idade, são: Russel. Jr. e sua irmã Kathy Tongay, os mais espantosos nadadores e mergulhadores de que há notícia no mundo. Aqui os vemos treinando numa piscina do Albion Hotel em Miami. Olharam o fotógrafo como quem diz: êstes repórteres são invencíveis até mesmo debaixo dágua. E os garotos também, dizemos nós.

FILHO DE PEIXE PEIXINHO É

DESDE OS PRIMEIROS ANOS O PAI OS EXERCITA PARA A TRAVESSIA DO CANAL DA MANCHA

RUSSEL Tongay Jr. e sua irmã Kathy, já estão famosos no mundo como verdadeiros campeões de natação, mergulho e resistência até debaixo d'água. Êle tem hoje cinco anos, e ela três. Ambos treinam para campeonatos mundiais de natação a longa distância, como sucede com a famosa travessia do Canal da Mancha, do Griz Nez, na costa francesa, até às ribanceiras inglêsas em Denver.

Seu pai é aposentado da "United States Coast Guard" e instrutor de natação. O velho sempre foi apaixonado pelo esporte de dominar as águas pelas braçadas ou pelos mergulhos. Quando os seus dois filhos, Russell e Kathy, iam chegando à idade suficiente para treinamentos, o bom e esportista Pop os ia metendo n'água de piscinas, ensinando-lhes a arte de boiar, a técnica de nadar com firmeza, mas sem cansar, a difícil imitação dos peixes sob os claros e transparentes lençóis d'água.

Dizem que o velho conseguiu seus primeiros triunfos com o filho, quando êste não tinha ainda um ano! Pop é um instrutor perfeito. Russell Jr. ao chegar aos quatro anos de idade, já era detentor de vinte e duas milhas de natação. E a menina, aos dois anos, já registrava nada menos de dez milhas.

Onde conseguiram êles tamanha proeza? Nas revôltas e enlameadas águas do Mississipi, sob as vistas directoras do pai, que faz questão de transformá-los em ases dêsse esporte tão admirado e cultivado em todo o mundo.

Quando os meninos começaram a chamar a atenção de jornais e agências telegráficas, procurou-se saber como podiam êles ser campeões em tão pouca idade. Êsses garotinhos deviam ter na família parentes dedicados à natação. E não foi falsa a dedução. Tudo provinha do lado paterno. Seu pai era apaixonado da natação e instrutor dêsse esporte, antigo marujo guarda-costa dos Estados Unidos. Excelente nadador, Pop desejou para seus dois filhos, um futuro "sôbre as ondas".



E LÁ VÃO êles, com sua espantosa capacidade de fôlego e técnica em fazer debaixo dágua o que muitos não fazem em terra.



MAMAE TONGAY, porém, não se descuida da educação dos seus amáveis «peixinhos» e lhes subministra lições à noite. Ao piano, a maninha Kathy recebe as lições de música e canto.



DEPOIS DA ARTE musical, êles vão para exercícios próprios da idade numa espécie de «jardim da infância» doméstico. Mrs. Tongay lhes apresenta diversos problemas para resolver.

Mas o velho não os quer ver apenas como campeões de natação, e sim, capazes de executar outras façanhas sempre dentro d'água ou debaixo delas. Assim, ensina-lhes os saltos de me gulhos artísticos, tendo preparado uma espécie de trampolim portátil, que leva até às piscinas dos bons hotéis da Flórida para exercícios dos meninos.

E não fica sòmente nisso. Seu pai lhes veda os olhos e êles saltam dos trampolins, fazendo fantasias aquáticas. Amarra-lhes os pés, e êles nadam como peixes. Ata-lhes as mãos, e os endiabrados meninos mergulham, bóiam e nadam com facilidade, como se todo o corpo dêles fôsse adaptado aos exercícios aquáticos.

Mas não se pense que todos êstes exercícios e treinos sejam feitos a título de exibição. Nada disso. O velho treinador Pop é um técnico. Há programas pré-estabelecidos. Assim, se em determinado dia é preciso nadar 400 jardas, só nadam êsse ponto. Se fôr preciso nadar apenas 300 jardas, só nadam êsse espaço. O velho Pop, seu pai, vai-lhes corrigindo os defeitos, orientando-lhes a maneira de respirar, de dar as braçadas, de mergulhar e prender o fôlego debaixo d'água, tudo feito com ciência e técnica.

Tanto Russell Jr. como Kathy estão ansiosos por chegar ao ponto culminante de suas habilidades: a travessia do Canal da Mancha. O velho Pop não quer que a menina o atravesse agora, pois é muito criança ainda; mas, segundo seus cálculos, poderia ela atingir a metade do canal. Quanto ao menino, não tardará a enfrentar as águas daquele canal do mar do Norte, travessia que tem feito muita gente adulta retroceder, enquanto outros nadadores chegam exaustos às costas da Inglaterra.

Russell Jr., que já possui desenvolvimento físico bastante acentuado, não perde as esperanças de, um dia, vencer o Canal levantando recorde. Se conseguir isso, terá chegado à glória e a dividirá com o seu querido Pop, a quem deve suas habilidades e resistência física... até debaixo d'água.



A FUTURA CAMPEA de natação e mergulho, «baby» Tongay, exibe sua técnica com absoluta perfeição de braçadas e segurança de forma, ao lado do irmãozinho que lhe dirige palavras de elogio. Estão passeando aquàticamente na piscina do excelente e tropicalíssimo «Robert Richter Hotel», em Miami.



JÁ SÃO artistas do nado e do mergulho. Mesmo com os olhos vendados, mãos e pés atados, êles executam nados e mergulhos.

EI-LOS AQUI, no tôpo do trampolim sôbre a piscina do Robert Richter Hotel, em Miami, Flórida, prontos para o salto com os olhos vendados

FILHO DE PEIX



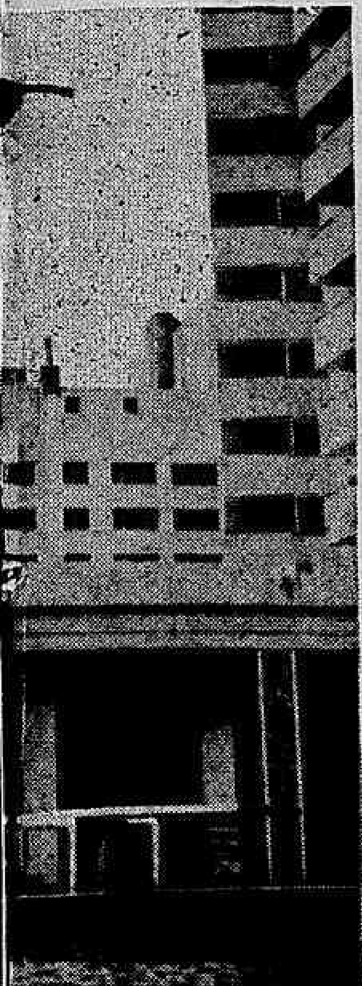
UM... DOIS... TRÊS! O
no abismo, sem nada ver,
nos olhos. Fazem cabriol



tôda segurança na água d
os que estão apr



E PEIXINHO É



dois garotinhos saltam
tudo escuro pela venda
nos ares e caem com



piscina, entusiasmando
ando a proeza.





NOS HOTÉIS em que se hospedam são muito populares e os banhos de piscina se convertem em verdadeiros "shows" de natação e saltos.

A Vertigem

(CONCLUSÃO)

CHEGAMOS ao tôpo da escada. A onzenária segurou ràpidamente meu braço, pois, apesar de tôda a cautela, ela quase perdia o equilíbrio e caía, ao atingir o primeiro degrau. Deteve-se a usurária até recompor os nervos, pôs a mão direita sôbre o peito e disse cheia de susto:

— "Eu ainda cairei desta escada..."

— Vamos — disse-lhe eu, tranqüilizando-a — apoie-se em mim, eu a ajudarei.

— Que susto, santo Deus! E' preciso mais luz aqui, está muito escuro. Amanhã compre outra lâmpada mais forte, Deus me livre!...

Tia Bósnia falava freqüentemente em Deus. Deus é palavra barata. Eu daria minha vida a satanaz para nunca ter ouvido aquelas palavras fatais: "Eu ainda cairei desta escada". Arrimada a mim e ao corrimão da antiga e rangedora escada, minha tia desceu vagarosamente; a escada gemia sob nossos pés. Triste coisa é a gente ficar velha, aos poucos o tempo nos rouba tôda a vitalidade e a carcassa sofredora tomba vencida! O sono não me aliviou nessa noite, jamais o leito me fôra tão desagradável, de olhos limpos vi a luz medrosa da madrugada entrar pela vidraça. Como que se operava em meu espírito a explosão de um novo sentimento que era a combinação de três entidades ruinosas: o ódio, a inveja e o ciúme... Aquela idiota, minha tia, tinha dinheiro, fôra feliz e nada fazia por mim... Pelo contrário, queria que eu, sã, fôsse consultar o charlatão da fábrica, o mesmo que, sem o menor motivo, perguntara-me certa vez se eu não sofria dores de cabeça! Sim, sã, eu não sou louca: êles pensavam, estúpidos!

Suas palavras malditas não me saiam do pensamento: "Você é a minha herdeira... Eu ainda cairei desta escada..." Da associação destas duas sentenças surgiu-me uma macabra... Dias depois um fato desagradável veio turvar mais ainda meu espírito.

Cheguei à fábrica, pus o avental e a máquina foi movimentada, quando soou a sereia. No bôlso do avental havia um volume que haviam colocado ali, retirei-o. Eram trapos empapados em tinta vermelha... Encolerizada olhei em tôrno, riam-se todos os imbecis, saboreando a pilhéria, principalmente as mulheres, supinamente pérfidas que eram... Algumas gargalhavam, mas nada se ouvia, apenas eu via o gargalhar mudo, abafado pelo sincronismo ensurdecedor e enervante das máquinas, que também pareciam rir... Assim se comportavam as maledicentes companheiras, movendo-me perseguição feroz e canalhesca, espalhando a cizânia e a intriga. Encarando, altaneira, as malvadas, eu apertava os trapos, enquanto a tinta escorria entre meus dedos. Depois os atirei ao lixo; a luva vermelha parecia cobrir as mãos ensanguentadas de uma homicida. Homicida! Divertiam-se as fúteis... O resto do dia foi de um sofrimento atroz. As petecas choviam sôbre minha cabeça, 20 sacos da minha produção foram criminosamente inutilizados, apareceram retalhados a navalha...

De quem era a culpa?... De tia Bósnia... Sim, de que vos admirais? Ùnicamente de tia Bósnia... "Você é a minha herdeira". Homicida... "Eu ainda cairei desta escada". E' verdade que tanto ela como minha mãe nada sabiam do que se passava na fábrica, eu nada lhes dizia, suportava tudo sem uma queixa; mas, elas deviam saber, deviam. Homicida!

As 18 horas, quando deixei a fábrica, tinha o corpo doído do trabalho rude e o cérebro escaldando. Caminhava rumo de casa, cheia de pó e de mágua, cuspia grosso os pêlos venenosos da juta.

A noite, de meu quarto, ouvi a escada carunchosa guinchar, cada degrau emitia uma nota lamentosa e lúgubre. Espiei... Tia Bósnia subia para o quarto. A figura negra varava a penubra, escada a cima, insustentável, agarrada ao corrimão. Não restava dúvidas de que era realmente muito fácil uma queda... Bastava um passo em falso, mesmo porque eu ainda não comprara a lâmpada mais forte, esquecia sempre... Como seria fácil! Na descida muito mais ainda. Seria o suficiente que alguém a tocasse de leve, pelas costas, com um único dedo, no exato momento em que ela, tateando, procurasse o primeiro degrau. Um dedo era o bastante para a impelir, para precipitá-la... As quedas de escada são as mais perigosas... e fatais. Muito fácil... Homicida! "Eu ainda cairei desta escada". Eu não queria mal a minha tia, ela me tinha amizade, eu precisava de uma amiga, tudo, porém, até aquela noite; por que me fizera a velha tão infeliz revelação?

Fraco e contínuo fuzilar prenunciava grande tempestade. Longínquos ribombos, alongados e ameaçadores, chegavam até nós. Uma rajada de vento varreu, rápida, sacudindo, violenta, as árvores do quintal; logo após um aguaceiro desceu. De inopino, estremeci, amedrontada.

Nêsse ponto do relato haveis de afirmar, condensando em vosso espírito a convicção absurda, que eu sou, positivamente, uma infeliz débil mental. Mas não, não procedais assim. Eu não sou maluca, não! Ouvi-me, pois.



Há dias eu esperava aquela situação, evitá-la era impossível; chegara a aterradora época, o colapso, a transformação, o ciclo infernal da vertigem. Achava-me sentada na cama, donde via a escada tenebrosa. O primeiro sintoma surgiu repentino e crescente, abudante exsudação gelou-me as extremidades, como no mês anterior. A custo levantei-me, fui até à sala de jantar, onde mamãe passava roupa a ferro. Os trovões rebentavam ameaçadores em cima de nossas cabeças, abalando a casa. Vendo-me pálida, mamãe, ríspida, como sempre, mandou que eu me fôsse deitar, pensou que eu estivesse com mêdo da trovoada, disse que eu parecia doida... Voltei acovardada, iria ao quarto da titia pedir-lhe socorro, pedir-lhe perdão, eu tinha receio de mim, dos maus pensamentos, da vertigem já agora atingindo tôda a sua impressionante intensão. Pisei os primeiros degrâus mas voltei-me de repente. Julguei que alguém me acompanhasse, rindo-se baixinho... Não vi nada, mas, completamente perturbada, encostei-me à parede, amparando-me, porque uma voz medonha segredava a meus ouvidos! Ouvi distintamente: — "Vai, sobe... Ela está lá em cima... Eu ainda cairei desta escada... Aproveita a oportunidade, depressa, sobe..."

Sentei-me para não tombar, apavorada, quis gritar, não tive coragem. Os relâmpagos iluminavam as paredes encardidas, a chuva caia violenta, o vento uivava, fustigando, furioso; a tormenta rolava, estremecendo a escada fosforescente! Procurei rezar, era inútil, eu não sabia, nunca me ensinaram. Eu não acreditava em Deus, isto é, naquele horroroso transe eu acreditei, eu acredito agora... A voz metálica segredou de novo: — "Vamos, coragem, sobe, anda! Tu és a herdeira. Aquela fortuna te pertence... Ninguém saberá, depressa, idiota!" Ergui-me, subi, queria fugir à vertigem, precisava da proteção de tia Bósnia; creio até que gritei aflita. No cume da escada escorreguei na água de uma goteira, parei orientando-me novamente. A vertigem havia chegado ao ápice do seu curso evolutivo. Senti que alguma coisa parara, que tudo emudecera de súbito, até a borrasca, tal qual na fábrica, quando desligavam as máquinas. Achava-me como que num navio fantasma, parado em mar sereno, flutuando silencioso. Julguei-me artista inexperiente, em cima dum tablado, para desempenhar o meu papel ao início de estranho espetáculo. No ângulo da escada, dominando a atonia, tomei novo alento, subi correndo e bati à porta da tia.

— Tia Bósnia... Abra, tia Bósnia...

— Que foi, Toronja? — interrogou tia Bósnia, abrindo a porta. — Você está tão pálida...

— Tia Bósnia... Ah! Minha tia, eu tenho mêdo, tenho muito mêdo...

— Fique calma, minha filha, o temporal vai passar. — Disse, beijando-me pela primeira vez.

— Não, tia não é isso... E' a vertigem, não resisto, a senhora não compreende...

Tia Bósnia arrastou-me até ao seu leito, insistiu em que eu me acalmasse, declarou que eu vivia muito cansada, acentuou que ia tirar-me da fábrica; fêz-me carinhos, riu-se até, com doce piedade. Mas meu assombro foi indizível, quando ela me disse que a agitação passaria depois que eu tomasse o calmante que ela iria buscar, lá em baixo!... Aconselhou-me a ficar tranqüila, quietinha, que me deitasse um pouquinho, até a sua volta. Opus-me a sua decisão, havia goteiras na escada, ela era míope, poderia escorregar, cair... Cair! A velha reumática encaminhou-se para a escada, sem ouvir-me, ia descer os 28 degrâus!... Um nevoeiro parecia amortecer minha vontade. Saí atrás dela... Uma gargalhada mefistofélica desorientou-me, um clamor imenso surgiu do profundo silêncio e eu, acompanhando a velha, atraida pela escada maldita, via a multidão ululante das operárias da fábrica vindo em minha perseguição. A voz malévola voltou a insinuar: — "Que esperas? A ocasião é excepcional. Não voltarás ao trabalho, terás fortuna e bem estar, serás querida, querida... A herança é tua. Ninguém sabe, ninguém viu, nada prova... Eu ainda cairei desta escada!" Eu fazia tremendo esfôrço para livrar-me da angús-

(Cont., na pág. 49)

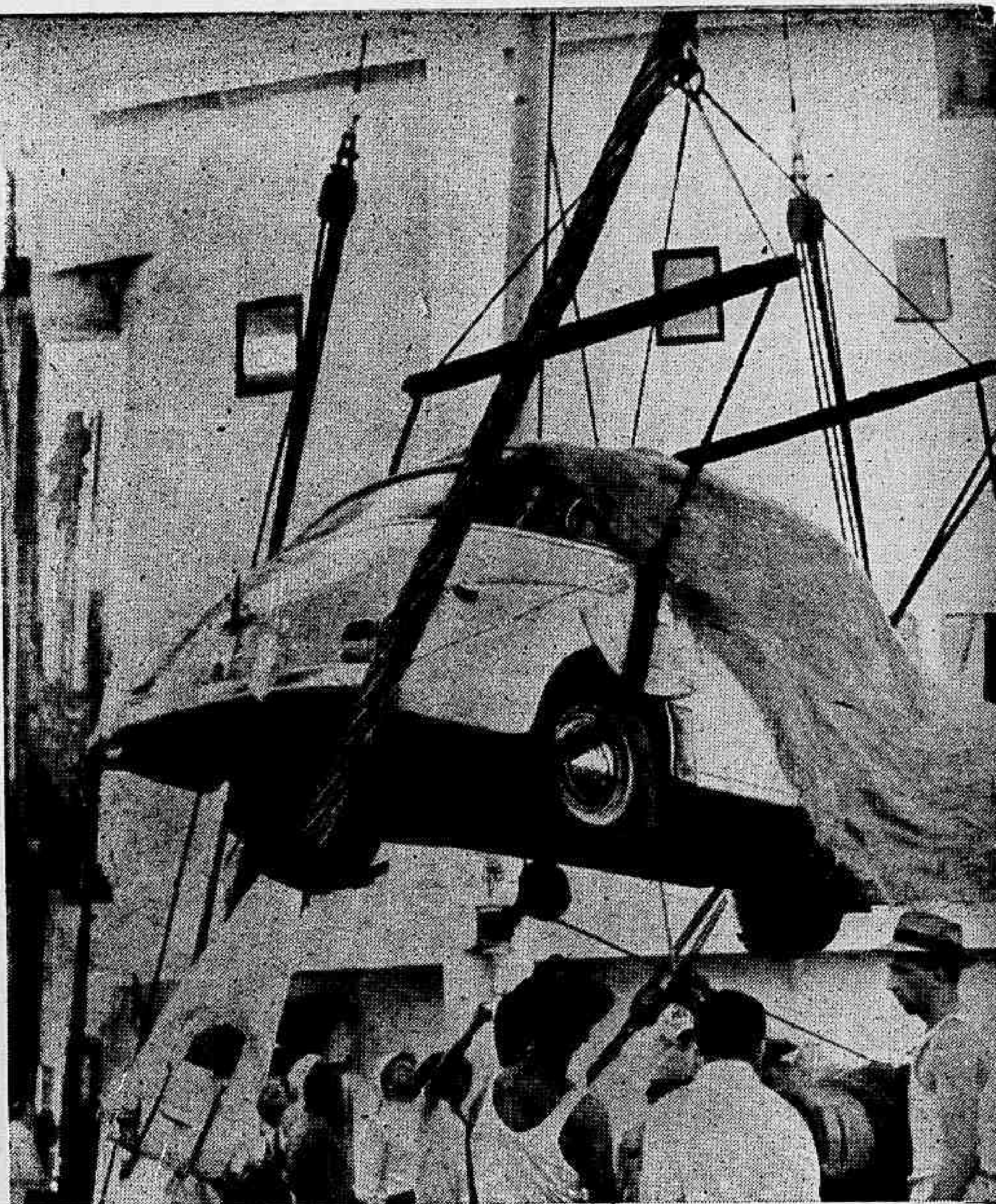
NOVELA DE **VICENTE C. DE CARVALHO** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ORVAL**

ESTACIONAMENTO

OUTRO GRANDE PROBLEMA

UM PLANO QUE MELHOROU O TRÁFEGO DA CIDADE, MAS QUE POR OUTRO LADO AGRAVOU O ESTACIONAMENTO, TORNANDO-O MUITO MAIOR ★ UM OUTRO GRANDE PROBLEMA QUE SURGE

Texto de MOACYR DE LACERDA — Fotos de HÉLIO JOICE



DIA APÓS DIA as importações de automóveis continuam. Enquanto isso o pedestre carioca tem que se conformar. Até chegar o dia em que deixará de sair à rua..

SE o plano do Sr. Lúcio Costa deu realmente maior velocidade ao rolamento do tráfego, trouxe, sem dúvida alguma, como redundância, a agravação de um outro grande problema: o do estacionamento. Em conseqüência, a política de deixar tudo livre, em benefício do aumento da "caixa" das ruas, a maioria dos pontos públicos e privados espalham-se pela cidade marginando-lhes os meio-fios em tôda a extensão. E temos como exemplo as ruas México, Almirante Barroso e Graça Aranha, que tiveram suas placas retiradas. A clientela viu-se na contingência de recorrer aos velhos e esgotados pontos principais da "Cidade Maravilhosa".

Daí então, modificou-se igualmente o modo de vida de alguns motoristas, compelidos a percorrer, às vêzes, 2.000 metros para poder tomar o carro e consumir longo tempo para safá-lo. Pois, se o motorista estacionar seu automóvel e mais tarde precisar retirá-lo, será necessário, para dali sair, remover o primeiro ou segundo caro que o impede a saída, verificando-se então, um verdadeiro choque em cadeia, de automóveis.

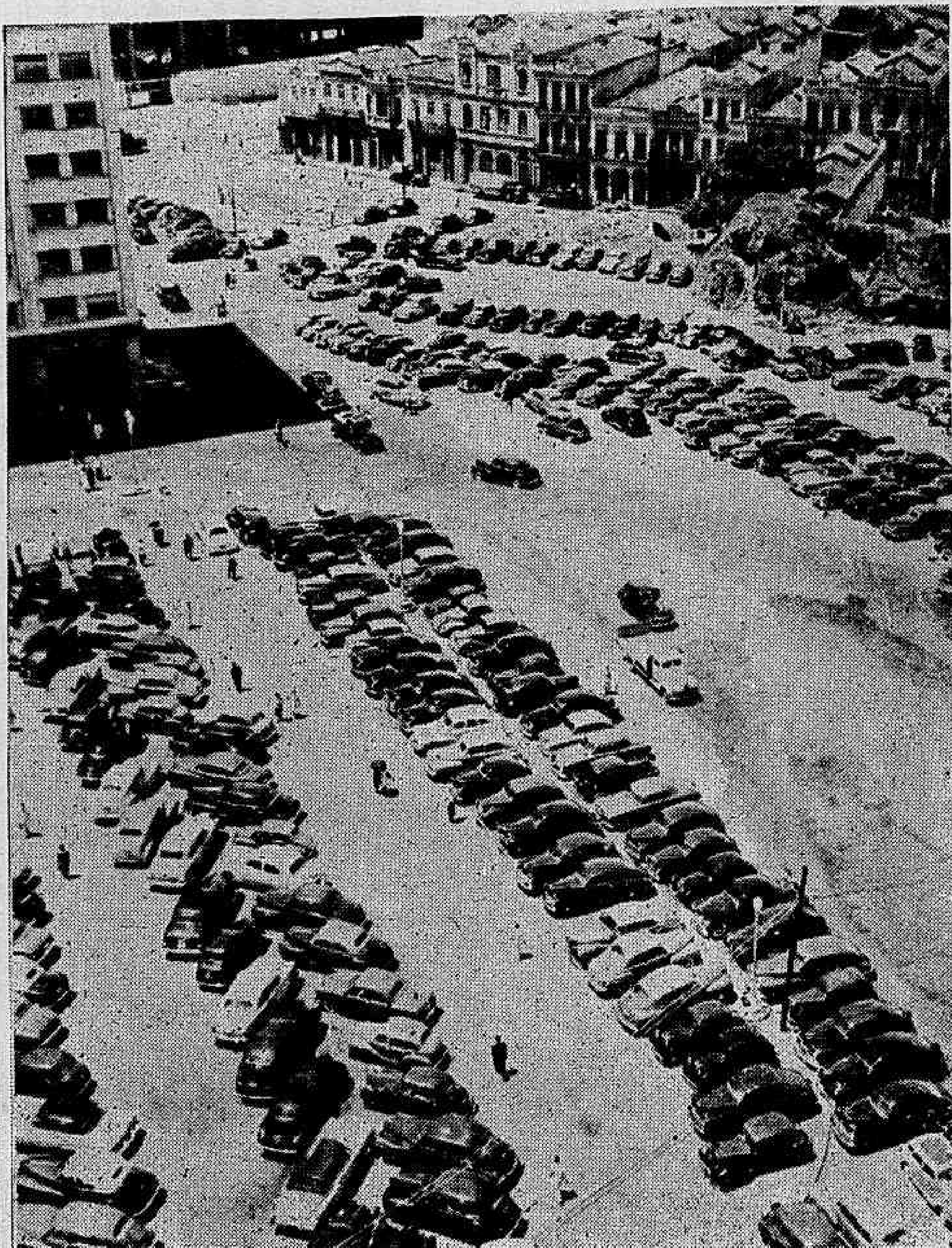
Mas a verdade é que o problema se acentua, e com tendência a piorar, pois já temos os primeiros resultados. À medida que passa, novas importações se realizam, num crescendo assustador. Segundo dados estatísticos fornecidos pelo I. T., à imprensa carioca, sabe-se que antes da guerra, circulavam cêrca de 40.000 veículos na Capital da República. E ainda se contava com quatro ou cinco grandes estacionamentos, exceto os menores, intercalados pelas ruas. Atualmente, a soma atinge a 80 mil, excluindo-se as vias laterais da Avenida Presidente Vargas e Obelisco. Porém, a Esplanada, Av. Antônio Carlos e Largo da Carioca, continuam os mesmos...



VISTA PARCIAL do Largo da Carioca na parte da manhã. 11 hs. Verdadeira confusão de veículos. Também um belo quadro. O motorista que aqui estacionar seu carro se decepcionará. Aos poucos ficará cercado de veículos. Sair será sacrifício. Êsses são os resultados do plano do sr. Lúcio Costa. Porém, pedestres nem motoristas poderão dar opiniões...



O OBELISCO, no Mônroe, também tem o seu grande cartaz. O local, dentro em breve, será a segunda Esplanada. As enormes fileiras de carros estacionados são grandes.



A ESPLANADA nunca sairá da história do estacionamento. Cada dia que passa aumenta cada vez mais. Sério problema. Porém, o Serviço de Trânsito não CONSIDERA isso como problema.

Enquanto em outros países, mormente nos Estados Unidos, tratou-se de dar ao assunto uma solução racional, de acôrdo com a época, no Rio, nada se fêz. Assim mesmo, o pouco que se tenta fazer atualmente, deve-se a São Paulo, que está construindo a primeira garagem vertical do Brasil.

Em Nova York, cujo número de automóveis totaliza o do Brasil inteiro, existem centenas dessas garages, sendo a maioria de iniciativa privada. E tudo isso é feito dessa forma: os magazines de determinadas zonas cotizam-se, compram o terreno e constroem a garage com o maior número possível de pavimentos ligados entre si por espaçosos elevadores. E isso é feito de maneira a não visar lucro direto com a exploração da garage, mas ùnicamente em função de outro negócio a fim de estimular as vendas. Assim é que basta se passar os olhos pelos jornais novaiorquinos, e lê-se constantemente anúncios que certas lojas, após enunciar as mil e uma qualidades dos produtos, arrematam na última linha: "Ponto de estacionamento a 20 metros da loja. . .

No Rio, infelizmente, ainda estamos na estaca zero. A nossa primeira, tão comentada e esperada garage subterrânea, situada na Esplanada, em cujo projeto se proclamou obra capaz de atenuar o aflitivo problema nada trouxe de proveitoso. Ao contrário. E assim mesmo depois de vários anos de incertezas e "ganâncias" por parte de muitos engenheiros que o consideravam como "caso insolucionável". Mas, depois de todo êsse tempo, apareceu um engenheiro que se deste ao trabalho de fazer o serviço. E para tornar o uso da nova garage, foi preciso entulhar de concreto o lago que dava ao monumento Rio Branco uma fulhérica imponência. E perguntamos:

— Para que? Para abrigar os chapas-branca da Prefeitura que dela se apossaram para uso próprio.

E quanto a isso, não é necessário se dizer mais nada — pois, essa ainda é



PLANAGEM DE terreno. Parece uma área para automóveis. Os motoristas não acreditam mais em promessas do S.T.



ESSES RAPAZES procuram lugar para estacionar seus autos. Conversam com o «olheiro», mas a verdade: não há mais vaga.



UM TESTE: Um pedestre procura passagem para calçada? Ou um motorista procurando um meio de tirar seu auto?


SALADA DE AUTOMOVEIS

Nem Corôa!



OS MASAÍS, UMA TRIBU AFRICANA, BEBEM O SANGUE, QUENTE AINDA, DE TOUROS ABATIDOS. NÃO É CURIOSO NOTAR QUE OS LAPÕES, NO ALASKA, BEBEM O SANGUE DE SUAS RENAS E OS SENHORIOS BEBEM O NOSSO?

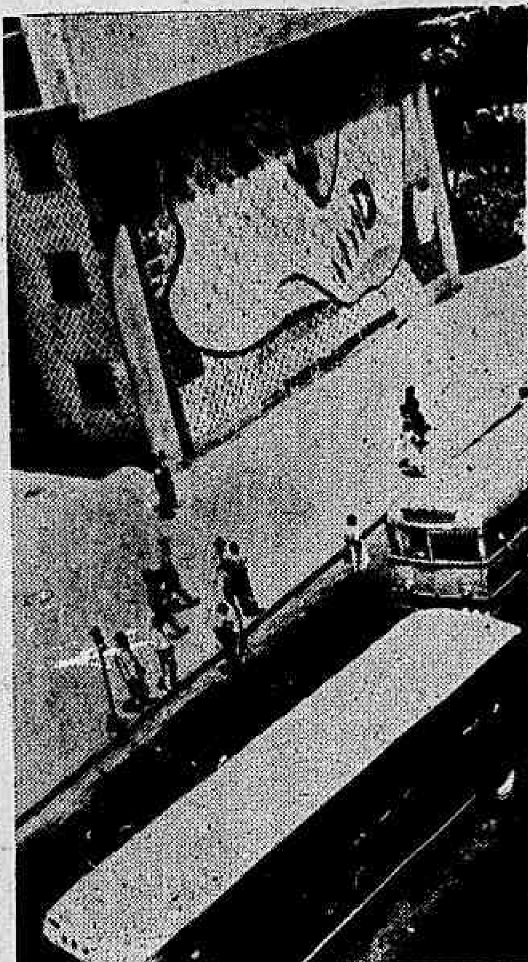
OBJETOS DE ADORAÇÃO NA ANTIGA FILOSOFIA, NÃO SÓ O HOMEM MAS TODAS AS COISAS TINHAM ALMA. SENDO ASSIM OS OBJETOS DE ADORAÇÃO NÃO TEM LIMITES: OBJETOS CELESTES, TERRESTRES, SEXUAIS, ANIMAIS HUMANOS E DIVINOS. UM DOS PRIMEIROS FOI CERTAMENTE A LUA. DEPOIS O SOL ...

...CUJO CALÔR TORNOU-SE RECONHECIDO COMO BENÇÃO PARA O SOLO. E COMO O SOL, A LUA E A PROPRIA TERRA, CADA ESTRELA CONTINHA OU ERA UM DEUS, MOVENDO-SE SOB O SEU COMANDO.

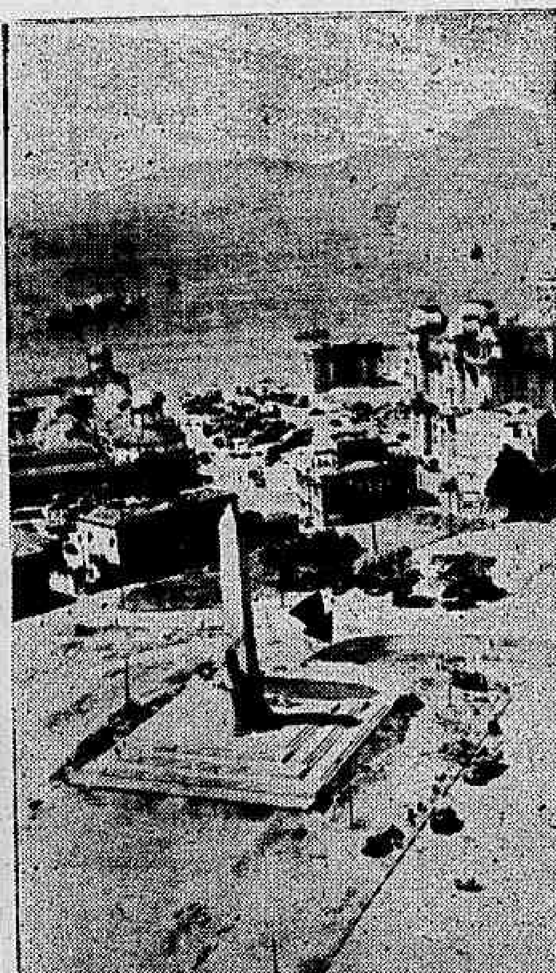
PENSAMENTO SE OS ESPOSOS NÃO PODEM VIVER FELIZES, DEVEM AO MENOS TRATAR DE VIVER TRANQUILOS.

QUINTILIANO

ESTACIONAMENTO OUTRO GRANDE . . .



O PLANO do sr. Lúcio Costa agravou um outro problema. Nada trouxe de benefício.



NOSSA ATUAL garagem subterrânea. Uma beleza destruida. Hoje, ela serve a Prefeitura

uma semente deixada pelo General Mendes de Morais, que se espalhou e começa a tomar corpo, se o mal não fôr combatido pelo Sr. Carlos Vital.

★

Aventurou-se ainda, como sedativo ao caso das pequenas paradas que atravancavam o tráfego, mas que por outro lado, aliviavam os grandes pontos de estacionamento: o uso dos "registradores de paradas". Nas ruas principais, colocar-se-iam aparelhos em cada espaço de veículo. Quem quisesse se demorar, bastaria colocar em cada parcela de quinze minutos, a quantia correspondente em moeda metálica. Assim sendo, enquanto a máquina estivesse "alimentada", o cidadão ali ficava, podendo prolongar a estadia se procedesse a novo depósito. Mas, se por qualquer motivo deixasse de fazê-lo, o aparelho automàticamente daria o alarme e o guarda se limitaria apenas a registrar a infração.

Mas a verdade é que o número de aparelhos para esta cidade tem que ser grande, a fim de tornar eficiente os planos traçados para solucionar êsse problema. E o dinheiro para comprá-los? E é justamente o dinheiro o que a Inspetoria do Tráfego não tem.

Dessa forma, então, continuaremos na mesma por muitos anos. Não é sem razão que nos falou um certo guarda de trânsito:

— Não demora muito — asseverou — e haverá um engarrafamento na cidade, por excesso de veículos. Tudo isso graças à má organização e falta de vontade administrativa por parte de nossos diretores. A batalha branca em busca de espaço, continuará firme e

(Cont. na pág. 49)



UM DOS MAIORES pontos de estacionamento no Rio: Esplanada. Êsses são os dados estatísticos do Serviço de Trânsito. Antes da guerra circulavam no Rio 40.000. Hoje, 80.000.





NESTA página oferecemos às nossas leitoras quatro interessantes conjuntos. Em cima, à esquerda, conjunto em lã cinza, bolsa quadriculada, casaco forrado do mesmo tecido. À direita, modêlo em lã azul-marinho, colete quadriculado. Em baixo, à esquerda, modêlo em casimira cinza, e à direita, um sugestivo modêlo em lã de duas côres, marron e branco. Casaco forrado do mesmo tecido da saia.

CONJUNTOS PRÁTICOS



NESTAS MANHÃS DE JUNHO

VEJA a luz destas manhãs... É uma luz pulverizada, esparsa nos céus de um azul muito claro, o azul dos olhos de Lady Perhaps que talvez fôssem pintados por Burne Jones... Hoje, o ar é fino e leve e tôda a manhã parece envôlta em celofane.

★

O OUTONO me dá vontade de ser pintor, pintor de paisagens, aquarelista de jardins e de poentes, para guardar em água-tinta um pouco do azul destas manhãs de junho, um pouco dos tons inefáveis dêstes crepúsculos de junho...

★

QUE CÉUS, que crepúsculos cenográficos! Ah! se Rosa Bonheur os visse... Ali, do alto de Santa Teresa, tem-se, tôdas as tardes, uma exposição de céus de Guardi, de "décors" do Canaletto...

★

GOSTO DESTAS manhãs de junho, de ar fino e leve — um pouco enevoadas, por pura "coqueterie" — manhãs femininas, doces, cheias de carícias... Sinto estas manhãs como leves mãos carinhosas, passando levemente sôbre meus cabelos... Gosto destas manhãs de junho, leves e carinhosas como certas mãos queridas...

★

MANHÃS DE JUNHO, últimas manhãs de outono... Não podemos pensar, nem dizer... Tôdas as idéias, tôdas as palavras nos ocorrem em tintas de aquarela...

★

É QUASE inverno e o friozinho fino e doce que começa a fazer logo se dispersa no sol carícioso, como os nuvens claras que flutuam, um instante, no claro céu — em que logo se desfazem como uma poeira luminosa...

LYSE



Modelos Variados





EM PESADO TECIDO de lã branca, temos à direita um original casaco para a manhã, mangas, bolsos, punhos e lapela com original desfiado. À direita um outro casaco, desta vez mais esportivo, bem amplo, bolsos originais. Feixo eclair em todo o comprimento, gola bem ampla para proteger contra o frio.



EM SEDA ESCURA bem encorpada, vemos um sugestivo «tailleur» bastante elegante. Original recortado no casaco. Bolsos, punhos e golas, forrados em sêda branca com «pois» azul-marinho.





DOIS MODELOS PRÓPRIOS para passeios à tarde, ambos executados em afeilles ou tafetá estampado. O primeiro apresenta um delicado preguеado na blusa sem mangas, com a gola justa. Saia ampla. Abotoado em tôda a extensão. À direita, outro interessante modêlo, também todo abotoado na frente. Mangas curtas.

★



VEMAS AO LADO um amplo casaco em sêda preta de original talhe. A parte interior é tôda forrada em sêda branca com epoisé prêto. Abotoado de feitio original, com botões brancos. Um outro modêlo para a tarde, é apresentado ao lado em sêda branca, com cinto e enfeite em veludo prêto.







SUGESTIVOS "Tailleurs"

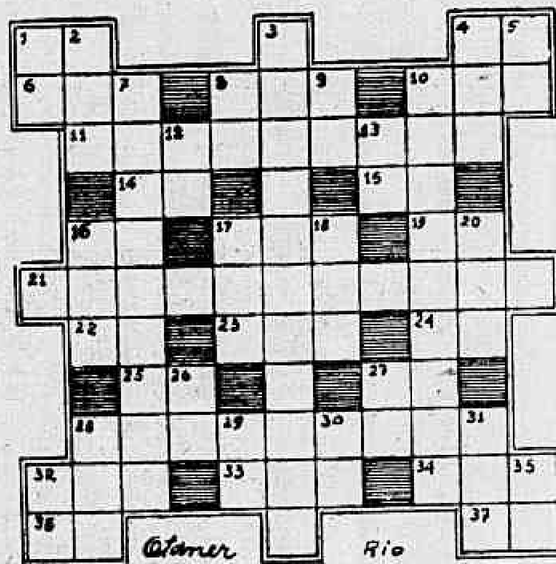
Os «tailleurs» continuam sendo o que de mais elegante e prático a moda feminina apresenta. Para tôdas as ocasiões êle constitui o modêlo que aparecerá sempre em destaque. Nestas páginas as nossas leitoras encontrarão algumas das mais recentes criações neste gênero, que a moda parisiense nos envia. Os tecidos empregados são como sempre a casemira e a lã lisa ou quadriculada. No detalhe temos uma «écharpe» de sêda listrada que comporá elegantemente a sua «toilette».





PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N. 60 -- PARA VETERANOS

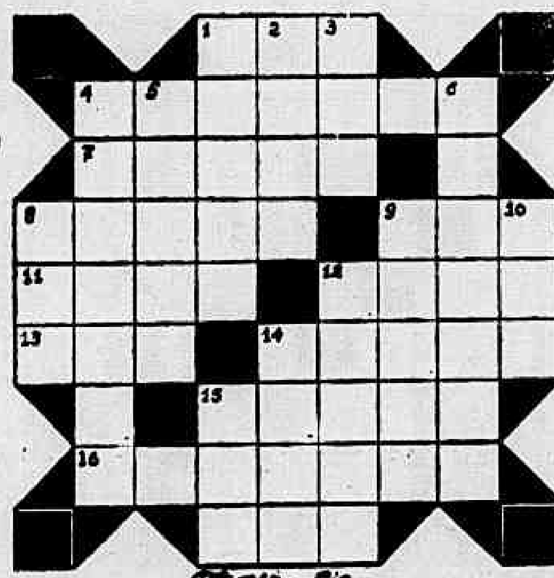


HORIZONTAIS: — 1. Prefixo que exprime junção — 4. Cidade da Nova Caledônia, na ilha de Maré — 6. Medida de capacidade do Tonquim — 8. Prenda — 10. Antiga medida itinerária asiática, igual a pouco mais de uma légua — 11. Com aparência de cacho (pl.) — 14. Tratamento que na China se dá a certas pessoas — 15. Voz sagrada que simboliza Brama — 16. 37ª letra do sânscrito — 17. Segura com ligadura — 19. Egoismo 21 — Monotremo — 22. Gigante do qual os assírios fizeram um deus — 23. Pronome pessoal — 24. Ninfa convertida em ilha — 25. Espécie de vinho do Marne — 27. Medida japonêsa de extensão — 28. Lavara ligeiramente — 32. Medida grega de comprimento — 33. Risada — 34. Rochas escarpadas — 36. Rei do país dos bemaventurados, da mitologia egípcia — 37. — Interjeição que exprime admiração.

VERTICAIS: — 1. Interjeição de alegria, admiração — 2. Palavra semítica que significa região e aparece em muitos têrmos geográficos da África setentrional — 3. Tratado do corpo humano — 4. Filho de Benjamim e neto de Jacó — 5. Entrada — 7. Grande tijela — 8. Prefixo latino que exprime origem, oposição, ação — 9. Dente molar — 10. Rebento que nasce do pé das árvores e lhes rouba a seiva — 12. A mãe de tôdas as coisas, na mitologia amazônica — 13. Fundo de vasilha — 16. Pão feito com os estipites do uricurí — 17. Mesmo — 18. Rio da prov. da Beira (Portugal) — 20. Interjeição designativa de ironia — 26. Nove — 27. Variedade de melão — 28. Do verbo ser — 29. Vênus Celéste dos assírios e árabes — 30. Pai de Elifal, um dos trinta chefes que apoiaram Davi — 31. Para barlavento — 32. Rio da Rússia asiática, afluente do Ural — 35. Espécie de flauta siamesa de som agudíssimo.

★

PROBLEMA N. 60 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Acassa — 4. Deitara na cama — 7. — Dás pancadas — 8. Lugar onde se criam cães (pl.) — 9. Oceano — 11. Formar em alas — 12. A roça — 13. Finura de espírito — 14. Procurar — 15. Trapassar — 16. Venerara — 17. Pedido de socôrro.

VERTICAIS: — 1. Ladrar — 2. Gostes — 3. Título abissínio — 4. Sacudira — 5. Corte de terreno para comunicação de mares — 6. Respeitara — 8. Cabelos brancos — 9. Assassinar — 10. Grande porção — 12. Mamífero sulamericano da família dos Roedores (pl.) — 14. De preço elevado — 15. Pronome pessoal.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 59

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Caramelo — Rosara — Pã — Pt — Erin — Eira — Água — Tom — Biraia — Nar — Oba — As — Céu — Os — Edo — Cam — Im — Pó — Lar — Amí — Me — Cal — Ar — Aro — Lia — Ornear — Cré — Impa — Iuiú — Baía — Só — Ar — Oacauã — Esmurrar.
VERTICAIS: — Ar — Rodei — As — Ma — Ermai — Lá — Petrópolis — — Aro — Pua — Taramelear — Imo — Irá — Ras — Gnu — Badalo — Acamar — Bela — Emir — Só — Or — Cá — Im — Cap — Anú — Rei Oca — Imo — Rimam — Augur — Ria — Os — Cu — Ar — Aa.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Rio — Mar — Arcam — Caro — Rail — Adagueiro — Rim — Paragonar — Araf — Tora — Timor — Boa — Sal.
VERTICAIS: — Iara — Orografia — Maremotos — Amai — Aca — Elo — Adiar — Iriar — Uig — Par — Rato — Uora — Ras.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

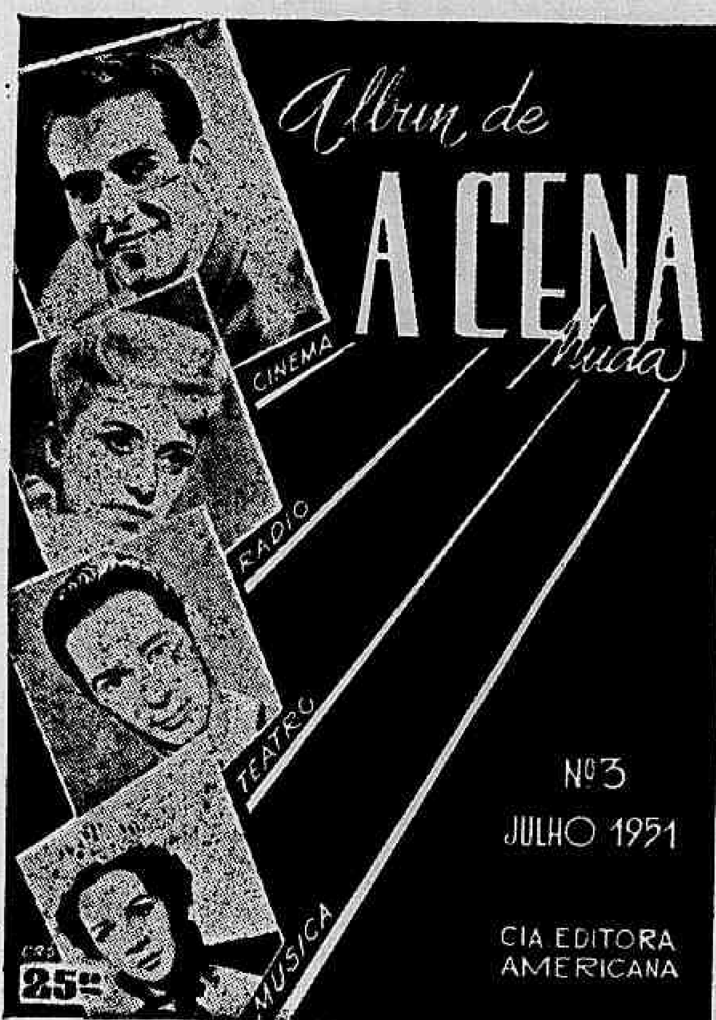
SAIRÁ EM JULHO!

O ÁLBUM DE

A CENA MUDA

3.º NÚMERO — EDIÇÃO DE 1951

COM OS FAMOSOS ASTROS DA ATUALIDADE



CINEMA

RÁDIO

TEATRO

MÚSICA

MATÉRIA INTEIRAMENTE NOVA

— Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.

— Biografias completas no verso de cada foto.

— Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música.

— Noventa e seis páginas, inclusíve 4 de bom humor.

RESERVE DESDE JÁ O SEU EXEMPLAR

NAS BANCAS DE JORNAIS DE SUA CIDADE.



WEEK-END

BONS-BOCADOS DE LEITE DE CÔCO

Faça uma calda grossa com 400 gr de açúcar. Depois de fria, junte 6 gemas, 3 cláras, o leite de um côco e 50 gr de farinha de trigo. Peneire tudo, adicione 1 colher de manteiga derretida e leve a assar no forno. Depois de frio, corte em pequenos losangos e passe em açúcar peneirado.

FORMINHAS DE QUEIJO E PRESUNTO

Bata 5 claras, junte 5 gemas, 1 xícara de queijo ralado, 1 de leite e 100 gr de presunto picadinho. Misture e leve a assar por alguns minutos no forno em forminhas untadas e polvilhadas de queijo. Arrume no prato, enfeite com tirinhas de presunto e sirva simples ou com um môlho.

PUDIM DE LENTILHAS

Deite de môlho, de véspera, 250 gr de lentilhas. No dia seguinte cozinhe com água e sal. Quando estiver macia escorra e passe por uma peneira, junte 2 ovos, 1 fatia de pão de 2 dedos umedecida em leite, ½ colher de manteiga e 10 nozes moídas. Despeje em fôrma untada e leve a assar no forno. Desenfôrme e regue com manteiga derretida.

Serve também para acompanhar qualquer assado, simplesmente ou rodeado com fatias de língua afiambrada, salsichas, etc.

CREME DE TAPIOCA

Ponha 1 xícara de tapioca de môlho, depois desmanche com 1 garrafa de leite quente, junte açúcar até adoçar, ½ colher de manteiga, 1 pitada de sal e leve ao fogo, sempre mexendo até aparecer o fundo da panela. Sirva quente e polvilhado com canela.

PUDIM DE GABINETE

12 gemas, esquecidos, 12 colheres de açúcar, passas, doces de frutas cristalizadas, doce de ovos.

Com 6 ovos fazem-se esquecidos. Arruma-se em fôrma untada com manteiga, uma camada de gemada batida com 12 ovos e 12 colheres de açúcar, depois uma camada de esquecidos, em seguida uma camada de frutas cristalizadas picadas; doce de figo, compota de pêssego, abacaxi, etc. e passas de uva. Sôbre esta camada vai outra de gemada, continuando-se a alternar as camadas até encher a fôrma. A última camada deve ser de gemada. Vai ao forno. Depois de cozido, deixa-se esfriar um pouco, tira-se da fôrma, faz-se um doce de ovos e cobre-se o pudim, que é enfeitado com as frutas que serviram para recheá-lo. Em vez de doce de ovos, pode-se fazer môlho de gemada, que se coloca em vasilha à parte e se serve com o pudim, apenas enfeitado com as frutas.

ESQUECIDOS

6 gemas, 3 claras, 230 gr de açúcar, 230 gr de farinha de trigo. Batem-se primeiro claras, acrescentando-se depois as gemas com o açúcar. Bate-se ainda muito bem e logo se adiciona a farinha de trigo. Depois de posta a farinha, não se deve mais bater, basta misturar. Colocam-se os esquecidos, com duas colherinhas, em tabuleiros untados com manteiga. Forno quente.

COUVE-FLOR MEXIDA COM OVOS

Fritam-se os temperos na manteiga, onde se deita a couve-flor, já aferventada e cortada. Deve-se usar bastante manteiga. Batem-se ligeiramente 3 ou 4 ovos, conforme a quantidade de couve-flor, e despeja-se sôbre esta, mexendo-se; fica sôlta ou envôlta no ôvo.

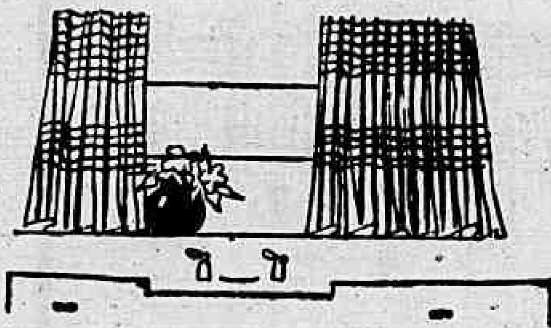
SONHOS DE ABRICÓS

10 a 20 abricós, arroz-doce, farinha de pão e açúcar. Tiram-se as sementes dos abricós, recheiam-se com arroz doce, passam-se pelo ôvo batido, depois pela farinha de pão e fritam-se na gordura bem quente. Põe-se sôbre um guardanapo e polvilham-se com açúcar.

PUDIM DE FARINHA

95 gr de açúcar, 100 gr de manteiga, 6 ovos, 1 colher-de-sopa de caldo de limão, a casca ralada de ½ limão, 1/4 de litro de leite, 125 gr de farinha.

Desmancha-se a farinha no leite frio, e leva-se a ferver em





NA COZINHA

uma vasilha, já com manteiga derretida, até tomar uma côr já mais escura. Mistura-se em seguida as gemas, o açúcar e os temperos, batem-se as claras em neve e juntam-se aos poucos à massa quase fria. Cozinha-se o pudim em fôrma bem untada, em banho-maria, durante 1 hora e meia. Serve-se com môlho de vinho.

UVAS COM MELÃO E NATA

500 gr de uvas doces, 1 colher-de-sopa de licor, 1 melão pequeno, 1 colher-de-sopa de



caldo de limão, ½ xícara de nata e 1 colher de cerejas cristalizadas e picadinhas.

Limpa-se e corta-se o melão. Arruma-se em uma saladeira, corta-se em fatias finas, polvilha-se com açúcar e borrifa-se com o licor e o caldo de limão.

Misturam-se as uvas com 2 colheres de açúcar, e espalham-se sôbre o melão. Põe-se em geladeira durante 1 hora, cobre-se com a nata, e enfeita-se com cerejas picadinhas.

COMO DAR AO VINAGRE O GÔSTO DO VINAGRE BRANCO FINO

Para um litro de vinagre uma maçã, se quiser que o gôsto desapareça por completo. Caso contrário, meia maçã. Descasque, parta em pedaços, solte no vinagre e deixe durante uma noite. No dia seguinte, côe o vinagre.

SALADAS COLETIVAS

Fazer uma maionese com camarão cozido, beterraba cozida e picada, vagens em pedacinhos, batatas cozidas e passadas na máquina, os legumes somados devem fazer a mesma quantidade do môlho de maiones. Tome um queijo Dora, raspe a casca ligeiramente, tire uma tampa redonda e pequena na extremidade superior apenas, uma tampa e não uma fatia.

Esvazie o queijo transformando-o numa panela cuja parede deve ter um dedo de grossura; recheie com a maionese, apertando-a bem para que êle fique bem cheio. Termine com uma colherada de maionese e um camarão limpo com o rabinho enfiado de cabeça nessa maionese; levar à geladeira bastante tempo antes de servir; na mesa, com uma faca bem afiada, corte em talhas e sirva.

ARROZ EM CAMADAS

Faça um arroz de maneira comum; leve ao fogo numa frigideira, 2 colheres-de-sopa bem cheias de manteiga, acrescente um pouco de cebola partidinha, deixe fritar bem, junte ½ lata de ervilhas (estas medidas são para xícara e meia de arroz), 4 ovos, sal necessário, e mexa ligando os ovos e a ervilha; sôbre a ervilha uma colher-de-sopa de manteiga; retire outra camada de arroz e enfeite com ovos cozidos em rodelas e tomates em fatias.

BATATA COM CASCA

Lavar bem as batatas, que devem ser pequenas, com casca, dar uns cortes com a faca. Pôr em uma assadeira com: um dente de alho cortado em pedacinhos, salsa, cebola branca picada, sal, pimenta do reino, uma fôlha de louro. Espremer um pouco de limão. Mexer bem as batatas, untar com azeite, levar ao forno, esborrifando antes um pouco de água.

BIFE À MILANESA RECHEADO

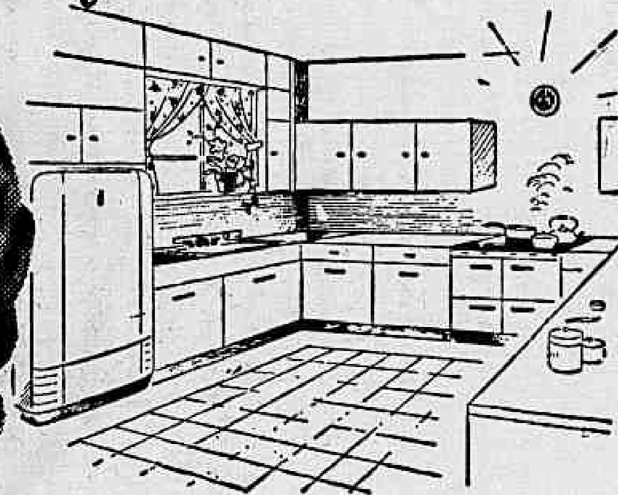
Cortar os bifes bem fininhos dois a dois. Fazer um recheio de presunto picado, azeitonas aos pedacinhos, manteiga e sal. Trabalhar êsse recheio com um garfo como se fôsse uma massa. Coloque entre um e outro bife apertando-os bem. Passe em ôvo batido, farinha de rôsca, novamente ôvo batido, novamente farinha de rôsca e frite.

TALHARIM VERDE

Aferventa-se o espinafre com um pouco de acelga, sal e bicarbonato, em quantidade mínima. Acrescentam-se 2 ou 3 ovos, põe-se a farinha necessária para fazer uma massa bem dura. Sova-se bem, estende-se com o rôlo e deixa-se orear. Corta-se em tiras finas, aferventa-se com bastante água e quando já estiver cozida, isto é, dentro de 10 ou 15 minutos, conforme a grossura em que se cortou a massa, põe-se a caneca de água fria, e retira-se em seguida a massa com um coador, deixando-se escorrer bem. Arruma-se num prato apropriado, pondo primeiro uma camada de queijo ralado, outra de môlho e depois a massa, alternando assim, até encher o prato. A última camada deve ser de queijo e môlho.

Cozinhas higiênicas e Confortáveis!





O EXAUSTOR CONTACT É FÁCIL DE LIMPAR

Gaveta aparadora de gordura.

Grade frontal destacável para limpeza.

Veneziana externa articulável, fácil de limpar.

"Depois que mandei instalar o Exaustor Contact fiquei adorando a minha cozinha! Ela está sempre limpa, fresca e agradável, totalmente livre da fumaça e do cheiro das frituras. E nunca mais precisei pintá-la de novo. Comprei o aparelho com essa economia!"

EXAUSTOR Contact

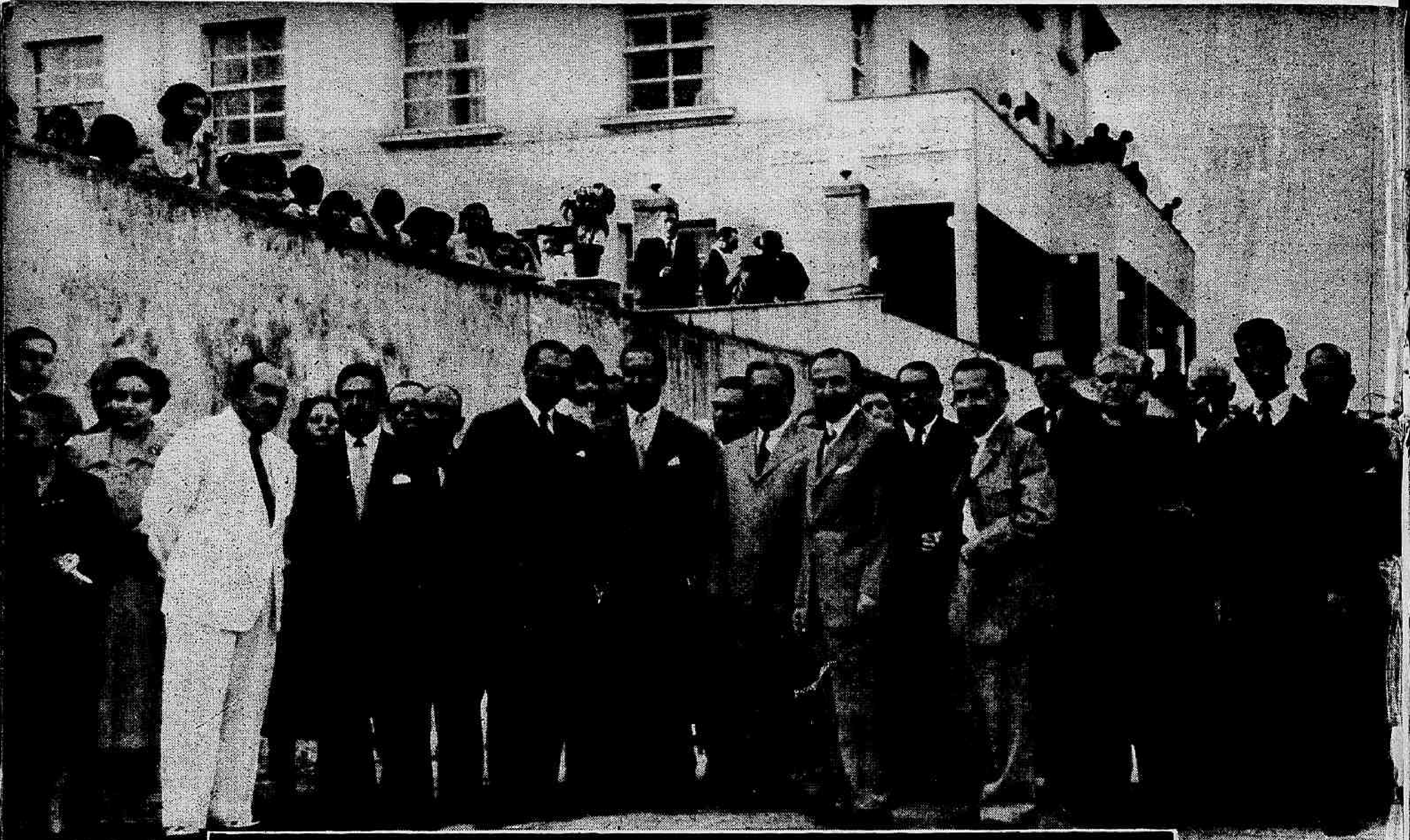
para o confôrto do seu lar

REVISTA DA SEMANA

AOS LEITORES

As características técnicas das máquinas com que a Editôra da REVISTA DA SEMANA — salvo motivo de fôrça maior — em breve irá trabalhar, determinaram uma pequena modificação no formato. Nestas condições foi mister escolher um tipo tanto quanto possível em acôrdo com as mencionadas máquinas e a comodidade do público. As dimensões de página da REVISTA constituíam freqüente motivo de restrições por parte dos leitores. Realmente, uma publicação mais portátil e de manuseio mais fácil se põe em consonância das exigências da vida atual. Na pequena alteração de formato, há como que um acôrdo entre a tradição e a evolução. E já que se tinha de fazê-la um pouco adiante, adotamo-la desde agora, ficando o leitor compensado, inclusive, pelo aumento do número de páginas.





HOSPITAL COMENDADOR JOSÉ GOMES LOPES

A Casa de Portugal, secundada pela cooperação do Sr. Comendador José Gomes Lopes, inaugurou, no dia 10 de junho, um hospital de consideráveis proporções, comemorando o "Dia da Raça". Deu-se ao magnífico nosocômio, o nome de seu grande patrocinador, Com. José Gomes Lopes, justa homenagem às suas virtudes de cidadão e patriota, hoje integrado na vida brasileira, como um dos mais fortes vínculos de amizade e compreensão entre os dois povos da mesma língua, da mesma raça e dos mesmos sentimentos espirituais. Nestas fotos, dois flagrantes da inauguração, vendo-se o homenageado e o encarregado dos negócios de Portugal no Rio, dr. Lencastre da Veiga.



A BANDEIRANTES

SOLTA O
MAIOR BALÃO!

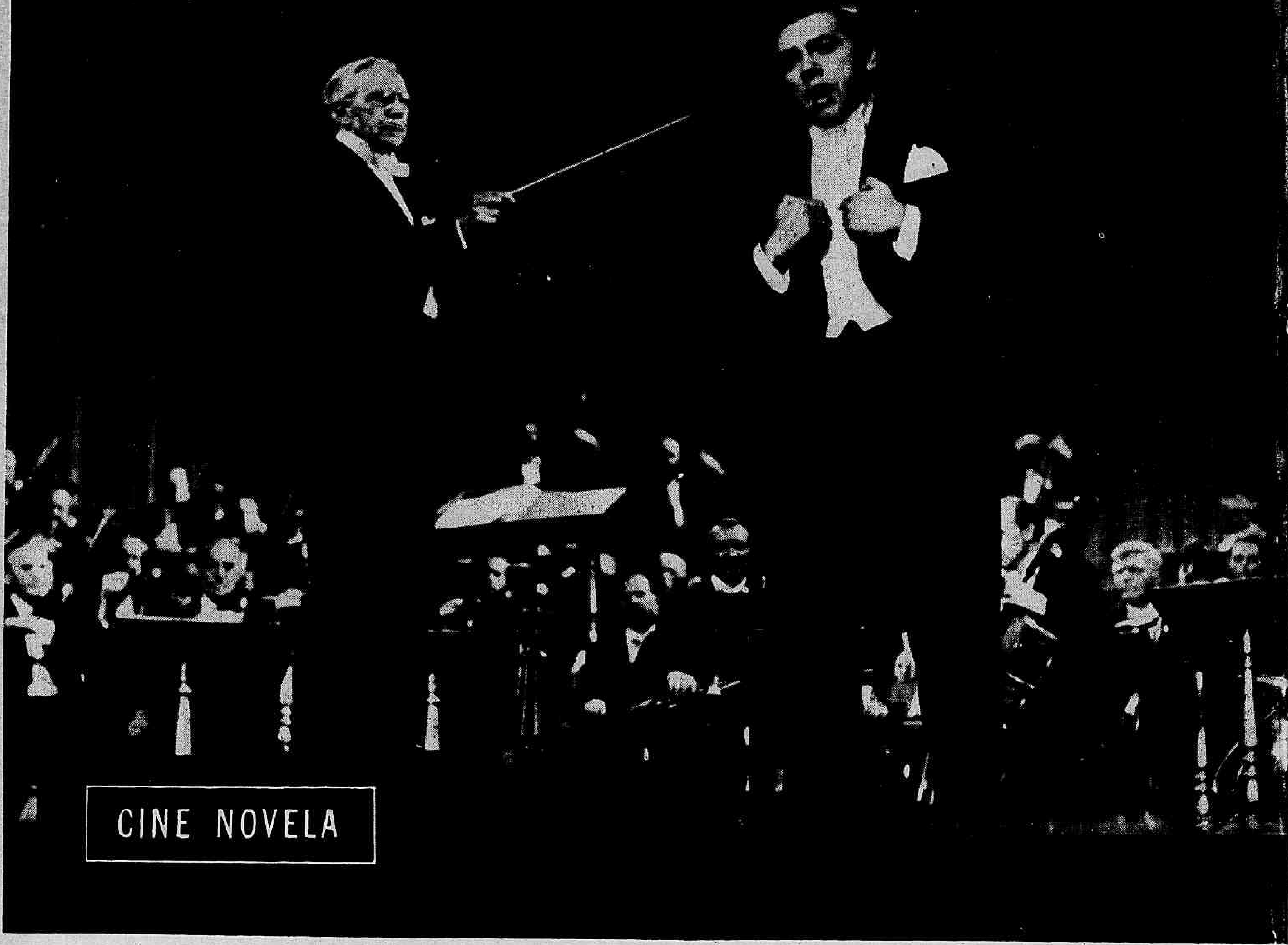


CONTINUA SUBINDO, COMO UM ROJÃO A



RÁDIO BANDEIRANTES PRH 9

A MAIS POPULAR EMISSORA PAULISTA



O GRANDE CARUSO

(THE GREAT CARUSO)

Produção da Metro-Goldwyn-Mayer, em tecnicolor, dirigida por Richard Thorpe, produzida por Joe Pasternak em associação com Jesse L. Lasky.

Enrico Caruso	**MARIO LANZA**
Dorothy Benjamin..	**ANN BLYTH**
Louise Heggar	**Dorothy Kirsten**
Maria Selka	**Jarmila Novotna**
Carlo Santi	**Richard Hageman**
Park Benjamin	**Carl Benton Reid**
Gatti-Casazza	**Eduard Franz**
Jean de Reszke	**Alan Napier**

e outros. Nas cenas de óperas: Blanche Thebom, Teresa Celli, Nicola Moscona, Giuseppe Valdengo, Lucine Amara e Marina Koshetz.

— Êste, Marcelino, veio forte. Êle viverá!

Era a senhora Caruso, num bairro pobre de Nápoles, no ano de 1875, quem falava. O casal não havia sido feliz até então — quanto à prole. Mas aquêle garôto que acabava de vir ao mundo, parecia vir disposto a viver — e viver espetacularmente. Pelo menos gritava a plenos pulmões e parecia ter prazer em ser exibido às amizades da vizinhança que desfilaram pelo lar da "signora" Caruso e seu radiante espôso.

— Vamos chamá-lo Enrico: o rei de nosso lar! Que rei barulhento!

E o rebento passou a chamar-se Enrico, porque assim o entendeu o orgulhoso pai, que mais orgulhoso se sentiu quando alguns anos depois o filho passava a fazer parte do côro da igreja.

Sua mãe falecia pouco depois. E esta foram as últimas palavras que ela disse a Enrico, num dia em que êle declarou não querer ir cantar na igreja, para poder fazer-lhe companhia, já que ela se encontrava enfêrma: "Volte ao côro... Você se atrasará para a procissão. Quando V. canta eu me sinto bem... Olhe, talvez seja tolice minha, mas sempre achei que o bom Deus poupou V. para cantar."

★

Mas ao atingir a juventude, Enrico não passava de um simples cantor de café. Muitas vêzes sua mãe, secundada pelo pai, estimulara-lhe o gôsto pelo canto, pintara-lhe maravilhas acêrca da carreira dos cantores de ópera, mas era com certa tristeza que Enrico Caruso via passar o tempo sem conseguir ser mais do que um bem pouco conhecido cantor de café. E foi por sentir êsse desânimo que, apaixonando-se pela frívola Musetta, abandonou um dia seus sonhos de arte e aceitou um lugar na fábrica do pai da jovem. Musetta era autoritária, mimada, e não tardou a desiludir Enrico Caruso. Vieram discórdias sérias, e, afinal, o rompimento definitivo. O pai da jovem passou também a maltratá-lo. Enrico decidiu então desistir do emprêgo... e voltar a cantar. Sentia que poderia fazer alguma coisa como cantor. Sentia ainda nos ouvidos as palavras amigas, sempre cheias de entusiasmo, de sua mãe. Sim, seria cantor! Estava disposto a lutar, a passar fome até — mas cantar o melhor possível, conquistar público, grande público, com a voz.

Deram-lhe uma oportunidade, viajou, fêz sucesso — e quando regressou a Nápoles viu com tristeza que sua Musetta se casara com alguém que em tempos passados fôra um de seus melhores amigos. Procurou esquecer o desgôsto — e para isso mais se entregou à carreira que agora lhe dominava todos os pensamentos e ânsias de viver.

Com seus amigos de infância, Gino e Fucito — respectivamente seu secretário e acompanhador. Caruso continuou ganhando fama em várias capitais européias. "Rigoletto", "Trovadore", "Pescador de Pérolas", "Aida"... Tôdas essas óperas eram interpretações maravilhosas através de sua garganta privilegiada, que aos poucos conquistava glória, que despertava a cobiça dos mais poderosos empresários, ávidos de ter Caruso à frente de seus elencos.

Sua estréia no "Covent Garden", em Londres, marcou inicialmente um conflito entre o grande cantor e a ciumenta Maria Selka. Mas Maria Selka um dia sentiu o encanto da arte insuperável e da personalidade do cantor endeusado por tôdas as platéias, e rendeu-se como uma de suas mais ardentes admiradoras... Mas Enrico Caruso parecia não ter tempo, então, para romances. Seu propósito agora era apresentar-se na Metropolitan Opera House de New York, o que conseguiu por intermédio do tenor Alfredo Brazzi, que se tornou seu "manager". Sua estréia no famoso teatro, entretanto, não constituiu sucesso imediato.

E' que Park Beijamin, abastado e influente patrono das artes, desdenha Caruso, em virtude de um insulto inadvertido, que êste lhe dirigira — e quando Caruso canta com a protegida de Benjamin, Louise Hegger, faz-lhe uma comparação desfavorável com o cantor aposentado, Jean de Reszke, e tenta persuadir o empresário Gatti-Casazza a substituir Enrico Caruso na companhia. Mas Jean de Reszke, figura respeitada, aplaude com entusiasmo

a atuação de Caruso e a galeria delira de entusiasmo, inclusive a filha de Benjamin. Era a consagração que Caruso esperava para tornar-se a figura ímpar do teatro lírico.

Londres, Paris, New York, Roma, Buenos Aires, Rio de Janeiro — tôdas as grandes capitais aplaudiram então frenèticamente o dono da mais empolgante voz de tenor de todos os tempos. Mas era Enrico Caruso um homem feliz? Sim e não. Se de um lado tinha os aplausos delirantes de platéias que o carregavam em triunfo — por outro se sentia paradoxalmente só. Faltava-lhe o apoio, a companhia, o carinho de alguém que o amasse — não pelas ressonâncias de seu nome aclamado, pelos fulgores de suas grandes "seratas" de cantor privilegiado — mas por êle mesmo, um homem como qualquer outro, um homem que seria capaz de amar muito, um homem que desejava que uma mulher o amasse muito...

Um dia Enrico Caruso pôde realizar êsse seu sonho: Dorothy, a filha de Benjamin, atingiu a maioridade e consentiu em tornar-se Mme. Caruso. E' grande a oposição de Park Benjamin, que ainda não conseguira esquecer as diferenças antigas, mas o casamento se realiza, porque Dorothy vê no cantor o homem de seus sonhos, desde certo dia em que ela enfrentara uma situação difícil para fazê-lo escapar à ira de seu pai iracundo.

— Dignidade, bom-gôsto, compatibilidade — você não devia esquecer essas coisas, minha filha... — disse-lhe Park Benjamin, tentando à última hora demovê-la do propósito de fazer feliz o famoso tenor.

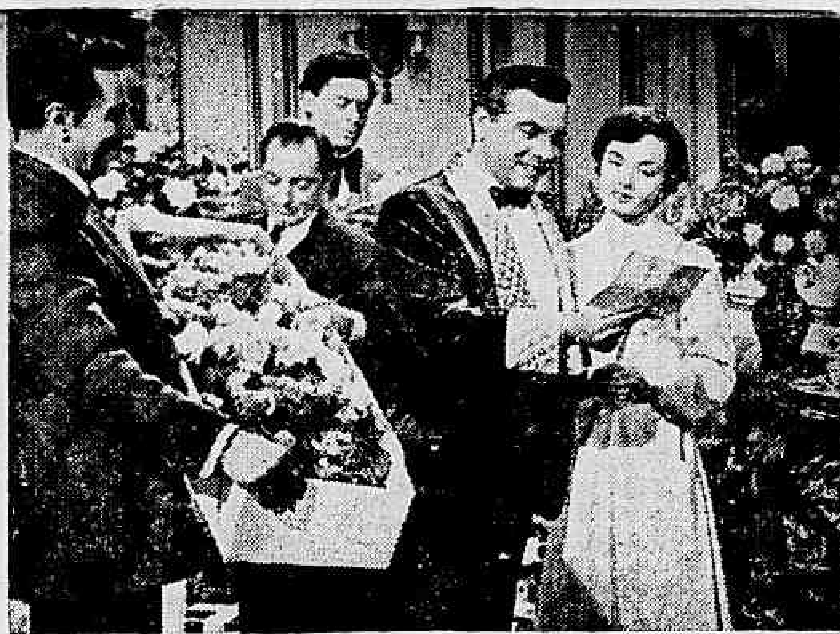
— Eu o amo. E' a única coisa que importa num casamento, meu pai. E sei que êle me fará feliz — foi sua resposta.

E efetivamente Enrico Caruso soube fazê-la feliz. Quando a filha do casal, Glória, veio ao mundo, Caruso era um homem disputadíssimo por multidões, é verdade, mas que assim mesmo encontrava tempo para ser um perfeito marido e um pai carinhoso, sempre atento.

"*Caruso canta esta noite*" — era o letreiro mágico que os maiores teatros, nos maiores centros, exibiam com orgulho. E assim transcorreram anos de glória completa — de glória para o artista, de felicidade e de orgulho para sua espôsa.

— E' preciso uma mulher ser santa para tolerar um marido cantor de óperas! — disseram uma vez, no Canadá, à senhora Caruso.

— A verdade é que sempre me senti feliz ao lado dêsse marido que acontece ser também um cantor de óperas — respondeu Dorothy Caruso com orgulho. Entretanto, um grande choque a atingiria pouco depois: Caruso fôra acometido de séria enfermidade na garganta! O espôso fêz o possível para









ocultar-lhe durante algum tempo a gravidade do mal, mas isso se tornou impossível quando a temporada terminou.

— Querido, eu lhe peço: não cante! — implorou-lhe ela certo dia.

— Mas eu ainda tenho voz, minha cara... Por que não iria cantar?

— Eu não o permitirei!

— Quando eu era pequenino, assustava-me como você, agora — comentou Caruso. Não queria cantar na procissão. E minha mãe disse um dia: "Enrico, Deus poupou-o para você poder cantar!" Ela acreditava nisso. Eu acredito também. Ela sempre me protegeu, e Êle me protegerá, hoje.

Não obstante se agravassem seus padecimentos, Caruso fêz questão, uma noite, de cantar de acôrdo com seu contrato, no Metropolitan. Circulavam notícias sôbre seu estado de saúde: que não dispunha mais de fôrças para enfrentar o desempenho de uma ópera, que sua garganta de modo algum poderia suportar tal responsabilidade, que aquilo era loucura, imprudência...

Mas Caruso teimou, não admitia a idéia de deixar de cantar "por causa de uma pirracinha da garganta". E pediu a Dorothy: — Vá para o camarote. Faça a platéia ver você e saber que tudo vai bem, querida! E do palco eu verei você... e tudo sairá bem.

★

Aquela deveria ser a sua última noite de teatro. O esfôrço fôra demasiado. Chegara a sua hora. A partir do momento em que, cercado da espôsa e de fiéis amigos êle rogou, já em agonia — "*Madonna mia, estendei Vossa mão e socorrei-me!*" — ninguém mais ouviu a voz maravilhosa.

"MISSÃO CUMPRIDA MEU. . ."

(Cont. da pág. 13)

tendo nos lábios um sorriso vitorioso, volveu o corneteiro. Apresentou-se ao superior, dizendo apenas:

— Missão cumprida, meu comandante!

— Êsse foi o pior pedaço pelo qual passei — explica-nos o soldado. — Tive de cruzar as linhas inimigas para buscar meus companheiros. Porém, Deus me ajudou.

Na guerra fiz de tudo, não fui só corneteiro. Ajudava onde podia, mas, inexplicàvelmente, nem a Medalha de Campanha, que é dada a todos os participantes, recebi.

Não quero louros, nem citações honrosas, pois há gente que as merece mais do que eu. Não fui herói, mas o 6º R.I. teve inúmeros. Contudo, acho que não seria muito pedir uma divisa de cabo, não é? Enfim... são 32 anos, uma revolução e uma guerra!

"A COBRA ESTÁ FUMANDO"

Elias contou-nos, também, uma versão de "A Cobra Está Fumando", que pensa ser a mais acertada de quantas surgiram. Diz o velho miliciano que, quando as tropas estavam em treinamento, no Rio, havia um oficial que, diàriamente, se postava no caminho percorrido pelos praças para alcançar as formações.

Gordo, sizudo e soldado cem por cento, êsse oficial não admitia deslizes e dava grossas "raspanças" nos subordinados, sem tirar da bôca seu companheiro inseparável: o charuto. De início — tão ruim era — foi apelidado de cobra e, mais tarde, quando um soldado se atrasava o companheiro dizia: "Anda logo, velho, que a cobra está fumando". Referiam-se os pracinhas ao superior que os esperava, fumando o mau-cheiroso charuto, pronto a descompô-los.

E assim, o dizer "A Cobra Está Fumando" passou a valer para tudo que fôsse ruim, perigoso, difícil e arriscado.

Elias, nos dias que correm, vive calmamente, esperando que o Exército lhe conceda as divisas que almeja e a medalha a que tem direito. Quanto à medalha, afirmou-nos que, quando da distribuição de algumas aos expedicionários do 6º R.I., o oficial encarregado do ato, ao ver que sobrava uma, entregou-a a Elias, dizendo-lhe: "Fica para você, Elias... sobrou mesmo..." Porém, êle quer a que tem direito de receber, e com razão.

Soubemos, de oficiais com quem palestramos, que há um movimento no Regimento Ipiranga, no sentido de conseguirem para Elias as divisas de cabo, pois o velho praça é deveras muito estimado pelos companheiros, que o acham merecedor das mesmas.

Ao despedirmo-nos, Elias pediu-nos: "Escute, ponha uma "deixa" na reportagem que faça o ministro da Guerra estudar o meu caso, sim? E lembre-se, foi êste "nêgo" aqui quem deu o toque da vitória. Não vale alguma coisa? — riu alto e acenou um adeus alegre.

A CHAVE

(Cont. da pág. 19)

tôdas as noites se esmerava na toilette, seguindo-lhe os mínimos movimentos. Nessas ocasiões, ao vê-la tão embevecida em muda contemplação, êle provàvelmente sentia uma pontinha de remorso porque, antes de sair, chegava-se a ela, acariciava-lhe os cabelos, dizendo sempre que voltaria logo. Stela sabia, porém, que aquêle "logo" queria dizer — na manhã seguinte. E atirava-se à cama. Aquela, porém, seria uma noite a menos.

Chegara, afinal, o dia tão esperado. Sua excitação era tal, que não conseguia controlar-se. Ingeriu grandes doses de calmante. Ainda assim suas mãos tremiam tanto ao pegar a pasta que Márcus lhe entregava, que esta rolou por terra.

— Estás doente? — perguntou-lhe com indiferença.

— Um pouco resfriada, parece que tenho febre.

— Ora... vá deitar-se!

Como o náufrago que se agarra ao galho que lhe aparece pela frente, agarrou a pasta, trancando-a na escrivaninha. Redobrou a dose de calmante. E deitou-se, cobrindo a cabeça.

Faltavam apenas algumas horas para que o fato se consumasse.

Sentiu quando êle saiu do banho e foi para a cozinha; mas, coisa estranha, por mais que tentasse coordenar as idéias, aguçar os sentidos, não o conseguia .Um cansaço inexplicável, sensação de vertigem tomou-a tôda...

Quando acordou já era tarde — e êle ainda não regressara.

— Maldito calmante! — exclamou numa revolta.

Ergueu o travesseiro e apanhou a chave que ficou rodando entre os dedos. Era preciso agir porque êle não tardaria. Todavia, a sofreguidão com que aguardara aquêle instante desapareceu. E sobreveio-lhe extraordinária calma.

O passado, que de há muito não lhe ocorria, trouxe-lhe, de repente, a visão dum momento feliz de sua vida de moça. Fôra nas vésperas do seu casamento. Ficara tão comovida!...

— Aqui tem querida, a chave da nossa casa — dissera-lhe Márcus e, ante o silêncio que se seguira, indagara carinhoso: — Não está feliz, Stela?

Se estava?!... Sentia-se tão feliz, que só fêz rir e chorar, enquanto rodava no dedo a chave da "sua" casa, sem saber o que havia de fazer. A diferença era que, naquele instante, ela sabia exatamente o que ia fazer... Mas... saberia mesmo? Teria o direito de arrastar à lama o nome daquele homem que, apesar de tudo, era seu marido? Seria possível que a obsessão daquela vingança lhe embotasse a razão, propelindo-a àquela ação degradante? A confusão reinava em seu cérebro cansado. Santo Deus! Estaria enlouquecendo? Horrorizada enterrou a cabeça entre as mãos.

Um grito angustioso perdeu-se na vastidão da noite.

Na sua alucinação sentiu que alguém viera em seu auxílio. Exatamente como outrora. Alí estava sua mãe, criatura franzina, que arrostara com edificante resignação, uma vida inteira de sofrimento. E que fizera ela para vingar-se também do homem que não a poupara? Dera-lhe, em troca, o respeito e a amizade dos filhos, porque nisto empenhara tôda sua vida.

A presença querida trouxe-lhe novamente a paz. E já não sentia mêdo porque não mais trazia ódio no coração.

— Mãe — falou meigamente — ouve por favor: não terá sido vão o teu sacrifício. A humanidade tão pronta a apontar-nos o dedo acusador, não profanará tua memória acusando-te de não me haver preparado para a vida. Acatarei submissa o quinhão que me couber, e à tua semelhança, procurarei ser mansa e humilde de coração.

Olhou, quase com ternura a chave pequenina que tinha entre as mãos.

Lágrimas abundantes correram-lhe pela face.

Livrara-se ou vencera aquela obsessão.

ÊLES ESPERAM A MORTE

(Cont. da pág. 24)

Eis nosso primeiro contato com o homem que merecerá a nossa admiração durante o resto da vida. Chama-se Antônio Leone. E' químico industrial e acha-se internado há três meses:

— "Sabemos que o câncer é uma moléstia incurável (fêz considerações e mostrou detalhes da doença que não podem ser descritos). Estou aqui há três meses. No momento estou me sentindo bem graças a umas injeções que o dr. Alberto Coutinho nos tem aplicado. Mas isto é questão de tempo... Só quero que meu filho não fique desapontado ao chegar da Suécia, onde se encontra. Eu ficaria muito desgostoso se êle me encontrasse triste".

Leone me acompanhou durante o resto da reportagem contando-me detalhes da vida que leva na casa de caridade da "Associação Brasileira de Assistência aos Cancerosos". Seu objetivo era que o repórter conseguisse meios para a conclusão das obras de assistência que ali se estão realizando, as quais foram iniciadas com donativos do público. Leone quer o bem daqueles que venham a sofrer daquilo de que padece. E dizia tudo isso com o rosto iluminado de alegria.

(*Cont. na pág.* 49)



SENSACIONAL!
EM 1950
SÓ FUTEBOL
EM 1951
FUTEBOL
E TODOS ESPORTES
AMADORISTAS
AMADORISTAS
★ ESTATÍSTICAS
★ FOTOS DOS CAMPEÕES
★ COMENTÁRIOS DE TÔDAS AS TEMPORADAS
★ HISTÓRICOS

ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado

À VENDA EM TÔDAS AS BANCAS



Aparelhos de jantar

Cristais e artigos para presentes

Vendas a prazo

Mesbla

Rua do Passeio

VISITEM NOSSAS EXPOSIÇÕES INTERNAS



VARIZES EM SENHORAS

E HEMORROIDAS EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das varizes. Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males hemorroidários (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Para varizes (as pernas) tome o liquido via bucal e friccione a pomada no local. Para hemorróidas use a pomada no local e tome juntamente o liquido. USE DURANTE 3 MESES. Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal, 1874 São Paulo

Hemo-Virtus

Ag. Pomona

ESTACIONAMENTO...

(Cont. da pág. 36)

prejudicando cada vez mais o trânsito dos próprios pedestres na cidade.

Enquanto isso, os planos continuam em estudos (se é que estudam) para solucionar o caso. Os chapas-brancas da Prefeitura continuarão suas rotas e estacionamentos nos diversos lugares da metrópole. Se o guarda interferir, está ameaçado de ser chamado a atenção pelo próprio chauffeur do carro oficial que lhe responderá:

— Não vê a chapa?...

E com cinismo, trazendo estampado no rosto uma expressão de superioridade e garantia de seus chefes, retiram-se. O guarda nada pode fazer, pois a parte não "colará".

NA TERRA DA FÔLHA...

(Cont. da pág. 18)

ball" que não possua a sua parcela de clubes "Maple Leaf"; isto se verifica em pequenas cidades do interior e nas grandes urbes, com associações esportivas de amadores e profissionais. Cada salário quotidiano é recebido em parte em moedas fundidas com os ricos minérios da região chamada "Escudo Pre-Cambriano". Em tais moedas vem gravado o emblema da fôlha de bôrdo. Nos ombros dos soldados da "Canada's Korea Brigade", enviados ao oriente para auxiliar as fôrças das Nações Unidas, estão as insígnias em que aparece uma fôlha de bôrdo escarlate. E nos carregamentos de produtos enviados como ajuda mútua aos aliados do Canadá figura, como testemunho da amizade e solidariedade do povo canadense, a fôlha de bôrdo, emblema nacional da grande Democracia do norte.

A VERTIGEM

(Cont. da pág. 32)

tia, para refrear a fôrça irresistível que me levava, pé ante pé, seguindo a pobre velha.

E' penoso remontar àquela noite dramática. Custa-me admitir que tudo tenha sido verdade e não um pavoroso pesadelo.

Tia Bósnia avançava para o tôpo da escada, sem notar minha presença, a dois passos. Era, sim, verifiquei, muito fácil a queda... Quando ela buscasse, tateando, o apôio do primeiro degráu... "Eu ainda cairei desta escada". A voz bradou: "Agora!" Avancei e vi a criatura, impelida bruscamente, precipitar-se desamparada, ao mesmo tempo que um ribombo sinistro abafava-lhe um grito... Desci sem olhar o corpo caído no ângulo da escada, entrei no meu quarto. A voz perseguia-me: — "Homicida! Homicida! Abri a janela, a ventania agitava o arvoredo, a chuva impetuosa lavava-me o busto, meu coração batia descompassadamente. Olhei-me ao espelho, achei-me horrívelmente feia, quebrei-o com um murro; tive ímpetos de despir-me, de rasgar tôda a roupa, de sair para a chuva... Acalmava-se o temporal, cessava a vertigem, senti um grande alívio, respirei fundo, em longos haustos...

Na manhã seguinte ouvi o grito de mamãe... Eu já o esperava. Ela entrou no meu quarto apressadamente, quase gritando: — "Toronja, acorde... Toronja, sua tia caiu da escada, está morta!"

Levou-me até ao cadáver. Minha tia estava estirada, a fronte amassada, nem uma gôta de sangue, a magreza das coxas à mostra... Na hora do entêrro chorei muito; as mulheres choram, quando querem... Chorei tendo imensa vontade de rir. A fortuna era minha!...

Hoje estou velha, de nada me valeu o dinheiro, mamãe é morta, meu sofrimento é maior. Assustam-me minhas mãos, parece que não são minhas, mas de tia Bósnia. Mãos que nunca acariciaram a face sorridente do homem amado ou afagaram os cabelos de criancinhas cândidas que nos chamam de mamãe! Estas mãos trêmulas são de minha tia Bósnia. Um dia que não está longe elas se cruzarão inertes sôbre o meu peito. Estranhas mãos, velhas e magras, nunca foram beijadas nem queridas. "Eu ainda cairei desta escada".

Não, não me condeneis, por tudo quanto mais prezais no mundo; eu nada fiz, ninguém viu... Nada prova! Ela mesma dizia que um dia cairia da escada; eu sou inocente, não tenho culpa, de nada, nada... Não julgueis... Tia Bósnia escorregou, eu até a avisei! Era facílima a queda... A insensatez da gente da fábrica confundia-me...

Que horror, meu Deus! Meu Deus, que horror! Eu não sou maluca, não sou louca, louco era papai! Pobre pai... Coitada de minha tia Bósnia...

Eu nada fiz, acreditai, sou inocente!...

ÊLES ESPERAM . . .

(Cont. da pág. 48)

Fiquei a sós com d. Genoveva. A enfermeira sentindo o meu interêsse pelo doente contou que o "dr." Leone é a alegria do Retiro. Que ensina os meninos a ler e escrever. Que a sua vida é dedicada aos companheiros como se fôsse um indivíduo de perfeita saúde. Disse ainda que muitos doentes se tornam religiosos com mêdo dos céus. "Seu" Leone acha que o seu papel é permanecer como sempre foi: um homem útil ao próximo, sem temores ou bajulações. Se merecer o paraíso, bem. Mas não será hipòcritamente que tentará ludibriar a sua fé... Que homem, senhores!

Fui dar uma volta e encontrei um desesperado. Mesmo assim me deu atenção, sendo até delicado comigo. E disse:

— *"Deus não existe. Eu juro que Deus não existe, porque se existisse não deixaria que um homem que sempre procurou fazer bem ao próximo sofresse como eu sofro."*

Perguntei:

— O senhor não tem mêdo do inferno?

— Inferno? Ir para o inferno? Eu estou no inferno, meu caro. Morrer será um céu para mim.

D. Genoveva regressou e depois de me apresentar a alguns doentes, passou a narrar episódios de desespêro, os quais não são frequentes. Enalteceu a conduta dos internados Torrêncio Pires de Oliveira, que deu uma grande gargalhada em consequência de uma anedota que o repórter lhe contou. Torrêncio foi apelidado de "pinguim" pelos companheiros. Não se pode erguer da cama, porém, está constantemente alegre. José Evaristo Barros é um goiano da Fundação Brasil Central quase curado, graças a uma intervenção cirúrgica. E' um homem alto e muito forte. Seu rosto de linhas bem definidas impõe admiração por ser um tipo característico do sertanejo do Brasil.

UM VELHO CONHECIDO

Curioso que o repórter fôsse encontrar um homem com o qual labutou numa fábrica, no Amazonas. Nessa época, o autor desta reportagem era operário, Raimundo Nonato era um dos trabalhadores da "Fábrica de Cerâmica", a mesma em que trabalhávamos para custear os estudos. Raimundo veio para o Rio e aqui adoeceu. Conversando, pôs-se a divagar e acabou por despertar recordações, que já se distanciavam. Achou muita graça e falou depois com saudade da terra abençoada que é a Amazônia.

ZÈZINHO E PEDRINHO

O repórter fêz camaradagem com dois alegres garotos. Zèzinho e Pedrinho. Além de bons alunos do quimico-industrial, são excelentes crianças. Estão aprendendo a ler, mas não chegarão a ler esta reportagem porque

Uma cousa ...



exige outra:



Polvilho Antisséptico

GRANADO



DESODORANTE CICATRIZANTE

SAÚDE DO BEBÊ

ESTRABISMO E SUA PROFILAXIA NA CRIANÇA

DR. SABOIA RIBEIRO

A projeção para fora ou para dentro do globo ocular é o que, nos casos gerais, constitui o estrabismo, um defeito físico, sem dúvida, dos que mais atingem a estética facial e cujo tratamento na criança há fazer o mais precoce possível. Quando o desvio ocular sobrevém a moléstias agudas ou em virtude de causas traumáticas, ou, independente destas, desde o momento do nascimento, não é o caso de que nos ocupamos, pois nestas vêzes as causas são mais profundas ou complexas e mesmo o estrabismo acompanha a outras paralisias que atingem, não sòmente o globo ocular, mas a outros setôres da face.

A paralisia infantil, a difteria, certas moléstias febris agudas, podem deixar após si êsses desvios do globo ocular.

Quando o estrabismo data do nascimento após, no entanto, um parto normal, pode-se atribuí-lo a causas hereditárias e familiais, sendo o quadro, muitas vêzes, bastante variado e complexo, atingindo vários grupos musculares e, ao lado do desvio ocular, temos a queda da pálpebra, os desvios da face e até distúrbios da sucção ou da deglutição, etc.

Não é êsse o estrabismo que particularmente deve ser objeto de grande cuidado desde suas primeiras manifestações, uma vez que, em todos êsses casos, chama logo a atenção o defeito e o médico é sempre solicitado a opinar.

O estrabismo, que requer tôda a atenção, é justamente o que se constitui com a idade, e independente de causas a que se possa atribuir a sua origem, aqui um traumatismo, já uma inflamação tóxica do nervo (como nas infecções), ou até a ausência de certos núcleos dos pares cranianos (e, sobretudo, do facial), etc., etc.

Essas são formas antes congênitas do estrabismo.

O estrabismo que surge mais tarde na vida da criança e faz seu aparecimento com certos intervalos em que o desvio dos olhos se patenteia e depois some, êsse é que desejamos focalizar neste breve artigo, pois deixado sem tratamento oportuno acaba por tornar-se *fixo*, isto é, permanente, com diminuição e perda consequente da visão do lado em que o desvio se estabelece definitivamente.

E' preciso estar avisado que até o fim do segundo mês existe normalmente o estrabismo, resultante, nessa idade, de ainda não estar organizada a *visão binocular*, que faz os dois olhos convergirem quando fixam um objeto.

Só com o estabelecimento da visão binocular, na criança, por volta do terceiro mês e à medida que o sentido da atenção se lhe vai despertando, é que os movimentos dos dois olhos se vão coordenando, observando-se que ambos os olhos convergem na direção dos objetos que se lhe mostram ou lhe despertam o interêsse.

Se, portanto, após essa idade, a criança torna-se estrábica é necessário o mais depressa tratá-la convenientemente, num duplo sentido:

1º — evitar que o estrabismo se torne fixo, permanente;

2º — que se perca a visão do ôlho desviado, deixando o estrabismo sem tratamento.

De fato, todo estrabismo no seu início, nas condições de seu aparecimento espontâneo, isto é, sem causa aparente, traumática ou outra, se acompanha de visão dupla (diplopia), isto é, *cada* objeto aparece *em duplicata;* de modo que uma das imagens é neutralizada, com o afastamento, para dentro ou para fora, de um dos olhos, e a fim de sòmente uma imagem seja fixada no cérebro.

E' um modo de defesa do mecanismo cerebral, pois a visão dupla perturba e expõe, até, a acidentes à pessoa, parecendo o objeto à direita quando está à esquerda e vice-versa.

Dá-se então o desvio de um dos olhos e a visão deixa de ser binocular, para ser apenas monocular.

Naquela, a imagem fornecida por cada ôlho é fundida numa só, o que só se verifica, porém, quando os dois olhos se dispõem formando um mesmo ângulo sôbre o objeto. E isto não se dá quando há desvio, originando então a diplopia, isto é, a imagem dupla.

Na diplopia, como dissemos, o ôlho é desviado para neutralizar a dupla imagem; é afastado *para não ver*.

Nessas condições, embota-se a visão do ôlho desviado, por falta de função. Com o tempo, êste ôlho deixa de ver, há alterações da própria estrutura de seu elemento nobre, a retina, é um ôlho perdido.

E' como uma máquina deixada ao abandono e que se enferruja.

Há necessidade, portanto, diante do estrabismo da criança, que se constitui, e evidentemente logo nos primeiros tempos, evitar essas consequências assim de ordem funcional como estética.

O estrabismo, nessas condições, reconhece, às mais das vêzes, uma anomalia da refração, isto é, um caso de miopia, hipertropia ou astigmia, que se corrigem pelas lentes.

Muitas vêzes a agudeza da visão de um ôlho não é a do outro e êsse desequilíbrio, corrigível pelas lentes, gera o estrabismo.

No período dos primeiros meses não é possível, na prática, fazer a correção pelas lentes.

Mas é possível evitar se estabeleça o estrabismo por certos meios que obrigam a criança a exercitar ora o ôlho direito, ora o ôlho esquerdo, evitando assim que um dos olhos se torne definitivamente desviado e mais tarde se atrofie funcionalmente, deixando de ver.

Já pela idade escolar é sempre possível a correção pelos óculos, sendo sempre necessário o uso permanente dos óculos e não sòmente quando a criança o entenda. E' preciso convencê-la dessa necessidade.

não haverá tempo. Eis por que falamos dêles. Zèzinho pediu detalhes de nossa máquina fotográfica. Depois contou valentias, dizendo que Pedrinho não levava vantagem com êle em matéria de luta. Pedrinho achou graça e disse: — "Mas no pião êle é pinto". E rolaram na grama reproduzindo uma luta para que fôssem feitos alguns instantâneos.

UM CAPITULO TRISTE

D. Genoveva mostrou um dos pavilhões que não devia ser visitado. Porque ali estavam os doentes graves. Retificou o número de mortos dado pelo químico-industrial. Dos 17 internados nos últimos três meses, 14 haviam falecido, e não 13. Atualmente existem 20 cancerosos. E nenhum dos atuais se desespera.

Entramos no pavilhão reservado aos que esperam a morte, aproveitando uma distração da enfermeira. Preparamos a máquina mas não tivemos coragem de importunar, com o clarão do "flash", aquêles sêres inofensivos. Não cumprimentaram o repórter. Num mutismo impressionante olharam meio curiosos, dando a entender que compreendiam as minhas intenções. Assim decorria tudo. Silêncio. De repente ouvi uma voz do fundo da enfermaria. Era de um homem cujo rosto deformado pela doença não deixava ver a expressão de sua face:

— "Bata uma chapa desta cara linda para servir de espantalho aos mosquitos..."

Houve um ruido de risotas em todo o ambiente. Alguns ainda ficaram achando graça quando me retirei com um até logo encabulado por ver tanta valentia em criaturas que estão à espera da morte; irmãos de Laureano, tão bravos como êle.

Disse adeus à D. Genoveva e ao meu amigo químico-industrial. D. Genoveva insistiu para que mostrasse ao público as suas necessidades. Que pedisse auxílios, quaisquer que sejam. Aqui fica o pedido. Mandem donativos para a rua Magé, 326. Êsses auxílios aliviarão muitas dores.

UM ATÉ LOGO EM VEZ DE ADEUS

Deixei o internato dos cancerosos. Cruzei o portão e sentei-me novamente no *fôco*, após acender mais um cigarro. Tive vontade de lavar as mãos que haviam apertado mãos de cancerosos e senti, depois, vergonha da própria atitude. Lavar as mãos! Precisava lavar a consciência, isto sim! Lavar a consciência mostrando ao povo a verdade sôbre o câncer. Todos nós sabemos que o câncer, na maioria das vêzes, tem sua origem nos espasmos nevróticos, e que, atacados no início, se tornam em mal comum na medicina. Pode, portanto, ser debelado como outra doença qualquer, desde que atacado no início. O câncer se fundamenta nas realidades da vida que vão desde a saúde higiênica até o exame mais acurado. O descaso e displicência com que se olham todos os males, no seu início, são a causa principal de tudo. *E o que ora se observa é que*, mercê da imensa publicidade trazida pelo caso Laureano, há um fenômeno por demais curioso a exigir cuidados especiais da medicina. Êle se resume na nevrose. Tudo para nós é, agora, câncer. A nevrose por seu turno levará até à auto-sugestão. E os fracos induzidos pela imagem fantasmagórica do câncer, acabam adquirindo o mal porque se deixam entregar ao desleixo pelo mêdo, se por ventura aparece qualquer lesão pelo corpo. Do estado mórbido, autêntico caso mental, desenvolve-se o raciocínio doentio para o objetivo: *câncer*. Ademais, a própria condição do brasileiro, pelo seu sentimentalismo, pela sua magnanimidade e pela facilidade que apresenta em se deixar contaminar pela impressão ou pela sugestão, o tornam mais acessível à nevrose, já que lhe falta quase sempre o espírito forte e a resistência físico-orgânica para resistir à impressão, e consequentemente expurgar o que lhe move a consciência doentia. E por isso o auto-sugestionado se transforma num nevrótico, e o nevrótico num canceroso.

E' um caso psicológico êsse, cujo efeito sòmente um covarde poderia negar. Até hoje ainda não está bem definida a origem do câncer, o seu bacilo é ignorado. Mas é um inimigo que pode ser debelado desde que não faltemos aos conselhos de nossos médicos. Nossa teoria nasceu da experiência própria. O repórter que redige estas linhas está acostumado a enfrentar as mais sérias situações que a profissão lhe impõe. Sabia, embora sendo uma pessoa normal, que o câncer não é contagioso. Entretanto, o fato de estar em contato com os cancerosos, deu-me impressões horríveis no momento. E depois...

TENÓRIO NA . . .

(Cont. da pág. 5)

ticas à sua administração, Capitão. No entanto, eu vim ver *in loco* o que se passava para depois ir à tribuna da Câmara e relatar aos meus pares o que *vi com os meus próprios olhos*. Entretanto, cometeria uma injustiça se assim procedesse sem primeiro vir aqui, pois as acusações que lhe fazem são infundadas. A minha impressão é a melhor possível e acredito que o representante da conceituada REVISTA DA SEMANA que, gentilmente, me acompanha nessa inspeção pensa da mesma forma.

"O que falta a essa gente — acrescentou — é apenas a *Liberdade*. Acredito que muitos vieram parar aqui justamente por pugnar por essa mesma liberdade que agora lhes falta. Refiro-me aos presos políticos. Noto que o presídio está cheio. E cheio êle continuará. Porque enquanto um homem governado apanhar de um outro que governa... enquanto os ge-

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

midos de um homem fraco forem sufocados pelos punhos de um prepotente, haverá sempre criminosos. Sim, porque nada conduz tão fàcilmente ao presídio como um desejo excessivo de justiça.

★

Os presidiários sentiram-se bastante confortados com a visita do deputado Tenório. Foi grande a surprêsa. A sua passagem pelos corredores das galerias, os presos chegavam às grades dos cubículos e esticavam o pescoço para ver o homem que é cognominado — *A Fera de Caxias*.

Em deixando a Penitenciária o dr. Tenório se dirigiu para a Câmara. Por onde passava era saudado pelo povo. Os homens tiravam o chapéu, as mulheres sorriam. Tenório é agora um nome nacional. Não há no Brasil quem nunca ouviu falar nesse nome. Os jornais o estampam na primeira página; o rádio o dá como prefixo de histórias fantásticas; e o teatro o está explorando em comédias hilariantes. Nunca, em tempo algum, se falou tanto de um homem... Tenório!!!... Todos se assustam ao ouvir o nome; mas, em verdade, tudo se desvanece se aparece o homem. Quem o ouvir, quem privar com êle, verá, como nós outros, que Tenório Cavalcanti é profundamente humano, profundamente sensível... Tão sensível que se irrita fàcilmente. E, ao contrário do que se pensa, tem muita cultura. Gosta de poesia e sabe de cor tôda a *Via-Láctea*, de Bilac. Lê muito Júlio Dantas, Antero de Quental, Victor Hugo, La Martine, Voltaire e Érico Veríssimo.

Já elaborou mais de 60 projetos de lei; apresentou cêrca de 300 requerimentos e tem muitos outros em andamento.

E' considerado um dos melhores oradores do Parlamento. A sua voz é tonitroante; a sua mímica expressiva e os seus argumentos sempre convincentes. Quando fala, empolga, convence e esmaga. Assim tem acontecido. Ainda há pouco, quando o deputado Lúcio Bittencourt apresentou um anteprojeto de lei, proibindo aos militares, em postos de comando, conceder entrevistas à imprensa, fêz um magnífico discurso condenando o projeto. Por ser uma peça onde estão conjugados a sua cultura, a sua eloquência e o seu patriotismo, damo-la aqui na íntegra:

"Sr. Presidente, se a paz está sob a proteção de Deus à democracia de certo vive de seus preceitos divinos. E por que, Sr. Presidente? Porque foi com a palavra que o Cristo, o paupérrimo filho de Deus, evangelizou a humanidade inteira, mostrando-lhe os males e as belezas da vida.

Só num regime de liberdade é que as sociedades podem crescer e robustecer-se, porque a palavra é, sem dúvida alguma, o laço da fraternidade humana. Ela promove, falada ou escrita, a união fraternal dos homens e, por que não dizer, dos povos. E' uma espécie de luz que ilumina as trevas e, diz um orador sacro que ela opera união dos homens; abate os soberbos, eleva os abatidos; instrui os ignorantes; fortalece os fracos; dá ânimo aos anêmicos; protege os desvalidos. E' luz que dissipa as trevas, condutor que conduz os que se embrulham nos labirintos das dúvidas; balança que restitui o equilíbrio da justiça e bálsamo que cura as feridas do coração. Dá asas ao pensamento e traduz o suavíssimo perfume da sensibilidade.

E', sem dúvida alguma, a bússola que orienta aos que se embrenham nas trevas da confusão.

A beleza da democracia consiste na liberdade de pensamento. Ah, Sr. Presidente, que seria do Brasil no período imperial se não fôsse a voz de Caxias, que em certos momentos, era uma espécie de bálsamo a amenizar as feridas e os corações dos brasileiros, quando o corvo da guerra a todos ameaçava devorar.

O Sr. Heitor Beltrão — Aqui, na Câmara, a voz de Caxias é V. Excia.

O SR. TENÓRIO CAVALCANTI — A minha voz dá asas, um pouco ao meu pensamento e traduz a dor e as aflições do povo que nasceu e habita na terra que serviu de berço ao imortal soldado do Império. E, é inspirado no patriotismo de Caxias, no sentimento de amor à pátria, que lhe incendiava a alma de patriota, que venho dizer nesta hora: ai do Brasil se não fôsse a liberdade que Caxias teve ao falar, ao lutar, notadamente nas campanhas de pacificação do Brasil, mostrando, com sua palavra, o caminho que a Nação deveria seguir, no sentido de respeito às liberdades públicas, pacificando o Maranhão, a Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, libertando povos de outras pátrias, derrubando tiranos, consolidando instituições e pacificando a nação. Foi com a palavra de braços com a espada que Caxias conseguiu consolidar 50 anos de unidade imperial. A quem a Nação deve esta unidade de 50 anos? — Sem dúvida alguma à palavra, aliada à bravura de Caxias.

Estes os soldados da pátria, em quem o Brasil deposita sua fé e sua esperança, os mesmos soldados, Sr. Presidente, que, inspirados nos exemplos do seu patrono, escreveram, na expressão de Churchill, à ponta de baioneta, em inóspitas terras estranhas nas geladas montanhas da Itália aquela gloriosa página da bravura brasileira libertando outros povos e voltando ao Brasil para restaurar entre nós o clima de liberdade que respiramos e que estão sempre de sentinela na defesa dêsse ideal sublime sem o qual pereceremos.

Não será Sr. Presidente a Câmara dos Deputados nesta fase que irá asfixiar a voz do soldado que foi ao passado, é no presente e será no porvir responsável pela unidade pela indivisibilidade, pela imprescritibilidade, pela honra e pela dignidade brasileira.

Sr. Presidente não sou daqueles que criticam o nobre Deputado autor do projeto porque entendo que de acôrdo com a essência da propria democracia sendo êle um Deputado livre e vivendo livremente, protegido, amparado, sob a sombra total de uma Constituição que lhe dá o direito de, livremente, se manifestar, não merece nossa crítica nem nosso desrespeito, mas, ao contrário, nossos aplausos pela bravura, pela coragem e pela independência de subscrever o projeto em causa. Apenas discordamos de opinião. Discordamos de S. Excia. sem que nisso vá, a menor demonstração de desrespeito à sua personalidade ou à sua manifestação de vontade individual .

Sr. Presidente, não podemos exigir que o nobre Deputado, autor do projeto, pense conosco, do mesmo modo que êle não pode exigir pensemos como êle, visto como seria exigir que êle tivesse nossa cultura e nós os seus conhecimentos. Seria exigir tivéssemos os seus sentimentos e êle os nossos, mesmo porque não há nenhum homem semelhante a outro e

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 15 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUAL O ANIMAL QUE TEM A LÍNGUA DO TAMANHO DO SEU PRÓRIO CORPO.

O camaleão?
O tamanduá?
O jabuti?

2 — EM QUE DATA FOI ENTREGUE AO CONGRESSO DOS EE.UU. A «DECLARAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA»:

5-8-1870?
4-7-1776?
3-2-1700?

3 — QUEM FOI QUE REDIGIU A «DECLARAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA» DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE:

Benjamim Franklin?
Tomás Jefferson?
João Adams?

4 — QUAL FOI O LIVRO QUE PROVOCOU UMA GUERRA:

Os «Sertões» de Euclides da Cunha?
«Aldeia Abandonada» de Goldsmith?
«A Cabana do Pai Tomás», de H.B. Stowe?

5 — A FAMOSA ESFÍNGE DO EGITO REPRESENTA:

Um rei?
Uma deusa?
Simples figura de mulher?

6 — QUE NOME SE DÁ A GRUPOS DE ESTRÊLAS:

Galaxia?
Eclítica?
Constelação?

7 — QUANTAS CONSTELAÇÕES PODEM SER CONTADAS NO FIRMAMENTO:

Mil?
Cento e dez?
Oitenta e oito?

8 — QUE QUER DIZER «CÂNCER»:

Sofrimento?
Caranguejo?
Dor aguda?

9 — QUE NOME SE DÁ À CIÊNCIA QUE INTERPRETA A INFLUÊNCIA DOS ASTROS NA VIDA HUMANA:

Astrologia?
Mitologia?
Ou Astronomia?

10 — QUANTAS ESTRÊLAS PODEM SER VISTAS A ÔLHO NU:

Cem mil?
Um milhão?
2.500?

11 — QUE SIGNIFICA PSICO-ANÁLISE:

Estudo dos sonhos?
Análise da alma?
Comunicação espiritista?

12 — A QUE ÓRGÃO DO CORPO DEVEMOS A PURIFICAÇÃO DO SANGUE:

Ao coração?
Aos rins?
Ao baço?

13 — QUANTOS PÉS CÚBICOS DE AR RECEBEM OS PULMÕES DE UM HOMEM EM 24 HORAS:

400?
180?
600?

14 — ANTES DE TORNAR-SE AUTÔNOMO, A QUE OUTRO ESTADO PERTENCIA O DE ALAGOAS:

Bahia?
Pernambuco?
Sergipe?

15 — QUAL A SUBSTÂNCIA MAIS LEVE QUE SE CONHECE:

O alumínio?
O oxigênio?
O hidrogênio?

16 — QUAL O CIENTISTA A QUEM SE DEVE A PRIMEIRA MENSAGEM SEM FIO NA HISTÓRIA:

Marconi?
Edison?
Faraday?

17 — QUAL O SEGRÊDO PRINCIPAL DA TELEVISÃO:

A fotocélula?
O gás neon?
O oxigênio?

(Respostas na pág. 52)

EU SEI TUDO

Alguns dcs principais assuntos

pubicad‹ s na edição de julho

⁽saparecida na Neve (Conto — côres) ....
Quase irreconhecível 1
Novo tipo de pá para «roda» de popa 1
Engolido vivo por uma baleia! — A incrível mas verídica histórls de um moderno Jonas que sobr viveu para contar a aventura . 1
Surprêsas que não surpreendem mais 1
O «Teste-Inquisição», uma novidade para nos orientar na vida 1
O Campeão (Conto) 1
História de Pescador 1
Martin, o Visionário (conclusão) 1
Qual a melhor defesa contra a Bomba Atômica? 2
Para as portas que rincham 2
Caminhão até debaixo d.água 2
O Sino dos Mil Pescadores 2
A f.ra vencida 2
Olhe para trás 3
Hitler revelado pelas fichas do Exército Norte-americano — Hitler está vivo? (Continuação) 3
Os micróbios e os animais gigantes salvarão o mundo da fome 4
Um problema para o povo austríaco resolver: é o Arquiduque Oto o herdeiro legítimo do trono dos Habsburgos? 4
O inimigo número 1 do Câncer 4
Jornal da manhã 5
Como comprar um automóvel usado? (Côres) 5
Muita atenção aos «cantos» 5
Aponte o Culpado (Conto — côres) 5
Pára-choque contra pàra-choque 5
Marcianos mandaram discos voadores visitar a Terra? — Os canais do planêta Marte e sua fabulosa engenharia 5
Lisboa, antes de D. Afonso Henriques 6
Como você resolveria isto? 6
A «Boa Resposta» do mês 6
Feitiçaria, Mau-Olhado e Magia Negra, ainda em 1951! A perseguição e o assasinio à distância são atualmente praticados! .. 7
Isto é engraçado... e é Freud! 7
Vantagens da educação esportiva 7
Revelando o Brasil aos Brasileiros. Uberaba, Est. de Minas Gerais 8
Nos domínios da Gramática 9
Viajando pelo Brasil Meridional (Continuação) 8
Vida do Campo: O cavalo árabe 9

A' venda em todos os pontos de jornais

se formos descortês com o nosso colega pela dessemelhança, êle igualmente, será desensofrido conosco pelos nossos defeitos.

Não! E' um direito que tem, do qual discordamos, dentro dos princípios gerais de liberdade, que a própria Constituição da República nos assegura. O que a Câmara não fará, sem dúvida, é concordar com a preposição, pois a liberdade deve ser tão grande quanto o infinito; deve ser invencível como a morte, na expressão magistral dos filósofos. E se os filósofos não o disseram, digo agora: ela deve ser invencível como a morte. São exatamente os militares que morrem nos campos de batalha para preservar a nossa liberdade Brasil, grande admirável que és: nosso espírito se estasia na contemplação de tuas maravilhas, do que possuis de grande de belo! Olhemos para o pretérito. Aí está o quadro de pintura viva. Se não fôsse a liberdade dos soldados de b aços com os civis pela implantação do regime republicano, e a conspiração de ambos na consolidação das liberdades pintadas em quadros vivos pelo pincel dos artistas, ou pela pena dos sábios, onde estaríamos a estas horas? Não! A liberdade não pode ser um luxo só permitido aos políticos.

Ah! Sr. Presidente, se tirássemos de um general, de um oficial do Exército o direito de mostrar à Nação os erros dos seus homens públicos, nós que constantemente somos susceptíveis de ser carreados para o crepúsculo das paixões partidárias e que, muitas vêzes, observamos as coisas pelo ângulo das nossas conveniências regionais, se tirássemos a êsses soldados da Pátria, que carregam nos ombros a responsabilidade da defesa do País, o direito de crítica, inclusive a nós outros, de apontar nossas falhas ou nossos erros — teríamos uma democracia manca, de dois pesos e duas medidas e seria deturpar a própria liberdade; e os maiores inimigos da liberdade não são os que violam, mas os que a deturpam, diz sàbiamente Gioberti.

Sr. Presidente, minhas palavras são quase desnecessárias nesta hora, depois que tantos luminares da cultura que por aqui passaram combatendo o projeto, um dêles até contundente na crítica ao seu autor, a que louvo a coragem e a independência, embora discorde de sua proposição. Acho que essa é a prova admirável, encantadora de que estamos livres numa pátria livre, bebendo o bendito sol da liberdade. Porque José Bonifácio diz que sem liberdade individual não pode haver civilização nem só-

Respostas ao teste

1—O camaleão
2—4.7.17
4—Tomás Jefferson
4—«A (... ai Tomás
5—Um ... Marinakis)
6—Constelação
7—88
8—Caranguejo
9—Astrologia
10—2.500
11—Análise da alma
12—Aos rins
14—Pernambuco
15—Hidrogênio
16—Marconi
17—Fotocélula

lida riqueza, não pode haver moralidade e justiça. Nem brio, fôrça e poder entre as nações.

Sr. Presidente, em aparte há pouco ao nobre deputado Félix Valois, disse eu que poderíamos aqui legislar no sentido de tirarmos a vida do militar que, à frente de qualquer pôsto, não correspondesse aos anseios nacionais ou que venha, porventura, trair o Brasil. Não podemos, entretanto, nem devemos, jamais, tirar-lhe a liberdade de pensamento, pois um país sem liberdade, repito com os poetas, é, esta abóbada sem luz, um país sem liberdade, é como um jardim sem flores; um país sem liberdade é como a noite sem luar ou, então, como um monge que ora na sua cela sem ter no peito a chama ardente da fé, da esperança que pode ser comparada com a fresca viração que vem acalmar os ardores de um calmo dia, no dizer de Vieira.

Só podemos fazer com que a erva tenra, que ainda não resiste ao sôpro da brisa marinha, resista e não murche — e essa ervinha é a nossa democracia incipiente, se houver o estímulo da liberdade para que militares e civis se agitem em harmonia com o ritmo da realidade brasileira.

A árvore da liberdade há de crescer, sem dúvida há de florescer, há de frutificar, em suas sombras hão de dar as mãos soldados e civis, hão de se harmonizar a idéia e a espada, o código e o fuzil para a grandeza e felicidade na nação brasileira, porque não temos como separar a toga do magistrado da espada do soldado, seria o mesmo que separar Tamandaré de Rio Branco, Barroso de José do Patrocínio ou Caxias de Ruy Barbosa, idéia e fuzil a serviço da pátria comum."

GUIA DAS MÃES DO DR. WITTROCK

Livro indispensável na criação dos bebês. O grande Coelho Neto escreveu: "Êste livro à cabeceira das mães será um escudo de proteção para os filhos".
Acaba de sair a 11.ª edição — Preço: Cr$ 60,00.
Pedidos para o interior à
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RUA DO OUVIDOR 166 — RIO DE JANEIRO

FERRO ARSYLOSE

Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe FERRO ARSYLOSE, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock.
Contra fastio e anemia, só FERRO ARSYLOSE.
Pedidos do interior a ARAÚJO FREITAS & CIA.
Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A — **Rio de Janeiro**

LÚCIA, A AMOROSA





Naquela sexta-feira quando regressei para minha morada, encontrei um telegrama de mamãe. Dizia que vinha a Nova York para ver de perto êsse meu noivado com Cam! Lembrei-me de que eu dissera várias coisas a Margot sôbre meu casamento. Fiquei em pânico!





















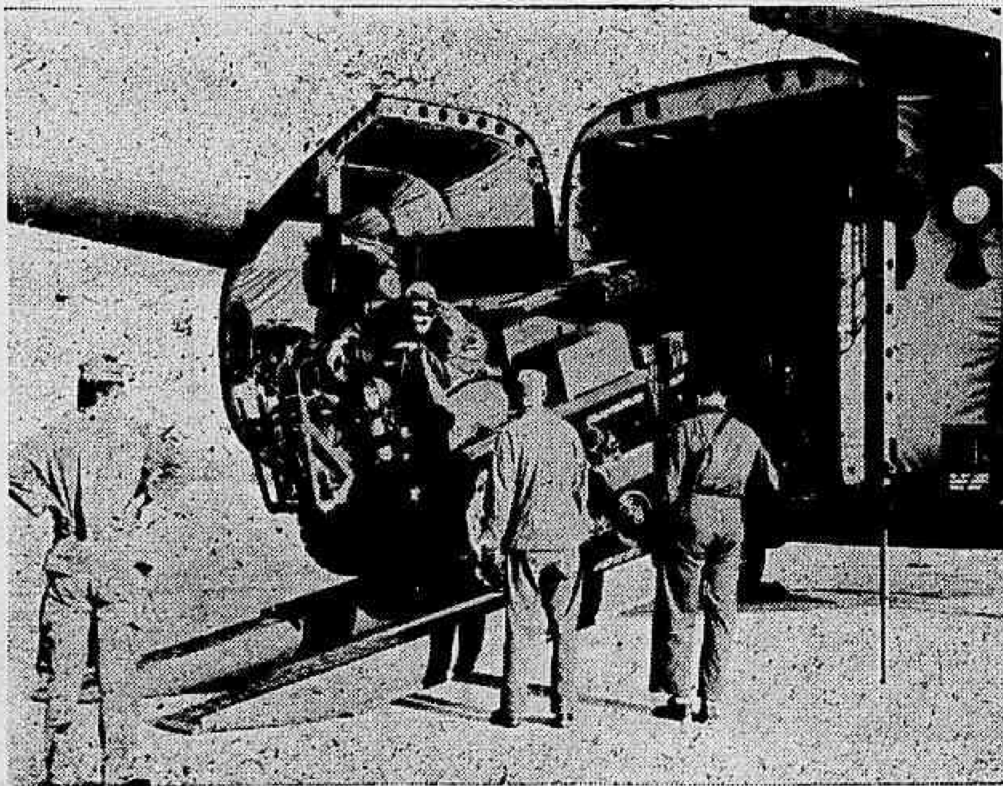
NO PRÓXIMO NÚMERO: A TIMIDEZ DE LETTY



PULMÃO DE FERRO com capacidade para duas crianças vítimas de poliomielite, numa demonstração do americano Brooks Mendell, no Hospital de Crianças da capital do México.



O ESPÍRITO PRÁTICO DOS AMERICANOS: sôbre enorme depósito de gasolina, várias indicações à navegação aérea, mostrando diversas direções da cidade onde se encontram aeroportos.



NO AEROPORTO DE KIMPO, na Coréia, soldados norte-americanos retiram de bordo de gigantesco transporte aéreo, poderoso trator destinado a operações de guerra na região.

TUDO ISTO

MALA AO MAR



Como todo rapaz nordestino, o Sr. Moacir dos Santos Vasconcelos, pernambucano até ùltimamente residindo no Ceará, achou que a vida na província era uma droga e resolveu tentar a sorte no Rio. Em Fortaleza preparou seus papéis, sua malinha, preparou seu pézinho de meia e tomou o «Campos Sales» do Lóide Brasileiro que vinha do extremo norte em viagem regular para o Rio e escalas. Para economizar, Moacir comprou bilhete de terceira. A viagem era longa, enfadonha e cheia de complicações; mas êle não fazia questão de sofrer mais um pouco, pois que já estava calejado na luta pela vida. Como passageiro de terceira não tem beliche onde guardar seus «terens», a malinha do rapaz ficou mesmo no convés de proa, sôbre a lona do porão. Não havia sòmente a dêle, e sim muitas outras de passageiros nas mesmas condições modestas. Sucede porém que tais volumes ficam soltos. Se sobrevier alguma tempestade, tanto podem boiar como cair n'água. Não há lugar para amparar tais volumes, nem são amarrados de cordas. Tudo ao «Deus dará o jeito», embora ninguém haja mesmo falado com o Criador sôbre isso. A viagem vinha na santa paz do Senhor, quando, à altura de Cabo Frio, o tempo enfarruscado, o vento forte, o mar agitadíssimo, tudo concorreu para que o vaporzinho do Lóide começasse a pular na grimpa dos vagalhões revoltosos e enfezados, como se estivesse à mercê das vagas. Em dado momento veio uma onda enorme e deu no barco uma guinada daquelas de ranger os mastros e desmantelar os pratos do dispenseiro. Nessa ocasião viu Moacir, com os olhos que a terra há-de comer um dia, que sua malinha era tragada pelo oceano. Lá se foi tudo quanto Marta fiou: dinheiro, roupas, documentos, o diabo. Saltou no Rio limpo e sêco como Deus quer as almas. Apelou para o Lóide e lá deram 5 cruzeiros de consolação. O rapaz está desolado e pede aos seus coestaduanos que o ajudem nesta circunstância. Quer trabalhar; mas como?

★

OS TOMATES



Apareceu um homem na feira de Coelho Neto com vontade de almoçar, naquele dia, uma salada de tomates. Andou de banca em banca perguntando o preço do quilo, sendo-lhe dito «urbi et orbi», isto é, de uma ponta à outra dos barraqueiros, que o tomate custava de oito a dez cruzeiros. Ora, segundo a tabela da CCP, o preço nas feiras devia ser de Cr$ 4.00. Por isso o homem estrilou. Foi ao fiscal da feira e pediu providências; mas nada adiantou. Reclamou da polícia. Nada. Que fazer? Decidiu então ir pessoalmente ao Catete e reclamar do Presidente da República. E foi mesmo. No Palácio das Águias desabafou com todo o calor tropical de sua indignação. Não iria mais saborear sua saladinha, pois já o dia estava perdido. Mas daria uma lição naquela gente. Do Catete telefonaram para a Delegacia de Economia Popular, sabendo se era possível o que aquêle homem decidido estava a relatar; mas da DEP responderam que o asunto não era de sua alçada e sim da Prefeitura. Telefonaram então para os quatro aparelhos telefônicos instalados pela Superintendência do Abastecimento da Municipalidade para atender a queixas. Mas, estranhamente, nenhum dêsses telefones atendia. Tocava, tocava, tocava e não vinha ninguém saber quem estava falando. A esta altura, os que, no Catete procuravam resolver o caso dos tomates, fizeram o esfôrço supremo: iriam todos, inclusive o queixoso, à presença do Presidente da República a fim de acabar com o sério problema. Então o Sr. Getúlio Vargas ouvindo o relato do que se estava passando na feira de Coelho Neto com os tomates das barracas, determinou imediatas providências para a punição dos culpados e responsáveis. Acompanhado por pessoas do palácio, foi o queixoso identificar um por um, os funcionários que não quiseram cumprir os seus deveres. Hoje, o cidadão decidido está satisfeito; mas não quer nem mais ouvir falar em tomates. Chega!

★

45 CONTOS QUE VOAM



Sabe o leitor que, às vêzes, dinheiro se transforma e vôa? Pois é a mais pura das verdades. O caso se passou no Pará e veio comentado por jornais do Rio, através de noticiário telegráfico procedente de Belém. O fato se assemelha muito à metamorfose das lagartas quando «viram» borboletas. Tudo se passou assim: uma firma de Belém, tendo realizado com uma outra de Óbidos, no mesmo Estado, certa transação comercial para a compra de uma partida de juta, mandou para aquela a importância de 55 mil cruzeiros em cédulas de um conto de réis, pela «Panair», como valor declarado. E' muito comum essa maneira de remeter fundos. Diàriamente os aviões comerciais conduzem importâncias, muitas vêzes vultosas, de uma a outra praça, próxima ou afastadas. E' negócio seguro e vantajoso. Mas, lá um dia, as coisas atrapalham e sobrevém dificuldade ao bom andamento dos negócios comerciais. E foi o que sucedeu agora. Quando a bolada chegou ao seu destino e os vendedores da juta abriram os pacotes, só não caíram das nuvens porque estavam no chão. Em lugar de notas de mil cruzeiros, houvera uma «metamorfose» fenomenal e ali estavam outras substitutas de valor muito menor. Imediatamente os lesados apresentaram queixa à polícia local e comunicaram aos compradores noticiando o caso delituoso. A quem caberá a culpa? Onde estarão as «larvas» que se julgaram com direito a mudar sua fisionomia transformando-se em borboletas multicores e lindas? Até escrevermos êste tópico não se sabia como explicar a metamorfose, embora julgue a polícia de Óbidos que o «trôco» estranho se tenha verificado em Belém. E' que, no avião não pode ter sido, nem no escritório dos destinatários. Seja como fôr, o fato é que as notinhas de mil cruzeiros fizeram como as lagartas: voaram deixando no local as míseras casquinhas...

ACONTECEU

CORAGEM DE MAMAR EM ONÇA



Luis Vidaillet é um marítimo francês. Estava êle em Dunquerque, quando, alta noite, sentiu uma vontade louca de vir à América do Sul. O cais da cidade mártir e famosa pela retirada dos ingleses nos começos da Segunda Grande Guerra, estava com vários barcos de diversas nacionalidades. Dentre os que iam zarpar para o Brasil, estava o navio cargueiro «El Gaucho». No espírito de Vidaillet fuziou uma idéia: entrar no cargueiro e, com jeito e arte, esconder-se vindo para êste ambicionado Novo Mundo, mesmo clandestinamente. Vidaillet é marítimo, habituado à dureza da vida e às maresias das ondas. Estaria em seu elemento. O mais seria apenas questão de chance. Aproveitando momento oportuno, penetrou no barco e ficou escondido entre vários volumes de carga. Estava escuro. Êle procurou um lugar seguro a fim de escapar à vigilância das autoridades de bordo e achou um local que lhe pareceu excelente. Mas aí foi que sucedeu a coisa mais imprevista dêste mundo: — o «compartimento» em que entrara não era nada mais, nada menos, do que uma jaula de leões! Mas não era apenas uma jaula de leões, coisa que, por si mesma não faz mal a ninguém. Mas é que, nessa jaula havia mesmo leões! O fato era simples: dentre a carga recebida pelo navio, havia a de numerosos volumes e animais de um circo que se dirigia ao Recife. Os leões eram de circo; mas, mesmo assim, leões de verdade. O nosso amigo Vidaillet, já em alto mar, sem nenhuma vocação para Santo Elias, passou horas de extrema aflição. Mas as feras se mostraram decentes e não procuraram hostilizar o intruso. Quando o taifeiro veio dar comida aos leões, o pobre clandestino pediu socorro. Retiraram-no dali e o comandante o amparou. Vidaillet é hoje o maior amigo dos leões, pois êstes animais ferozes, não foram amigos da onça...

★

QUESTÃO DE HORÁRIO



Está tomando vulto entre os senhores deputados esta questão de horário de trabalho na Câmara Legislativa da União: como devem trabalhar os senhores deputados: no horário matinal, ou no vesperal? O assunto pode parecer bisantino e ocioso, pois, para os que têm vontade mesmo de lutar pela vida, tanto faz durante a primeira metade do dia, como depois das doze badaladas. Todos sabemos, naturalmente que os nossos deputados são homens dispostos a trabalhar em benefício da Pátria. Por isso, vença a corrente encabeçada pelo ex-Presidente da Câmara, Sr. Samuel Duarte, vença a do Sr. Joaquim Ramos, de Santa Catarina, o fato é que haverá sempre trabalho para os nossos distintos licurgos. Um dos nossos vespertinos estêve a conversar com o secretário geral da Presidência da Câmara dos Deputados, prof. Nestor Massena, obtendo dêste, paciente e curioso retrospecto histórico do que já se fêz e se executou em nossa Câmara baixa, em relação a horários de sessões. A começar das sessões da Assembléia Constituinte e Legislativa do Império (primeiro reinado), o período de trabalho dos senhores deputados imperiais era de quatro horas, indo das oito da manhã ao meio-dia. Como vemos, os legisladores da velha guarda eram madrugadores. Sempre que houve alteração, tudo ficava inscrito em horários a começar pela manhã. Parece que a mudança do horário matinal para o de depois das doze, começou com a república. Ia das 13 às 15 horas, isto é, sempre as quatro horas de trabalho. Atualmente o horário vai das 14 horas às 18. E' contra isso que se levanta o Sr. Samuel Duarte. Acham muitos que é melhor começar pela manhã. Outros, que é muito incômodo, pois os congressistas gostam de dormir até tarde. **Noblesse oblige**... Mas há um que acha preferível dividir: três dias pela manhã; três à tarde. Êsse legislador tem o espírito de Salomão: **in medio virtus**. Menos o seu subsídio, é claro...

★

ENTRE O CÉU E A TERRA



Sempre que uma dessas prolongadas sêcas aflige os sertões do nordeste, muita literatura vem à tona contando o horror dessas desgraças cíclicas contra as quais nossos governos não encontram paradeiro, ou, pelo menos, atenuantes. São numerosos os romances, as novelas, os contos e os poemas sôbre os efeitos calamitosos das sêcas. Mas, através da ficção e do valor inventivo dos poetas, há episódios de sensacional efeito psicológico, capazes de inspirar outros Homeros dêste século XX. Veja o leitor o que acaba de ocorrer com a sertaneja alagoana Maria de Lourdes Gomes, mãe de três filhos menores, casada com um sertanejo dos sertões ressequidos da terra dos marechais e que, com êle e os filhos, empreendeu viagem para o Paraná... a pé! Sabe lá o que é isso... D. Maria de Lourdes meteu o pé no mundo ao lado do seu marido, fugindo do sertão alagoano calcinado, trazendo escanchada à ilharga, a pequenina Elenira, de nove meses, que, de légua em légua, passava para o cangote do velho, enquanto ela auxiliava a outra menina de oito anos e animava o de onze, Agenor. Era a família «retirante», a dolorosa expressão de um povo que emigra sem recursos, sem esperanças, sem amparo. Depois de nove meses e vinte e oito dias, atravessando Sergipe, Bahia, Minas, Estado do Rio, chegaram ao Distrito Federal. Como puderam, Santo Deus! Morando «entre o céu e a terra», disse ela a um repórter. E para onde vão? Querem ir trabalhar no Paraná, Estado que, segundo lhes contaram, não conhece o que é sêca. E' a terra da promissão. Maria de Lourdes, seu marido e o filho mais velho (onze anos) são da enxada e da foice. Topam qualquer trabalho de roça. Mas estão exaustos. Não é possível submeter as crianças a tamanho sacrifício. E êles mesmos, os pais, acham que a odisséia foi terrível. Mas querem trabalhar na roça, pois sempre ouviram dizer que isto aqui é um país essencialmente agrícola...



A DOUTORA VIRGÍNIA EVANS, do «Instituto Nacional do Câncer», dos Estados Unidos, examinando material para pesquisas científicas. Anualmente morrem de câncer naquele país 200 mil pessoas, enquanto o Estado dispende, por ano, 25 milhões de dólares em pesquisas para combater a terrível doença.



ÊSTE É TOMMY PAIVA, que, faz pouco tempo, caiu da janela do apartamento de seus pais, ao solo, numa altura de cêrca de 35 metros. Tôda a cidade de Nova York se interessou pela sorte do pequeno, que está em tratamento num hospital, tendo apenas fraturado o tornozelo. Recorde de salto.

OS TRISTES DIAS DE MME. PETAIN

DE ESPÔSA DE UM MARECHAL DE FRANÇA, À HUMILDADE DE MULHER DE UM SENTENCIADO



O MARECHAL PETAIN, cumprindo pena na fortaleza da ilha de Yeu, conversa com um dos guardas da prisão.

A 24 de abril último, fêz o marechal Felipe Petain, noventa-e-cinco anos de idade. Sua mulher, Mme. Leonie Petain, que hoje está com setenta-e-quatro longos anos de grandeza e sofrimentos, foi à prisão de Yeu a fim de comemorar um dia que já foi um dos mais felizes de seu lar e que hoje encerra a mais melancólica e dolorosa das saudades.

A senhora Petain recebe uma pensão de vinte mil francos que o Tesouro de França lhe paga. O dinheiro já não representa para essa mulher e mártir do destino, senão uma circunstância da vida, e nada mais. Durante a recente crise por que passou o seu espôso, ela procurou conseguir que as autoridades de Paris o transferissem para um local mais conveniente, onde o clima fôsse mais tropical.

Bordeus ou Biarritz. Ela, por sua vez, portadora de sério distúrbio cardíaco, muito sofre com o clima da prisão da fortaleza de Pierre-Levée. Ambos, ela e o espôso, estão na iminência de um desenlace fatal, se não vier, em tempo, a providência por que tanto luta desde que seu marido começou a piorar de saúde.

A 24 de abril, quando o herói de Verdun completava o seu 95º aniversário, ela, mais uma vez, como sucede todos os dias, foi vê-lo e apresentar-lhe seu abraço de felicitações. Tudo apenas como praxe e tradição, uma vez que, nem ela, nem êle, sentiam prazer no transcurso de um evento que já constituiu motivo de orgulho e regozijo do próprio povo francês.

O bôlo, com as suas noventa-e-cinco velinhas, mais parecia uma coroa de espinhos do que um bôlo de aniversário. E Mme. Petain, cujos olhos já não podem mais guardar lágrimas para chorar, apenas as mirava como um coração despedaçado que sofre dia a dia de um passado que já parece completamente morto. Ela é uma espôsa e mãe cujos dissabores não têm semelhanças nos tempos atuais. Silenciosa, recolhida à sua desdita, espera heròicamente o desfecho do drama.



AO SABER que a saúde de seu espôso, o marechal Felipe Petain, estava declinando sensìvelmente, sua espôsa, Leonie Petain foi visitá-lo na prisão. Aqui a vemos a caminho do cárcere, vinda de um hotel em Port-Joinville. Todos os dias Mme. Petain fazia êsse trajeto, até que o marido melhorou um pouco e passou a crise.





QUATRO aspectos da lenta agonia de uma mulher que já foi uma das mais glorificadas de sua Pátria. Mme. Petain, na primeira foto à esquerda, olha para o exterior do seu modesto quarto onde se hospeda. Tem ela atualmente 74 anos. Na outra, a espôsa de Petain relembra que esperava ver o velho soldado transferido para Biarritz ou Boudeaux, em virtude de melhor clima para êle e ela. O filho de Petain e sua mãe, saindo para a visita ao marechal. Na última, uma cena emocionante: — a mulher de Petain coloca a nonagésima quinta vela ao bolo de aniversário do marido, ocorrido a 24 de abril presente passado.





MEUS AMIGOS, OS BICHOS

EU tinha meus dez ou doze anos de idade, quando recebi, de presente, trazidos por meu pai, dois livros que seriam o meu primeiro contato com o mundo do espírito. Preciso dizer que o fato não teve qualquer semelhança — com as apresentações formais de amigos momentâneos, no virar de uma esquina ou à banca de um "café", episódios que nunca deixam de ter como epílogo o abominável "prazer em conhecê-lo", embora no dia seguinte a vida continue sem o menor vestígio da aproximação forçada. Não, êsses dois "personagens" que meu pai me apresentou — quando eu principiava a crescer, para a adolescência, acompanharam-me, ou eu os acompanhei até hoje.

Um, era a vida de Bonaparte, em edição popular e linguagem acessível, exibindo na capa, em litografia ordinária, o maior imperador que teve o mundo, escanchado num cavalo branco, com aquêle seu mui conhecido ar introspectivo e cismador.

O outro, contava a história de "Iracema", a virgem cabocla que tinha "os cabelos mais negros que a asa da graúna" e os "lábios mais doces que o favo da jatí". Do ponto-de-vista pedagógico, não sei se a orientação do meu progenitor estava correta. Desconfio que não. Mas isso fica por conta da "non chalance" dos antigos, com respeito a êsses graves problemas da família.

Tenho certeza, porém, de que a demora de Gruchy no socorro tão necessário e fatal a Bonaparte, na hora mais aflitiva de sua carreira de conquistador, ficou-me no espírito de menino, enterrada como um espinho dolorosíssimo. Só hoje, fazendo a curva para a reta final, é que descubro uma extraordinária semelhança entre aquela amargura que me sulcava o coração, reagindo inùtilmente aos imperativos dos fatos, e aquela da "Menina do Chocolate" rediviva que, assistindo ao desenrolar rumoroso da revolução francesa, num cinema, machucava o lencinho e mordia o beiço, fazendo promessas para Maria Antonieta não morrer, enquanto caiam lágrimas em borbotões dos seus olhos muito langorosos e vulgares, apesar de tôdas as patacas do paizinho milionário. Decerto, que isso não escandalizaria o velho Disraeli, — tão indulgente com as tolices de sua cara-metade quanto fascinado — por seu devotamento, do que é paradigma o estoicismo com que ela sofreu o esmagamento de uma das mãos, ao fechar da portinhola do carro que conduzira a ambos, no dia em que o político faria o seu "debut", como primeiro-ministro, na Câmara dos Comuns, contanto que o "Dise" não soubesse do acidente e não viesse a perder a euforia tão necessária naquele instante memorável.

Da vida de "Iracema", não logrei extirpar a tristeza suplicante que me causou a partida do "Guerreiro Branco" que se foi para não mais voltar, deixando a companheira imersa na mais pungente e esmagadora nostalgia, olhando o mar e olhando o céu, embalada numa esperança fugidia e impossível.

Nada, porém, me fêz sangrar tanto o coração de menino como a história do "Fiel", o pobre cão vadio, que não tinha coleira e nem pagava impôsto", e que, atirado às ondas numa noite fria, com um pêso atado ao pescoço pelo próprio dono, já saturado de sua companhia, pois enriquecera, esquecendo as velhas amizades, ainda assim, convocando as últimas energias, conseguira salvar o "gorro do pintor", aliás um bom patife, indo restituir, exangue, à sua porta, a preciosa oferenda da noiva, expirando então, como um velho soldado que cumprisse o dever para com a pátria.

Lembro-me, — ah! se me lembro — quando minha santa mãe, à luz trêmula de um candieiro de querozene, pois luz elétrica para gente pobre era luxo, desfiava a "via crucis" do "Fiel", ao passo que eu sentia um nó na garganta, e na bôca, o sal das minhas lágrimas de menino pobre e feliz... Por que o pintor fôra tão cruel, impiedoso e inexorável, com o amigo que lhe aparecera num momento em que êle era um escombro, um réprobo, um pobre diabo, enfim? Era a pergunta que nunca tinha resposta no meu cérebro infantil, até que comecei a conviver com os homens e a disputar a vida. A bem dizer, e ressalvando a blasfemia da expressão, adoro os animais, e estou quase certo de que êsse afeto que há dentro de mim, inato, decorre de uma quase instintiva vocação por me encontrar sempre ao lado do fraco, do oprimido, do indefeso. E confesso, jamais pratiquei a vilania de injuriar a raça canina, chamando "cachorro" a um "tubarão" qualquer, dêsses que vão comendo as últimas reservas da nacionalidade e entregando o Brasil, de mão beijada, ao extremismo, que já está sofrendo de indigestão de tanta coisa boa deglutir à guisa de aperitivo.

Nunca esqueci a cadelinha "vira-lata", que alta noite, em certo município do interior de Pernambuco, tanto grunhiu, e puxou o lençol de um meu parente que dormia a sono sôlto, que êle acordou e meteu chumbo num salteador assassino que já tinha meio-corpo dentro de casa, através da parede frágil.

Quando me quiserem ver satisfeito, contem-me a proeza de um São Bernardo, e quando me quiserem ver mais satisfeito ainda, digam-me que um miúra, bufando de cólera e despêro, conseguiu levantar nas suas aspas o corpanzil de um dêsses selvagens que chamam de "toureiros", e que enchem de gôzo a multidão histérica e primitiva.

E', realmente, pobre de espírito e digno de comiseração o indivíduo que se dá ao esporte de segregar o pássaro, e que se diverte com a sua música, como se esta fôra aprendida na gaiola, quando não é mais do que a sua linguagem nativa de quem provou a librdade.

Exultei com o quixotismo de Costa Rêgo, que, certa ocasião, procedente do interior de Alagoas, de que era então Governador, veio trazendo, presos, quantos encontrara na estrada formando rodas nas rinhas de galo, distração bárbara, assim como também o é, o chamado "tiro aos pombos". Não pode haver coisa mais ignóbil do que se propinar doses maciças de excitantes ao cavalo de corrida, para gáudio de uma súcia de maníacos, que melhor fariam se ingressassem numa casa de saúde para se recuperarem, se possível fora. Verdadeiramente, quem maltrata, com intenção ou mesmo sem intenção, o animal, não passa de criminoso ou possui vocação para criminoso, e quem o ama não pode deixar de ter alguma coisa de bom no íntimo da personalidade.

Detenho-me extasiado naquele episódio em que o dr. Axel Munth no "Jardin des Plaintes" em Paris, fôra amàvelmente advertido de que não passasse próximo à jaula de certo urso feroz, ao que o criador de "S. Michel" não deu maior importância, terminando por acariciar a cabeça do bicho, até fazê-lo derrear, manso como um cordeiro. E considerara: "Êles não sabem que somos dois compatriotas, distantes da terra querida, e que aqui se encontram".

Fora disto, há encanto e magia naquele outro espisódio, de S. Francisco de Assis trazendo das montanhas o "Irmão Lôbo", que terminou familiarizado na aldeia a ponto de não ser temido por ninguém.

E a propósito, pouca gente sabe que um padre, residente no município de Viçosa, Estado de Alagoas, há muitos anos desaparecido, não resistia ver um animal doente ou faminto. Curava-o ou lhe matava a fome, valendo-lhe a caridade, extraordinária concorrência de bichos no seu terreiro, consumindo-lhe as economias, Deus sabe com que sacrifício ganhas. No dia em que o Padre Cabrita — êsse era o seu nome ou a sua autonomasia — morreu, assistiu-se a um fato, que, talvez nunca houvesse acontecido ou jamais se venha a repetir: o seu entêrro foi acompanhado, até ao cemitério, por uma verdadeira multidão de irracionais, os amigos lealdosos, sinceros e verdadeiramente compungidos. Essa história corre as terras de Alagoas como uma lenda, e é bom que assim seja, para que se torne mais bela e encantadora...

FERNANDO MENDONÇA

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ 7-7-51 ★ N.º 27

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição, 58, 1.º andar, sala 102, tel. 38-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

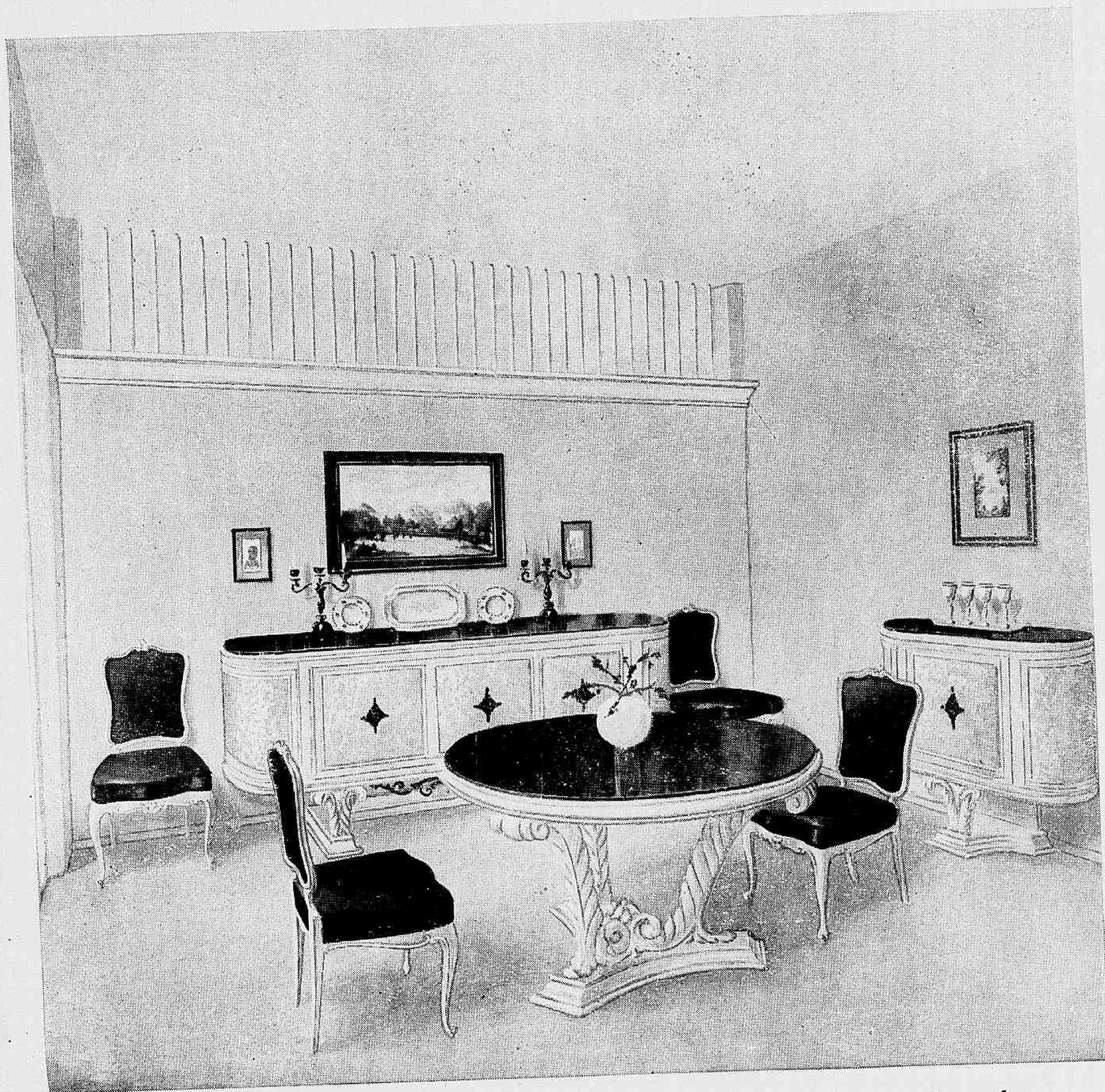
Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570;
Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550;
Fotografia: 22-1013 — Portaria: 22-5692.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



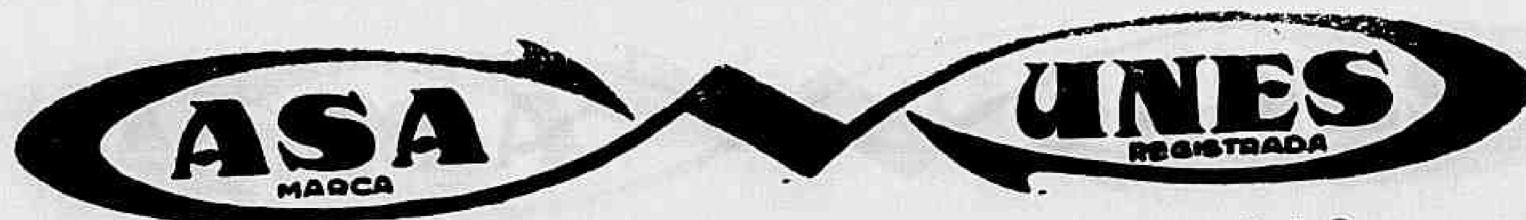
orçamentos executados por técnicos-decoradores

Tapêtes e Passadeiras

de forração, de tôdas as côres e dimensões

Grupos Estofados

— uma especialidade de nossas oficinas —



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO

Quem preza a escultura clássica aprecia Hollywood





O talento do bom conhecedor vai do mais complexo ao mais simples... Quem admira os expoentes da estatuária clássica, um Moisés ou um David de Michelangelo também sabe apreciar um bom cigarro, como Hollywood, o cigarro das pessoas de bom gosto. Tabacos finíssimos, numa composição de felicidade única, fizeram de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira, o cigarro eleito por você!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto **SOUZA CRUZ**